

Papa Francisco



Angelus-Regina Cæli
2021

Editado por 



PAPA FRANCISCO

ANGELUS - REGINA CÆLI 2021

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Angelus - Regina Cæli» do Papa Francisco, inserem-se meditações pronunciadas pelo Santo Padre dirigidas aos fiéis aglomerados na Praça de S. Pedro.

No presente *epub* recolhem-se essas meditações, com início em 1 de Janeiro de 2021.

Textos obtidos a partir de
<https://www.vatican.va>

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

54º DIA MUNDIAL DA PAZ

Sexta-feira, 1º de janeiro de 2021

Queridos irmãos e irmãs, bom dia e feliz Ano Novo!

Comecemos o novo ano colocando-nos sob o olhar materno e amoroso de Maria Santíssima, que a liturgia celebra hoje como Mãe de Deus. Assim, retomamos o nosso percurso pelas veredas do tempo, confiando as nossas angústias e os nossos tormentos àquela que tudo pode. Maria olha para nós com ternura materna tal como olhava para o seu Filho Jesus. E se olharmos para o presépio [virou-se para o presépio montado na sala], vemos que Jesus não está no berço, e dizem-me que Nossa Senhora disse: “Deixai-me pegar um pouco ao colo este meu filho?” E Nossa Senhora faz assim connosco: ela quer estreitar-nos nos seus braços, para nos proteger como protegeu e amou o seu Filho. O olhar tranquilizador e consolador da Santíssima Virgem é um encorajamento para assegurar que este tempo, que nos foi dado pelo Senhor, seja dedicado ao nosso crescimento humano e espiritual, a fim de que seja um tempo para eliminar o ódio e as divisões - existem muitas - um tempo para nos sentirmos mais irmãos, um tempo para construir e não para destruir, cuidando uns dos outros e da criação. Um tempo para fazer crescer, um tempo de paz.

É precisamente para cuidar do próximo e da criação que *o tema do Dia Mundial da Paz*, que hoje celebramos, é dedicado: *A cultura do cuidado como percurso de paz*. Os dolorosos acontecimentos que marcaram o caminho da humanidade no ano passado, especialmente a pandemia, ensinam-nos que é necessário interessar-se pelos problemas dos outros e partilhar as suas preocupações. Esta atitude representa o caminho que conduz à paz, pois favorece a construção de uma sociedade baseada em relações de fraternidade. Cada um de nós, homens e mulheres desta época, é chamado a realizar a paz: cada um de nós, não sejamos indiferentes a isto. Somos todos chamados a realizar a paz e a concretizá-la todos os dias e em todos os ambientes da vida, estendendo a mão ao irmão necessitado de uma palavra de conforto, de um gesto de ternura, de ajuda solidária. E isto, para

nós, é uma tarefa dada por Deus. O Senhor atribui-nos a tarefa de sermos construtores de paz.

E a paz pode ser construída se começarmos a estar em paz connosco - em paz no interior, nos nossos corações - e com aqueles que nos rodeiam, removendo os obstáculos que nos impedem de cuidar dos necessitados e dos indigentes. Trata-se de desenvolver uma mentalidade e uma cultura de “cuidado”, para derrotar a indiferença, para derrotar o descarte e a rivalidade - indiferença, descarte, rivalidade - que infelizmente prevalecem. Remover estas atitudes. E assim a paz não é apenas a ausência de guerra. A paz nunca é asséptica, não, não há paz do *quirofano* [espanhol: “sala de operações”]. A paz está na vida: não é apenas a ausência de guerra, mas é a vida rica de significado, estabelecida e vivida em realização pessoal e em partilha fraterna com os outros. Então essa paz tão desejada e sempre ameaçada pela violência, pelo egoísmo e pela maldade, que aquela paz ameaçada se torna possível e alcançável se eu a considerar uma tarefa que me foi atribuída por Deus.

A Virgem Maria, que deu à luz o «Príncipe da Paz» (*Is 9, 6*) e que o estreita tão ternamente nos seus braços, obtenha para nós do céu o bem precioso da paz, que não pode ser plenamente perseguido apenas pelos esforços humanos. O esforço humano por si só não é suficiente, porque a paz é sobretudo um dom, um dom de Deus; deve ser implorada com oração incessante, sustentada por um diálogo paciente e respeitoso, construída através de uma cooperação aberta à verdade e à justiça e sempre atenta às legítimas aspirações dos indivíduos e dos povos. A minha esperança é que a paz reine no coração das pessoas e das famílias; nos locais de trabalho e de lazer; nas comunidades e nações. Nas famílias, no trabalho, nas nações: paz, paz. Chegou o momento de pensarmos que a vida hoje em dia é governada por guerras, por inimizades, por tantas coisas que destroem... Queremos a paz. E ela é um dom.

No limiar deste início, a todos apresento os meus cordiais votos de um 2021 feliz e sereno. Que cada um de nós procure assegurar que seja um ano de solidariedade fraterna e de paz para todos; um ano cheio de confiança e esperança, que confiamos à proteção de Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Domingo, 3 de janeiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste segundo domingo depois do Natal, a Palavra de Deus não nos oferece um episódio da vida de Jesus, mas fala-nos d'Ele antes que nascesse. Faz-nos retroceder no tempo para revelar algo sobre Jesus antes que Ele viesse entre nós. Fá-lo especialmente no prólogo do Evangelho de João, que começa assim: «No princípio era o Verbo» (*Jo* 1, 1). *No princípio*: estas são as primeiras palavras da Bíblia, as mesmas com as quais começa a narração da criação: «No princípio, Deus criou o céu e a terra» (*Gn* 1, 1). Hoje o Evangelho diz que Aquele que contemplámos no seu Natal, como menino, Jesus, já existia antes: antes do início das coisas, antes do universo, antes de tudo. Ele existe antes do espaço e do tempo. «Nele havia vida» (*Jo* 1, 4) antes que a vida surgisse.

São João chama-Lhe *Verbo*, ou seja, *Palavra*. O que nos quer dizer com isto? A palavra serve para comunicar: não se fala sozinho, fala-se com alguém. Fala-se sempre com alguém. Quando na rua vemos pessoas a falar sozinhas, dizemos: “Esta pessoa não está bem...”. Não, falamos sempre com alguém. Agora, o facto de que Jesus seja desde o princípio a Palavra significa que desde o início Deus quer comunicar connosco, quer falar connosco. O Filho unigénito do Pai (v. 14) quer comunicar-nos a beleza de sermos filhos de Deus; ele é «a verdadeira luz» (v. 9) e quer afastar-nos das trevas do mal; ele é «a vida» (v. 4), que conhece as nossas vidas e quer dizer-nos que as ama desde sempre. Ele ama-nos a todos. Eis a maravilhosa mensagem de hoje: Jesus é a Palavra, a Palavra eterna de Deus, que desde sempre pensa em nós e deseja comunicar connosco.

E para o fazer, foi além das palavras. De facto, no coração do Evangelho de hoje, é-nos dito que a Palavra «se fez carne e veio habitar entre nós» (v. 14). Ele fez-se *carne*: por que São João usa esta expressão, “carne”? Não poderia ter dito, de uma forma mais elegante, que se tornou *homem*? Não, ele usa a palavra *carne* porque indica a nossa condição

humana em toda a sua fraqueza, em toda a sua fragilidade. Diz-nos que Deus se tornou fragilizado a fim de tocar de perto a nossa fragilidade. Portanto, desde que o Senhor se fez carne, nada na nossa vida lhe é desconhecido. Não há nada que Ele desdenhe; podemos partilhar tudo com Ele, tudo. Querido irmão, querida irmã, Deus fez-se carne para nos dizer, para te dizer que te ama precisamente ali, que nos ama ali, nas nossas fragilidades, nas tuas fragilidades; precisamente ali, onde mais nos envergonhamos, onde mais te envergonhas. Isto é ousado, a decisão de Deus é ousada: ele fez-se carne precisamente ali onde tantas vezes nos envergonhamos; ele entra na nossa vergonha, para se tornar nosso irmão, para partilhar o caminho da vida.

Fez-se *carne* e não voltou atrás. Ele não assumiu a nossa humanidade como a roupa que se veste e se despe. Não, ele nunca mais se separou da nossa carne. E nunca se separará: agora e para sempre Ele está no céu com o seu corpo de carne humana. Ele *uniu-se para sempre* à nossa humanidade, poderíamos dizer que se “casou” com ela. Gosto de pensar que quando o Senhor reza ao Pai por nós, não só fala: mostra-lhe as feridas da carne, mostra-lhe as feridas que ele sofreu por nós. Jesus é assim: com a sua carne ele é o intercessor, quis suportar também os sinais de sofrimento. Jesus, com a sua carne está perante o Pai. Na verdade, o Evangelho diz que ele *veio habitar no meio de nós*. Não veio fazer-nos uma visita e depois partiu, veio habitar connosco, para estar connosco. Então o que deseja ele de nós? Deseja uma grande *intimidade*. Ele quer que partilhemos com Ele alegrias e tristezas, desejos e temores, esperanças e tristezas, pessoas e situações. Façamos isto, com confiança: abramos-lhe o nosso coração, digamos-lhe tudo. Façamos uma pausa em silêncio diante do presépio para saborear a ternura de Deus que se fez próximo, que se fez carne. E sem medo, convidemo-lo para a nossa casa, para a nossa família. E também – cada um sabe bem - convidemo-lo para as nossas fragilidades. Convidemo-lo, para que Ele possa ver as nossas feridas. Ele virá e a vida mudará

Que a Santa Mãe de Deus, na qual o Verbo se fez carne, nos ajude a acolher Jesus, que bate à porta do coração para viver connosco.

SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Quarta-feira, 6 de janeiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos a solenidade da Epifania, ou seja, a manifestação do Senhor a todos os povos: com efeito, a salvação realizada por Cristo não conhece fronteiras, é para todos. A Epifania não é outro mistério, é sempre o mesmo mistério da Natividade, mas visto na sua dimensão de luz: luz que ilumina cada homem, luz para ser *acolhida* na fé e luz para *ser levada aos outros* na caridade, no testemunho, no anúncio do Evangelho.

A visão de Isaías, narrada na Liturgia de hoje (cf. 60, 1-6), ressoa no nosso tempo mais atual do que nunca: «A noite cobre a terra e a escuridão, os povos» (v. 2). Neste horizonte, o profeta anuncia a luz: a luz concedida por Deus a Jerusalém e destinada a iluminar o caminho de todos os povos. Esta luz tem o poder de atrair todos, próximos e distantes, e todos se põem a caminho para a alcançar (cf. v. 3). Trata-se de uma visão que abre o coração, que alarga o respiro, que convida à esperança. Certamente, as trevas estão presentes e são ameaçadoras na vida de cada pessoa e na história da humanidade, mas a luz de Deus é mais poderosa. Trata-se de acolher, a fim de que possa resplandecer para todos. Mas podemos perguntar-nos: onde está esta luz? O profeta vislumbrou-a de longe, mas já era suficiente para encher o coração de Jerusalém de uma alegria irrefreável.

Onde se encontra esta luz? O evangelista Mateus, por sua vez, narrando o episódio dos Magos (cf. 2, 1-12), mostra que esta luz é o Menino de Belém, é Jesus, mesmo que a sua realeza não seja aceite por todos. Aliás, alguns a rejeitam, como Herodes. Ele é a estrela que apareceu no horizonte, o Messias esperado, aquele através de quem Deus realiza o seu reino de amor, o seu reino de justiça, o seu reino de paz. Ele nasceu não só para alguns mas para todos os homens, para todos os povos. A luz é para todos os povos, a salvação é para todos os povos.

E como se verifica esta “irradiação”? Como se difunde a luz de Cristo em todos os lugares e tempos? Tem o seu método de propagação. Não o faz através dos poderosos meios dos impérios deste mundo, que procuram sempre apoderar-se do domínio sobre ele. Não, a luz de Cristo difunde-se através da proclamação do Evangelho. A proclamação, a palavra e o testemunho. Com o mesmo “método” escolhido por Deus para vir entre nós: a encarnação, isto é, aproximar-se do outro, conhecendo-o, assumindo a sua realidade e dando o testemunho da nossa fé, cada um de nós. Só assim a luz de Cristo, que é Amor, pode resplandecer em quantos a acolherem, atraindo outros. A luz de Cristo não se propaga apenas com palavras, com métodos falsos, empresariais... Não, não! A fé, a palavra, o testemunho: assim se difunde a luz de Cristo. Cristo é a estrela, mas também nós podemos e devemos ser a estrela para os nossos irmãos e irmãs, como testemunhas dos tesouros de bondade e de infinita misericórdia que o Redentor oferece gratuitamente a todos. A luz de Cristo não se propaga por proselitismo, mas por testemunho, pela confissão da fé. Até pelo martírio!

Portanto, a condição é acolher em nós esta luz, acolhê-la cada vez mais. Ai de nós se pensarmos que a possuímos, ai de nós se pensarmos que só devemos “geri-la”! Também nós, como os Magos, somos chamados a deixar-nos sempre fascinar, atrair, guiar, iluminar e converter por Cristo: é o caminho da fé, através da oração e da contemplação das obras de Deus, que nos enche continuamente de alegria e de admiração, uma admiração sempre nova. A admiração é sempre o primeiro passo para ir em frente nesta luz.

Invoquemos a proteção de Maria sobre a Igreja universal, para que possa difundir no mundo inteiro o Evangelho de Cristo, luz de todas as nações, luz de todos os povos!

Domingo, 10 de janeiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos o Batismo do Senhor. Há alguns dias deixámos o menino Jesus, visitado pelos Magos; agora encontramos-lo adulto nas margens do Jordão. A Liturgia faz-nos dar um salto de quase trinta anos, trinta anos dos quais sabemos uma coisa: foram anos de vida escondida, que Jesus passou em família – primeiro, alguns anos no Egito, como migrante fugido da perseguição de Herodes, os outros em Nazaré, aprendendo o ofício de José - em família obedecendo aos pais, estudando e trabalhando. É impressionante que a maior parte do tempo do Senhor na Terra tenha sido passado desta forma, vivendo a vida quotidiana, sem aparecer. Pensemos que, de acordo com os Evangelhos, foram três anos de pregações, milagres e muitas coisas. Três. E os outros, todos, de vida escondida em família. É uma bela mensagem para nós: revela-nos *a grandeza do dia a dia*, a importância aos olhos de Deus de cada gesto e momento da vida, até o mais simples, o mais escondido.

Após estes trinta anos de vida escondida, começa a vida pública de Jesus. E tem início precisamente com o batismo no rio Jordão. Mas Jesus é Deus, por que se faz batizar? O batismo de João consistia num rito penitencial, era sinal da vontade de se converter, de ser melhor, pedindo perdão pelos próprios pecados. Certamente Jesus não os tinha. De facto, João Batista procura opor-se, mas Jesus insiste. Porquê? Porque quer estar com os pecadores: é por isso que se põe na fila com eles e faz o mesmo gesto. Ele fá-lo com a atitude do povo, com a sua atitude [do povo] que, como diz um hino litúrgico, se aproximava com “nua a alma e nus os pés”. A alma nua, ou seja, sem cobrir nada, pecador. Este é o gesto que Jesus faz, e desce ao rio para se imergir na nossa própria condição. Com efeito, batismo significa precisamente “imersão”. No primeiro dia do seu ministério, Jesus oferece-nos assim o seu “manifesto programático”. Ele diz-nos que não nos salva de cima, com uma decisão soberana ou um ato de força, um decreto, não: salva-nos vindo até nós e assumindo os nossos pecados. É assim que Deus vence o mal do mundo: abaixando-se, e assumindo-o sobre si mesmo. É também o modo como podemos elevar os outros: não julgando, não lhes dizendo o que fazer, mas estando perto deles, partilhando o amor de Deus. A proximidade é o estilo de Deus para connosco; Ele próprio disse a Moisés: “Pensa: que pessoas têm os seus

deuses tão próximos como tu me tens a mim?”. A proximidade é o estilo de Deus para conosco.

Depois deste gesto de compaixão de Jesus, acontece uma coisa extraordinária: os céus abrem-se e a Trindade é finalmente revelada. O Espírito Santo desce sob a forma de pomba (cf. *Mc* 1, 10) e o Pai diz a Jesus: «Tu és o meu Filho muito amado» (v. 11). Deus manifesta-se quando a misericórdia aparece. Não vos esqueçais disto: Deus manifesta-se quando a misericórdia aparece, porque esse é o seu rosto. Jesus faz-se servo dos pecadores e é proclamado Filho; Ele abaixa-se sobre nós e o Espírito desce sobre Ele. O amor chama pelo amor. Também se aplica a nós: em cada gesto de serviço, em cada obra de misericórdia que realizamos, Deus manifesta-se, Deus põe o seu olhar sobre o mundo. Isto é válido para nós.

Mas, mesmo antes que façamos algo, a nossa vida é marcada pela misericórdia que se pousou sobre nós. Fomos salvos gratuitamente. A salvação é gratuita. É o gesto gratuito de misericórdia de Deus para conosco. Sacramentalmente, isto é feito no dia do nosso batismo; mas até aqueles que não são batizados recebem sempre a misericórdia de Deus, porque Deus está lá, à espera, à espera de que as portas dos corações se abram. Ele aproxima-se, ousa dizer, acaricia-nos com a sua misericórdia.

Que Nossa Senhora, a quem agora rezamos, nos ajude a salvaguardar a nossa identidade, ou seja, a identidade de sermos “misericordizados”, que está a base da fé e da vida.

Domingo, 17 de janeiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste segundo domingo do Tempo Comum (cf. *Jo* 1, 35-42) apresenta o encontro de Jesus com os seus primeiros discípulos. A cena tem lugar no rio Jordão, um dia depois do batismo de Jesus. É o próprio João Batista que indica o Messias a dois deles com estas palavras: «Eis o

Cordeiro de Deus!» (v. 36). E aqueles dois, confiando no testemunho do Batista, seguem Jesus. Vendo que o seguiam, perguntou-lhes: «Que procurais?» e eles disseram-lhe: «Mestre, onde moras?» (v. 38).

Jesus não responde: “Moro em Cafarnaum ou Nazaré”, mas diz: «Vinde ver» (v. 39). Não um cartão de visita, mas um convite a um encontro. Os dois seguem-no e naquela tarde permanecem com Ele. Não é difícil imaginá-los sentados a fazer-Lhe perguntas e sobretudo a ouvi-Lo, sentindo o seu coração enternecer à medida que o Mestre fala. Eles apreciam a beleza das palavras que respondem à sua maior esperança. E de repente descobrem que, à medida que a noite cai em seu redor, neles, nos seus corações, irrompe a luz que só Deus pode dar. Uma coisa que chama a atenção: um deles, sessenta anos depois, ou talvez mais, escreveu no Evangelho: «Era cerca da hora décima» (*Jo* 1, 39), mencionou a hora. Isto é algo que nos faz pensar: cada encontro autêntico com Jesus permanece vivo na memória, nunca é esquecido. Esquecemos muitos encontros, mas o verdadeiro encontro com Jesus permanece sempre. E eles, muitos anos mais tarde, lembraram-se até da hora, não podiam esquecer este encontro tão feliz, tão cheio, que tinha mudado a vida deles. Depois, quando se despedem e regressam junto dos seus irmãos, esta alegria, esta luz transborda dos seus corações como um rio em cheia. Um daqueles dois, André, diz ao seu irmão Simão - a quem Jesus chamará Pedro quando o encontrar - «Encontrámos o Messias» (v. 41). Saíram certos de que Jesus era o Messias, certos.

Reflitamos por um momento sobre esta experiência de encontro com Cristo que chama para estar com Ele. Cada chamada de Deus é uma iniciativa do Seu amor. É sempre Ele que toma a iniciativa, Ele chama-nos. Deus chama à *vida*, ele chama à *fé*, e chama a um *estado particular* de vida: «Quero-vos aqui». A primeira chamada de Deus é para a *vida*, com a qual Ele nos constitui como pessoas; é uma chamada individual, porque Deus não faz as coisas em série. Depois, Deus chama à *fé* e a fazer parte da sua família, como filhos de Deus. Por fim, Deus chama-nos a um *estado particular* de vida: para nos doarmos no caminho do matrimónio, no caminho do sacerdócio ou da vida consagrada. Estas são formas diferentes de cumprir o projeto de Deus, o projeto que Deus tem para cada um de nós,

que é sempre um desígnio de amor. Deus chama sempre. E a maior alegria para cada crente é responder a esta chamada, oferecer todo o seu ser ao serviço de Deus e dos seus irmãos.

Irmãos e irmãs, face à chamada do Senhor, que pode chegar até nós de mil maneiras, até através das pessoas, de acontecimentos felizes e tristes, por vezes a nossa atitude pode ser de rejeição - “Não... tenho medo..., rejeito” - porque nos parece estar em contraste com as nossas aspirações; e temos medo, porque a consideramos demasiado exigente e desconfortável: “Oh, não vou conseguir, melhor não, melhor uma vida mais calma... Deus lá, eu aqui”. Mas a chamada de Deus é amor, devemos procurar encontrar o amor que está por detrás de cada chamada, e respondemos a ela só com amor. Esta é a linguagem: a resposta a uma chamada que vem do amor é apenas amor. No início há um encontro, ou melhor, há o encontro com Jesus, que nos fala do Pai, dá-nos a conhecer o seu amor. E então surge espontaneamente em nós também o desejo de comunicar isto às pessoas que amamos: “Encontrei o Amor”, “Encontrei o Messias”, “Encontrei Deus”, “Encontrei Jesus”, “Encontrei o sentido da minha vida”. Numa palavra: “encontrei Deus”.

Que a Virgem Maria nos ajude a fazer das nossas vidas um cântico de louvor a Deus, em resposta à sua chamada e no cumprimento humilde e alegre da sua vontade. Mas lembremo-nos disto: para cada um de nós, na vida, houve um momento em que Deus se fez presente com mais força, com uma chamada. Recordemo-lo. Voltemos àquele momento, para que a memória daquele momento nos renove sempre no encontro com Jesus.

Domingo, 24 de janeiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O trecho do Evangelho deste domingo (cf. *Mc* 1, 14-20) mostra-nos, por assim dizer, a «passagem do testemunho» de João Batista para Jesus. João foi o seu precursor, preparou-lhe o terreno e o caminho: então Jesus pode

começar a sua missão e anunciar a salvação já presente; a salvação era Ele. A sua pregação é resumida nestas palavras: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; fazei penitência e crede no Evangelho» (v. 15). Simplesmente! Jesus não usava meias-palavras. É uma mensagem que nos convida a refletir sobre dois temas essenciais: o *tempo* e a *conversão*.

Neste texto do evangelista Marcos, o *tempo* deve ser entendido como a duração da história da salvação realizada por Deus; portanto, o tempo “cumprido” é aquele em que esta ação salvífica atinge o seu ápice, a plena realização: é o momento histórico em que Deus enviou o seu Filho ao mundo e o seu Reino se tornou mais “próximo” do que nunca. O tempo da salvação cumpriu-se porque veio Jesus. Contudo, a salvação não é automática; a salvação é um dom de amor e, como tal, oferecido à liberdade humana. Quando falamos de amor, falamos sempre de liberdade: um amor sem liberdade não é amor; pode ser interesse, pode ser receio, muitas coisas, mas o amor é sempre livre, e sendo livre requer uma resposta livre: exige a nossa *conversão*. Ou seja, trata-se de mudar a nossa mentalidade - nisto consiste a conversão, mudar a mentalidade - e mudar a nossa vida: já não seguindo os modelos do mundo, mas os de Deus, que é Jesus, seguindo Jesus, como Jesus fez e como Jesus nos ensinou. Trata-se de uma mudança decisiva de visão e atitude. Com efeito, o pecado, especialmente o pecado da mundanidade que é como o ar, permeia tudo, e trouxe uma mentalidade que tende à afirmação de si mesmo contra os outros e também contra Deus. Isto é curioso... Qual é a tua identidade? Muitas vezes ouvimos dizer que se exprime a própria identidade em termos de “contra”. É difícil expressar a própria identidade no espírito do mundo em termos positivos e salvíficos: é contra si mesmo, contra os outros e contra Deus. E para esta finalidade não hesita - a mentalidade do pecado, a mentalidade do mundo - em usar o engano e a violência. Engano e violência. Vejamos o que acontece com o engano e a violência: ganância, desejo de poder e não de serviço, guerras, exploração de pessoas... Esta é a mentalidade do engano que certamente tem a sua origem no pai do engano, o grande mentiroso, o diabo. Ele é o pai da mentira, Jesus defini-o assim.

A mensagem de Jesus opõe-se a tudo isto, convidando-nos a reconhecer a nossa necessidade de Deus e da sua graça; a ter uma atitude equilibrada

em relação aos bens terrenos; a sermos acolhedores e humildes para com todos; a conhecer-nos e a realizar-nos no encontro e no serviço aos outros. Para cada um de nós, o tempo em que podemos acolher a redenção é breve: é a duração da nossa vida neste mundo. É breve! Talvez pareça longo... Lembro-me que fui administrar os Sacramentos, a Unção dos enfermos a um idoso muito bom, muito bondoso, e naquele momento, antes de receber a Eucaristia e a Unção dos enfermos, disse-me esta frase: “A minha vida passou voando”, como se dissesse: acreditei que era eterna, mas... “a minha vida passou voando”. É assim que nós, idosos, sentimos que a vida voa. Acaba! E a vida é um dom do amor infinito de Deus, mas é também um tempo de verificação do nosso amor por Ele. Portanto, cada momento, cada instante da nossa existência é um tempo precioso para amar a Deus e para amar o próximo, e assim entrar na vida eterna.

A história da nossa vida segue dois ritmos: um é mensurável, constituído por horas, dias e anos; o outro é composto pelas fases do nosso desenvolvimento: nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte. Cada vez, cada fase tem o seu valor e pode ser um momento privilegiado de encontro com o Senhor. A fé ajuda-nos a descobrir o significado espiritual destes tempos: cada um deles contém uma particular chamada do Senhor, à qual podemos dar uma resposta positiva ou negativa. No Evangelho vemos como Simão, André, Tiago e João responderam: eram homens maduros, tinham o seu trabalho de pescadores, tinham uma vida familiar... No entanto, quando Jesus passou e os chamou, «eles, no mesmo instante, deixaram as redes e seguiram-no» (Mc 1, 18).

Queridos irmãos e irmãs, prestemos atenção e não deixemos Jesus passar sem o receber. Santo Agostinho dizia: “Tenho medo de Deus, quando Ele passa”. Medo do quê? De não o reconhecer, de não o ver, de não o acolher.

Que a Virgem Maria nos ajude a viver cada dia, cada momento como tempo de salvação, em que o Senhor passa e nos chama a segui-lo, cada um segundo a própria vida. E nos ajude a converter a mentalidade do mundo, a das fantasias do mundo, que são fogos de artifício, para a do amor e do serviço.

Domingo, 31 de janeiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A passagem do Evangelho de hoje (cf. *Mc* 1, 21-28) relata um dia típico no ministério de Jesus; em particular, trata-se de um sábado, dia dedicado ao descanso e à oração; o povo ia à sinagoga. Na sinagoga de Cafarnaum, Jesus lê e comenta as Escrituras. Os presentes são atraídos pela forma como ele fala; eles ficam muito admirados porque demonstra uma autoridade diferente da dos escribas (v. 22). Além disso, Jesus revela-se poderoso também em obras. De facto, um homem na sinagoga vira-se contra ele, interrogando-o como Enviado de Deus; Ele reconhece o espírito maligno, ordena-lhe que saia daquele homem, e assim expulsa-o (vv. 23-26).

Aqui vemos os dois elementos característicos da ação de Jesus: a *pregação* e a *obra taumatúrgica* de cura: prega e cura. Ambos os aspetos são frisados na passagem do evangelista Marcos, mas o mais evidenciado é a pregação; o exorcismo é apresentado como uma confirmação da sua singular “autoridade” e do seu ensinamento. Jesus prega com a própria autoridade, como alguém que possui uma doutrina que extrai de si mesmo, e não como os escribas que repetiam tradições e leis recebidas. Repetiam palavras, palavras, só palavras - como cantava a grande Mina -. Eram assim: só palavras. Ao contrário, em Jesus, a palavra tem autoridade, Jesus tem autoridade. E isto toca o coração. O ensino de Jesus tem a mesma autoridade de Deus que fala; de facto, com um único comando, ele liberta facilmente o possuído pelo maligno e cura-o. Porquê? Porque a Sua palavra realiza o que Ele diz. Porque Ele é o profeta definitivo. Mas porque digo isto, que Ele é o profeta definitivo? Recordemos a promessa de Moisés. Moisés diz: «O Senhor, teu Deus, te suscitará dentre os teus irmãos um profeta como eu: é a ele que deveis ouvir» (cf. *Dt* 18, 15). Moisés anuncia Jesus como o profeta definitivo. Por esta razão [Jesus] fala não com autoridade humana, mas com autoridade divina, porque tem o poder de ser o profeta definitivo, ou seja, o Filho de Deus que nos salva, que nos cura a todos.

O segundo aspeto, o das curas, mostra que a pregação de Cristo tem como objetivo derrotar o mal presente no homem e no mundo. A sua palavra aponta diretamente contra o reino de Satanás, coloca-o em crise e fá-lo retroceder, obriga-o a deixar o mundo. Aquele possuído - aquele homem possuído, obcecado - alcançado pelo comando do Senhor, é libertado e transformado numa nova pessoa. Além disso, a pregação de Jesus pertence a uma lógica oposta à do mundo e do maligno: as suas palavras revelam-se como a viragem de uma ordem errada das coisas. Com efeito, o demónio presente no homem possuído grita quando Jesus se aproxima: «Que tens que ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder?» (v. 24). Estas expressões indicam a total estranheza entre Jesus e Satanás: estão em planos completamente diferentes; não há nada em comum entre eles; são um o oposto do outro. Jesus, com autoridade, que atrai as pessoas com a sua credibilidade, e também o profeta que liberta, o profeta prometido que é o Filho de Deus que cura. Ouvimos as palavras de Jesus que têm autoridade? Sempre, não vos esqueçais, trazei um pequeno Evangelho no bolso ou na bolsa, para o lerdes ao longo do dia, para ouvirdes essa palavra importante de Jesus. E depois, todos temos problemas, todos temos pecados, todos temos doenças espirituais. Peçamos a Jesus: “Jesus, tu és o profeta, o Filho de Deus, aquele que nos foi prometido para nos curar. Cura-me!” Pedir a Jesus a cura dos nossos pecados, dos nossos males.

A Virgem Maria guardou sempre no seu coração as palavras e os gestos de Jesus, e seguiu-o com total disponibilidade e fidelidade. Que ela nos ajude também a ouvi-lo e a segui-lo, a experimentar nas nossas vidas os sinais da sua salvação.

Domingo, 7 de fevereiro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

De novo na praça! O Evangelho de hoje (cf. *Mc* 1, 29-39) apresenta a cura, por parte de Jesus, da sogra de Pedro e depois de muitos outros

doentes e de pessoas que sofrem, que o redeiam. A da sogra de Pedro é a primeira cura de ordem física narrada por Marcos: a mulher estava de cama com febre; a atitude e o gesto de Jesus em relação a ela são emblemáticos: «Aproximando-se dela, tomou-a pela mão e levantou-a» (v. 31), observa o Evangelista. Há muita docilidade neste gesto simples, que parece quase natural: «A febre deixou-a e ela pôs-se a servi-los» (*ibidem*). O poder curativo de Jesus não encontra resistência alguma; e a pessoa curada retoma a sua vida normal, pensando imediatamente nos outros e não em si mesma - e isto é significativo, é sinal de verdadeira “saúde”!

Aquele dia era um sábado. O povo da aldeia espera o pôr do sol e, depois de cumprir a obrigação do descanso, sai e traz a Jesus todos os doentes e os endemoninhados. E Ele cura-os, mas proíbe que os demónios revelem que Ele é Cristo (cf. vv. 32-34). Portanto, desde o início Jesus mostra a sua predileção pelas pessoas que sofrem no corpo e no espírito: é uma predileção de Jesus, aproximar-se das pessoas que sofrem tanto no corpo como no espírito. É a predileção do Pai, que ele encarna e manifesta com obras e palavras. Os seus discípulos foram testemunhas oculares disto, viram-no e depois testemunharam-no. Mas Jesus não queria que eles fossem meros espectadores da sua missão: envolveu-os, enviou-os, deu-lhes também o poder de curar os doentes e expulsar os demónios (cf. *Mt* 10, 1; *Mc* 6, 7). E isto continuou sem interrupção na vida da Igreja, até hoje. E isto é importante. Para a Igreja, cuidar dos doentes de todos os tipos não é uma “atividade opcional”, não! Não é algo acessório, não! Cuidar dos doentes de todos os tipos é parte integrante da missão da Igreja, tal como o era da missão de Jesus. E esta missão consiste em levar a ternura de Deus à humanidade que sofre. Isto ser-nos-á recordado daqui a poucos dias, a 11 de fevereiro, pelo Dia Mundial do Doente.

A realidade que vivemos no mundo inteiro por causa da pandemia torna particularmente atual esta mensagem, esta missão essencial da Igreja. A voz de Job, que ressoa na Liturgia de hoje, volta a ser a intérprete da nossa condição humana, tão elevada em dignidade - a nossa condição humana, altíssima em dignidade - e, ao mesmo tempo, tão frágil! Diante desta realidade, brota sempre no coração a interrogação: “porquê?”.

E a esta pergunta Jesus, Verbo Encarnado, responde não com uma explicação - a isto, porque somos tão elevados na dignidade e tão frágeis na condição, Jesus não responde com uma explicação - mas com uma presença de amor que se inclina, que toma pela mão e levanta, como fez com a sogra de Pedro (cf. *Mc* 1, 31). Inclinar-se para levantar o outro. Não esqueçamos que o único modo lícito de olhar para uma pessoa de cima para baixo é quando estendemos a mão para a ajudar a levantar-se. O único! E foi esta a missão que Jesus confiou à Igreja. O Filho de Deus manifesta o seu Senhorio não “de cima para baixo”, não à distância, mas debruçando-se, estendendo a mão; manifesta o seu Senhorio na proximidade, na ternura e na compaixão. Proximidade, ternura e compaixão são o estilo de Deus. Deus faz-se próximo, e fá-lo com ternura e compaixão. Quantas vezes lemos no Evangelho, diante de um problema de saúde ou de qualquer problema: “Teve compaixão”. A compaixão de Jesus, a proximidade de Deus em Jesus é o estilo de Deus. O Evangelho de hoje recorda-nos também que esta compaixão mergulha as raízes na relação íntima com o Pai. Porquê? Antes da aurora e depois do pôr do sol, Jesus afastava-se e ficava a sós para rezar (cf. v. 35). Disto hauria forças para cumprir o seu ministério, pregando e curando.

Que a Santa Virgem nos ajude a deixar-nos curar por Jesus - todos nós precisamos sempre disto - para que, por nossa vez, possamos ser testemunhas da ternura curativa de Deus!

Domingo, 14 de fevereiro de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

A praça é linda com o sol! É linda!

O Evangelho de hoje (cf. *Mc* 1, 40-45) apresenta-nos o encontro entre Jesus e um homem com lepra. Os leprosos eram considerados impuros e, de acordo com as prescrições da Lei, deviam permanecer fora da cidade. Eram excluídos de todas as relações humanas, sociais e religiosas: por exemplo,

até religiosamente, pois não podiam entrar na sinagoga, não podiam entrar no templo. Jesus, ao contrário, deixa que aquele homem se aproxime dele, comove-se, chega a estender a mão e a tocá-lo. Isto era impensável naquela época. Assim, Ele cumpre a Boa Nova que anuncia: Deus fez-se próximo na nossa vida, tem compaixão pelo destino da humanidade ferida e vem derrubar todas as barreiras que nos impedem de viver a relação com Ele, com os outros e conosco mesmos. Fez-se próximo... Proximidade. Recordai-vos bem desta palavra, proximidade. Compaixão: o Evangelho diz que Jesus, quando viu o leproso, sentiu compaixão por ele. E ternura. Três palavras que indicam o estilo de Deus: proximidade, compaixão, ternura. Neste episódio podemos ver duas “transgressões” que se encontram: a transgressão do leproso, que se aproxima de Jesus - e não podia fazê-lo - e Jesus que, movido pela compaixão, o toca com ternura para o curar - e não podia fazê-lo. Ambos são transgressores. São duas transgressões!

A primeira transgressão é a do leproso: apesar das prescrições da Lei, ele sai do isolamento e vai ao encontro de Jesus. A sua doença era considerada um castigo divino, mas em Jesus ele pode ver outra face de Deus: não o Deus que castiga, mas o Pai da compaixão e do amor, que nos liberta do pecado e nunca nos exclui da sua misericórdia. Desta maneira o homem pode sair do isolamento, pois em Jesus encontra Deus que compartilha a sua dor. A atitude de Jesus atrai-o, impele-o a sair de si mesmo e a confiar a Ele a sua história dolorosa.

E permiti-me aqui que dirija um pensamento a tantos bons sacerdotes confessores que têm esta atitude: de atrair as pessoas, muitas pessoas que se sentem insignificantes, que se sentem “no chão” por causa dos seus pecados... Mas com ternura, com compaixão... São bons aqueles confessores que não andam com o chicote na mão, mas estão prontos para receber, ouvir e dizer que Deus é bom, que Deus perdoa sempre, que Deus não se cansa de perdoar. Hoje peço a todos vós aqui na Praça, a todos, que deis uma salva de palmas a estes confessores misericordiosos. [*aplausos*]

A segunda transgressão é a de Jesus: enquanto a Lei proibia que se tocassem os leprosos, Ele comove-se, estende a mão e toca-o para o curar. Alguém diria: pecou, fez o que a lei proíbe, é um transgressor. É verdade, é

um transgressor. Não se limita às palavras, mas toca-o. E tocar com amor significa estabelecer uma relação, entrar em comunhão, participar na vida do outro, a ponto de partilhar até as suas feridas. Com este gesto, Jesus mostra que Deus não é indiferente, não se mantém à “distância de segurança”; pelo contrário, aproxima-se com compaixão e toca a nossa vida para a curar com ternura. É o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura. A transgressão de Deus; neste sentido, é um grande transgressor.

Irmãos e irmãs, ainda hoje no mundo muitos dos nossos irmãos e irmãs sofrem desta enfermidade, do mal de Hansen, ou devido a outras doenças e condições às quais infelizmente está associado o preconceito social. “Ele é um pecador!”. Pensai naquele momento (cf. *Lc 7, 36-50*), quando aquela mulher entrou no banquete e derramou perfume sobre os pés de Jesus. Os outros disseram: “Mas se Ele fosse um profeta, saberia quem é esta mulher: uma pecadora”. O desprezo. Ao contrário, Jesus recebe, aliás, agradece: “Os teus pecados são-te perdoados”. A ternura de Jesus. E o preconceito social de afastar as pessoas com estas palavras: “Este é impuro, esse é um pecador, aquele é um vigarista, este...”. Sim, às vezes é verdade, mas não tenhamos preconceitos. Pode acontecer a cada um de nós experimentar feridas, fracassos, sofrimentos, egoísmos que nos fecham a Deus e aos outros, porque o pecado nos fecha em nós mesmos, por vergonha, por humilhação, mas Deus quer abrir o coração. Diante de tudo isto, Jesus anuncia-nos que Deus não é uma ideia nem uma doutrina abstrata, Deus é Aquele que se “contamina” com a nossa humanidade ferida e não tem medo de entrar em contacto com as nossas chagas. “Mas padre, o que dizes? Que Deus se contamina?”. Não sou eu que o digo, foi São Paulo quem o disse: fez-se pecado (cf. *2 Cor 5, 21*). Aquele que não é pecador, que não pode pecar, fez-se pecado. Vede como Deus se contaminou para se aproximar de nós, para ter compaixão e para fazer compreender a sua ternura. Proximidade, compaixão e ternura.

Para respeitar as regras da boa reputação e dos costumes sociais, muitas vezes silenciamos a dor ou usamos máscaras para a disfarçar. Para conciliar os cálculos dos nossos egoísmos ou as leis interiores dos nossos medos, não participamos muito no sofrimento dos outros. Ao contrário, peçamos ao Senhor a graça de viver estas duas “transgressões” do Evangelho de hoje. A

do leproso, para termos a coragem de sair do nosso isolamento e, em vez de ficarmos lá a sentir pena de nós próprios ou a chorar pelos nossos fracassos, queixas, em vez disso vamos ter com Jesus tal como somos: “Senhor, sou assim”. Sentiremos aquele abraço, aquele abraço de Jesus que é tão bom! E depois a transgressão de Jesus: um amor que faz vencer as convenções, que faz superar os preconceitos e o medo de nos misturarmos com a vida do outro. Aprendamos a ser “transgressores” como estes dois: como o leproso e como Jesus.

Neste caminho nos acompanhe a Virgem Maria, que agora invocamos na oração do *Angelus*.

Domingo, 21 de fevereiro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Quarta-feira passada, com [o rito penitencial das cinzas](#), começámos o percurso da Quaresma. Hoje, primeiro domingo deste tempo litúrgico, a Palavra de Deus indica-nos o caminho para viver frutuosa e plenamente os quarenta dias que precedem a celebração anual da Páscoa. É o caminho percorrido por Jesus, que o Evangelho, no estilo essencial de Marcos, resume dizendo que antes de começar a sua pregação, ele se retirou durante quarenta dias no deserto, onde foi tentado por Satanás (cf. 1, 12-15). O Evangelista enfatiza que «o Espírito impeliu Jesus para o deserto» (v. 12). O Espírito Santo desceu sobre ele imediatamente após o batismo recebido de João no rio Jordão, o mesmo Espírito impele-o agora a ir para o deserto, para enfrentar o Tentador, para lutar contra o diabo. Toda a existência de Jesus é colocada sob o signo do Espírito de Deus, que o anima, inspira e guia.

Mas pensemos no deserto. Reflitamos um momento sobre este ambiente, natural e simbólico, tão importante na Bíblia. O deserto é o lugar onde Deus fala ao coração do homem, e onde brota a resposta da oração, ou seja, o deserto da solidão, o coração desapegado de outras coisas e sozinho, nesta solidão, abre-se à Palavra de Deus. Mas é também o lugar da

provação e da tentação, onde o Tentador, aproveitando a fragilidade e as necessidades humanas, insinua a sua voz mentirosa, alternativa à de Deus, uma voz alternativa que mostra outro caminho, um caminho de engano. O Tentador seduz. Na verdade, durante os quarenta dias vividos por Jesus no deserto, começa o “duelo” entre Jesus e o diabo, que terminará com a Paixão e a Cruz. Todo o ministério de Cristo é uma luta contra o Maligno nas suas numerosas manifestações: curas de doenças, exorcismos sobre os possuídos, perdão dos pecados. Após a primeira fase em que Jesus demonstra que fala e age com o poder de Deus, parece que o diabo tem a vantagem, quando o Filho de Deus é rejeitado, abandonado e por fim capturado e condenado à morte. Parece que o diabo é o vitorioso. Na realidade, foi precisamente a morte o último “deserto” a atravessar para derrotar definitivamente Satanás e libertar-nos a todos do seu poder. E assim Jesus venceu no deserto da morte para vencer na Ressurreição.

Todos os anos, no início da Quaresma, este Evangelho das tentações de Jesus no deserto recorda-nos que a vida do cristão, nas pegadas do Senhor, é uma batalha contra o espírito do mal. Mostra-nos que Jesus enfrentou voluntariamente o Tentador e o venceu; e ao mesmo tempo recorda-nos que ao diabo é concedida a possibilidade de agir também sobre as tentações. Devemos estar conscientes da presença deste inimigo astuto, interessado na nossa condenação eterna, no nosso fracasso, e preparar-nos para nos defendermos dele e combatê-lo. A graça de Deus assegura-nos, através da fé, oração e penitência, a vitória sobre o inimigo. Mas gostaria de salientar uma coisa: nas tentações Jesus nunca dialoga com o diabo, nunca. Na sua vida, Jesus nunca teve um diálogo com o diabo, nunca. Ou o afasta dos possuídos ou o condena ou mostra a sua malícia, mas nunca dialoga com ele. E no deserto parece haver um diálogo porque o diabo lhe faz três propostas e Jesus responde. Mas Jesus não responde com as suas palavras; responde com a Palavra de Deus, com três passagens da Escritura. E é isto que também todos nós devemos fazer. Quando o sedutor se aproxima, começa a seduzir-nos: “Mas pensa isto, faz aquilo...” A tentação é entrar em diálogo com ele, como fez Eva; e se entrarmos em diálogo com o diabo, seremos derrotados. Colocai isto na cabeça e no coração: nunca dialogar com o diabo, não há diálogo possível. Apenas a Palavra de Deus.

No tempo da Quaresma, o Espírito Santo também nos exorta, como Jesus, a entrar no deserto. Não se trata - como já vimos - de um lugar físico, mas de uma dimensão existencial na qual permanecer em silêncio, escutar a palavra de Deus, «para que a verdadeira conversão se realize em nós» (*Oração da coleta do 1º Domingo da Quaresma B*). Não tenhamos medo do deserto, procuremos mais momentos de oração, de silêncio, para entrarmos em nós mesmos. Não receemos. Somos chamados a caminhar pelas veredas de Deus, renovando as promessas do nosso batismo: renunciar a Satanás, a todas as suas obras e a todas as suas seduções. O inimigo está ali à espreita; estai atentos. Nunca dialogueis com ele. Confiamo-nos à intercessão materna da Virgem Maria.

Domingo, 28 de fevereiro de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Este segundo Domingo da Quaresma convida-nos a contemplar a *transfiguração* de Jesus no monte, diante de três dos seus discípulos (cf. *Mc* 9, 2-10). Pouco antes, Jesus tinha anunciado que em Jerusalém sofreria muito, seria rejeitado e condenado à morte. Então podemos imaginar o que deve ter acontecido no coração dos seus amigos, daqueles amigos íntimos, dos seus discípulos: a imagem de um Messias forte e triunfante é posta em crise, os seus sonhos são destruídos, e são tomados pela angústia diante do pensamento de que o Mestre em quem tinham acreditado seria morto como o pior dos malfeitores. E precisamente naquele momento, com a angústia da alma, Jesus chama Pedro, Tiago e João, e leva-os consigo para o monte.

O Evangelho diz: «Conduziu-os ao monte» (v. 2). Na Bíblia, o monte tem sempre um significado especial: é o lugar elevado, onde o céu e a terra se tocam, onde Moisés e os profetas tiveram a extraordinária experiência do encontro com Deus. Subir ao monte significa aproximar-se um pouco de Deus. Jesus sobe com os três discípulos e param no cimo do monte. Ali, Ele transfigura-se diante deles. O seu rosto radiante e as suas vestes resplandecentes, que antecipam a imagem do Ressuscitado, oferecem

àqueles homens assustados a *luz*, a luz da esperança, a luz *para atravessar as trevas*: a morte não será o fim de tudo, porque se abrirá para a glória da Ressurreição. Assim, Jesus anuncia a sua morte, leva-os ao monte e mostra-lhes o que acontecerá depois, a Ressurreição.

Como exclamou o apóstolo Pedro (cf. v. 5), é bom estar com o Senhor no monte, viver a “antecipação” da luz no centro da Quaresma. É um convite a recordar-nos, especialmente quando passamos por uma provação difícil - e muitos de vós sabeis o que significa passar por uma provação difícil - que o Senhor ressuscitou e não permite que as trevas tenham a última palavra.

Às vezes acontece que passamos por momentos de escuridão na vida pessoal, familiar ou social, e temos medo que não haja uma saída. Sentimo-nos apavorados perante os grandes enigmas, como a doença, a dor inocente ou o mistério da morte. No mesmo caminho de fé, tropeçamos frequentemente face ao escândalo da cruz e às exigências do Evangelho, que nos pede para dedicar a vida ao serviço e para a perder no amor, em vez de a guardar para nós próprios e de a defender. Então, precisamos de outro olhar, de uma luz que ilumine profundamente o mistério da vida e nos ajude a superar os nossos esquemas e os critérios deste mundo. Também nós somos chamados a subir ao monte, a contemplar a beleza do Ressuscitado que acende centelhas de luz em cada fragmento da nossa vida, ajudando-nos a interpretar a história a partir da vitória pascal.

Mas tenhamos cuidado: o sentimento de Pedro, de que «é bom para nós estar aqui», não deve tornar-se *preguiça espiritual*. Não podemos permanecer no monte e desfrutar sozinhos da bem-aventurança deste encontro. É o próprio Jesus que nos reconduz ao vale, entre os nossos irmãos e irmãs, à vida quotidiana. Devemos evitar a preguiça espiritual: estamos bem com as nossas orações e liturgias, e para nós isto é suficiente. Não! Subir ao monte não quer dizer esquecer a realidade; rezar nunca significa evitar as dificuldades da vida; a luz da fé não serve para uma boa emoção espiritual. Não, esta não é a mensagem de Jesus! Somos chamados a experimentar o encontro com Cristo para que, iluminados pela sua luz, possamos propagá-la e fazê-la resplandecer em toda a parte. Acender

pequenas luzes no coração das pessoas; ser pequenas lâmpadas do Evangelho que transmitem um pouco de amor e esperança: esta é a missão do cristão!

Oremos a Maria Santíssima, a fim de que nos ajude a receber com admiração a luz de Cristo, a preservá-la e a partilhá-la.

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO AO IRAQUE

[5-8 DE MARÇO DE 2021]

Domingo, 7 de março de 2021

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Sinto-me agradecido ao Senhor pela oportunidade de vos encontrar esta manhã. Estava ansioso por este momento. Agradeço a Sua Beatitude Patriarca Ignace Youssif Younan as suas palavras de saudação, bem como à Senhora Doha Sabah Abdallah e ao Padre Ammar Yako os seus testemunhos. Contemplando-vos, vejo a diversidade cultural e religiosa do povo de Qaraqosh, e isto mostra algo da beleza que a vossa região tem para oferecer ao futuro. A vossa presença aqui lembra que a beleza não é monocromática, mas resplandece pela variedade e as diferenças.

Simultaneamente, com grande tristeza, olhamos ao nosso redor e vemos outros sinais: os sinais do poder destruidor da violência, do ódio e da guerra. Quantas coisas foram destruídas! E quanto deve ser reconstruído! Este nosso encontro demonstra que o terrorismo e a morte nunca têm a última palavra. A última palavra pertence a Deus e ao seu Filho, vencedor do pecado e da morte. Mesmo no meio das devastações do terrorismo e da guerra podemos, com os olhos da fé, ver o triunfo da vida sobre a morte. Tendes diante de vós o exemplo dos vossos pais e mães na fé, que adoraram e louvaram a Deus neste lugar. Perseveraram com firme esperança no seu caminho terreno, confiando em Deus que nunca dececiona e sempre nos sustenta com a sua graça. A grande herança espiritual que nos deixaram continua a viver em vós. Abraçai esta herança! Esta herança é a vossa força.

Agora é o momento de reconstruir e recomeçar, confiando-se à graça de Deus, que guia o destino de cada homem e de todos os povos. Não estais sozinhos. Solidária convosco está a Igreja inteira, com a oração e a caridade concreta. E, nesta região, muitos vos abriram as portas nos momentos de necessidade.

Queridos amigos, este é o momento de restaurar não só os edifícios, mas também e em primeiro lugar os laços que unem comunidades e famílias, jovens e idosos. Diz o profeta Joel: «Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões» (cf. *Jl* 3, 1). Quando os idosos e os jovens se encontram, que acontece? Os idosos sonham; sonham um futuro para os jovens. E os jovens podem recolher estes sonhos e profetizar, realizá-los. Quando os idosos e os jovens se unem, preservamos e transmitimos os dons que Deus nos oferece. Olhamos para os nossos filhos, sabendo que herdarão não apenas uma terra, uma cultura e uma tradição, mas também os frutos vivos da fé, que são as bênçãos de Deus sobre esta terra. Animo-vos a não esquecer quem sois e donde vindes; a preservar os laços que vos mantêm unidos, a guardar as vossas raízes.

Com certeza há momentos em que a fé pode vacilar, quando parece que Deus não vê nem intervém. Sentistes a verdade disto nos dias mais negros da guerra, e é verdade também nestes dias de crise sanitária mundial e de grande insegurança. Nestes momentos, lembrai-vos que Jesus está ao vosso lado. Não deixeis de sonhar. Não desistais, não percais a esperança. Do Céu, os Santos velam sobre vós: invoquemo-los e não nos cansemos de pedir a sua intercessão. E há também «os santos ao pé da porta (...), que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus» (Francisco, Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 7). Esta terra tem muitos: é uma terra de muitos homens e mulheres santos. Deixai que vos acompanhem para um futuro melhor, um futuro de esperança.

Comoveu-me uma coisa que disse a Senhora Doha: o perdão é necessário por parte daqueles que sobreviveram aos ataques terroristas. Perdão: esta é uma palavra-chave. O perdão é necessário para permanecer no amor, para se permanecer cristão. O caminho para uma cura plena

poderia ainda ser longo, mas peço-vos, por favor, que não desanimeis. É preciso capacidade de perdoar e, ao mesmo tempo, coragem de lutar. Sei que isto é muito difícil. Mas acreditamos que Deus pode trazer a paz a esta terra. Confiamos n'Ele e, unidos a todas as pessoas de boa vontade, dizemos «não» ao terrorismo e à instrumentalização da religião.

Padre Ammar, ao recordar os horrores do terrorismo e da guerra, agradeceu ao Senhor por vos ter sempre sustentado nos momentos bons e maus, na saúde e na doença. A gratidão nasce e cresce, quando recordamos os dons e as promessas de Deus. A memória do passado molda o presente e faz-nos avançar para o futuro.

Em cada momento, demos graças a Deus pelos seus dons e peçamos-Lhe que conceda paz, perdão e fraternidade a esta terra e ao seu povo. Não nos cansemos de rezar pela conversão dos corações e pelo triunfo duma cultura da vida, da reconciliação e do amor fraterno, no respeito pelas diferenças, pelas diversas tradições religiosas, no esforço por construir um futuro de unidade e colaboração entre todas as pessoas de boa vontade. Um amor fraterno que reconheça «os valores fundamentais da nossa humanidade comum, valores em nome dos quais se pode e deve colaborar, construir e dialogar, perdoar e crescer» (Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 283).

Quando chegava de helicóptero, vi a estátua da Virgem Maria sobre esta igreja da Imaculada Conceição e confiei-Lhe o renascimento desta cidade. Nossa Senhora não só nos protege do Alto, mas, com ternura materna, desce até junto de nós. Aqui a sua estátua foi danificada e espezinhada, mas o rosto da Mãe de Deus continua a olhar-nos com ternura. Porque é assim que fazem as mães: consolam, confortam, dão vida. E gostaria de agradecer cordialmente a todas as mães e mulheres deste país, mulheres corajosas que continuam a dar vida não obstante os abusos e as feridas. Que as mulheres sejam respeitadas e protegidas! Que lhes sejam dadas atenção e oportunidades! E agora rezemos juntos à nossa Mãe, invocando a sua intercessão para as vossas necessidades e projetos. Coloco-vos a todos sob a sua proteção. E peço, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim.

Domingo, 14 de março de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste quarto domingo de Quaresma a liturgia eucarística começa com este convite: «Alegra-te, Jerusalém...». (cf. *Is* 66, 10). Qual é a razão desta alegria? Em plena Quaresma, qual é o motivo desta alegria? O Evangelho de hoje diz-nos: Deus «amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna» (*Jo* 3, 16). Esta jubilosa mensagem é o coração da fé cristã: o amor de Deus encontrou o seu ápice no dom do seu Filho à humanidade débil e pecadora. Ele doou-nos o seu Filho, a nós, a todos nós.

Isto manifesta-se no diálogo noturno entre Jesus e Nicodemos, do qual a própria página do Evangelho descreve uma parte (cf. *Jo* 3, 14-21). Nicodemos, como qualquer membro do povo de Israel, aguardava o Messias, identificando-o como um homem forte que iria julgar o mundo com poder. Ao contrário, Jesus põe em crise esta expectativa ao apresentar-se sob três aspetos: o do *Filho do homem* exaltado na cruz; o do *Filho de Deus* enviado ao mundo para a salvação; e o da *luz* que distingue quantos seguem a verdade dos que seguem a mentira. Vejamos estes três aspetos: Filho do Homem, Filho de Deus e luz.

Jesus apresenta-se antes de mais como o *Filho do homem* (vv. 14-15). O texto alude à história da serpente de bronze (cf. *Nm* 21, 4-9) que, pela vontade de Deus, foi levantada por Moisés no deserto quando o povo foi atacado por serpentes venenosas; quem era mordido e olhava para a serpente de bronze ficava curado. Do mesmo modo, Jesus foi levantado na cruz e aqueles que acreditam n'Ele são curados do pecado e vivem.

O segundo aspeto é o do *Filho de Deus* (vv. 16-18). Deus Pai ama os homens ao ponto de “dar” o seu Filho: Ele doou-o na Encarnação e doou-o ao entregá-lo à morte. O propósito do dom de Deus é a vida eterna dos homens: de facto, Deus envia o seu Filho ao mundo não para o condenar,

mas para que o mundo possa ser salvo através de Jesus. A missão de Jesus é uma missão de salvação, de salvação para todos.

O terceiro nome que Jesus se atribui é “*luz*” (vv. 19-21). O Evangelho diz: «a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz» (v. 19). A vinda de Jesus ao mundo provoca uma escolha: quem escolhe as trevas enfrenta um julgamento de condenação, quem escolhe a luz terá um julgamento de salvação. O julgamento é sempre a consequência da livre escolha de cada um: quem pratica o mal procura as trevas, o mal esconde-se sempre, cobre-se. Quem faz a verdade, isto é, pratica o bem, vem à luz, ilumina os caminhos da vida. Quem caminha na luz, quem se aproxima da luz, realiza boas obras. A luz leva-nos a praticar boas obras. É isto que somos chamados a fazer com maior empenho durante a Quaresma: acolher a luz na nossa consciência, para abrir os nossos corações ao amor infinito de Deus, à sua misericórdia cheia de ternura e bondade, ao seu perdão. Não vos esqueçais que Deus perdoa sempre, sempre, se pedirmos humildemente perdão. É suficiente pedir perdão, e Ele perdoa. Desta forma, encontraremos a verdadeira alegria e poderemos regozijar-nos com o perdão de Deus que regenera e dá vida.

Maria Santíssima nos ajude a não ter medo de nos deixarmos “entrar em crise” por Jesus. É uma crise saudável, para a nossa cura; para que a nossa alegria possa ser plena.

Domingo, 21 de março de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste quinto domingo da Quaresma, a liturgia proclama o Evangelho no qual São João relata um episódio que teve lugar nos últimos dias da vida de Cristo, pouco antes da Paixão (cf. *Jo* 12, 20-33). Enquanto Jesus estava em Jerusalém para a Festa da Páscoa, alguns gregos, curiosos acerca do que ele realizava, expressaram o desejo de o ver. Aproximam-se do apóstolo Filipe e dizem-lhe: «Queremos ver Jesus» (v. 21). «Queremos ver Jesus».

Recordemos este desejo: “Queremos ver Jesus”. Filipe fala disso a André e depois, juntos, referem-no ao Mestre. No pedido daqueles gregos podemos entrever o pedido que muitos homens e mulheres, de todos os lugares e épocas, dirigem à Igreja e também a cada um de nós: “Queremos ver Jesus”.

E como responde Jesus a esse pedido? De um modo que nos faz pensar. Diz assim: «É chegada a hora para o Filho do Homem ser glorificado [...] Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, permanece sozinho; mas se morrer, produz muito fruto» (vv. 23-24). Estas palavras parecem não responder à questão posta por aqueles gregos. Na realidade, elas vão mais longe. Com efeito, Jesus revela que Ele, para cada homem que O quiser procurar, é a semente escondida pronta para morrer a fim de dar muito fruto. Como se pretendesse dizer: se me quiserdes conhecer, e se me quiserdes compreender, olhai para o grão de trigo que morre na terra, ou seja, olhai para a cruz.

Isto traz à mente o sinal da cruz, que ao longo dos séculos se tornou o emblema por excelência dos cristãos. Quantos querem “ver Jesus” hoje, talvez vindos de países e culturas onde o cristianismo é pouco conhecido, o que veem em primeiro lugar? Qual é o sinal mais comum que encontram? O crucifixo, a cruz. Nas igrejas, nos lares dos cristãos, usado também no próprio corpo. O importante é que o sinal seja coerente com o Evangelho: a cruz não pode deixar de expressar amor, serviço, dom de si sem hesitações: só assim é verdadeiramente a “árvore da vida”, da vida superabundante.

Ainda hoje muitas pessoas, frequentemente sem o dizer, de uma forma implícita, gostariam de “ver Jesus”, de o encontrar, de o conhecer. A partir disto compreendemos a grande responsabilidade de nós cristãos e das nossas comunidades. Também nós devemos responder com o testemunho de uma vida que se dá em serviço, uma vida que assume sobre si o estilo de Deus - proximidade, compaixão e ternura - e se doa no serviço. Trata-se de lançar sementes de amor não com palavras que voam para longe, mas com exemplos concretos, simples e corajosos, não com condenações teóricas, mas com gestos de amor. Então o Senhor, com a sua graça, faz-nos dar fruto, mesmo quando o terreno é árido devido a desentendimentos,

dificuldades ou perseguições, ou pretensões de legalismos ou moralismos clericais. Este é terreno árido. Então precisamente, na prova e na solidão, quando a semente morre, é o momento em que a vida brota, para produzir frutos maduros no seu tempo. É neste entrelaçamento de morte e vida que podemos experimentar a alegria e a verdadeira fecundidade do amor, que acontece sempre, repito, no estilo de Deus: proximidade, compaixão, ternura.

Que a Virgem Maria nos ajude a seguir Jesus, a caminhar fortes e felizes pelas vias do serviço, para que o amor de Cristo brilhe em todas as nossas atitudes e se torne cada vez mais o estilo da nossa vida quotidiana.

Domingo, 28 de março de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Entramos na [Semana Santa](#). Pela segunda vez, vivemo-la no contexto da pandemia. No ano passado ficamos mais chocados, este ano estamos mais provados. E a crise económica agravou-se.

Nesta situação histórica e social, que faz Deus? Carrega a cruz. Jesus carrega a cruz, ou seja, toma sobre si o mal que tal realidade implica, o mal físico, psicológico e sobretudo espiritual, porque o Maligno se aproveita das crises para semear desconfiança, desespero e discórdia.

Quanto a nós? O que devemos fazer? No-lo mostra a Virgem Maria, a Mãe de Jesus, que é também a sua primeira discípula. Ela seguiu o seu Filho. Assumiu sobre si a sua parte de sofrimento, de obscuridade, de perplexidade, e percorreu o caminho da paixão, mantendo acesa no coração a lâmpada da fé. Com a graça de Deus, também nós podemos percorrer este caminho. E, ao longo da *via-sacra* de todos os dias, encontramos os rostos de tantos irmãos e irmãs em dificuldade: não passemos além, deixemos que o coração se comova de compaixão e aproximemo-nos. No momento, tal

como o Cireneu, podemos pensar: “Por que precisamente eu?”. Mas então descobriremos o dom que, sem o nosso mérito, nos foi concedido.

Oremos por todas as vítimas da violência, em particular por aquelas do atentado que teve lugar esta manhã na Indonésia, diante da Catedral de Makassar.

Que Nossa Senhora nos ampare, ela que nos precede sempre no caminho da fé.

Segunda-feira do Anjo, 5 de abril de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A segunda-feira depois da Páscoa chama-se também Segunda-feira do anjo, porque recordamos o encontro do anjo com as mulheres que tinham ido ao sepulcro de Jesus (cf. *Mt* 28, 1-15). O anjo diz-lhes: «Sei que procurais Jesus, o Crucificado. Não está aqui. Ressuscitou!» (vv. 5-6). Esta expressão “Ressuscitou!” supera as capacidades humanas. Nem sequer as mulheres que tinham ido ao sepulcro, encontrando-o aberto e vazio, podiam afirmar: “Ressuscitou!”, mas dizer apenas que o sepulcro estava vazio. Que Jesus tinha ressuscitado, só o podia dizer um anjo com o poder de ser um anunciador celeste, com o poder concedido por Deus para o dizer, tal como um anjo - somente um anjo - pôde dizer a Maria: «Conceberás um filho [...] Ele será chamado Filho do Altíssimo» (*Lc* 1, 31). É por isso que dizemos que se trata da Segunda-feira do anjo, pois só um anjo com o poder de Deus pode dizer: “Jesus ressuscitou!”.

O evangelista Mateus narra que naquela aurora de Páscoa «houve um violento tremor de terra. Pois um anjo do Senhor desceu do céu, removeu a pedra e sentou-se sobre ela» (cf. v. 2). Aquela grande pedra, que deveria ser o selo da vitória do mal e da morte, foi colocada debaixo dos pés, tornou-se o escabelo do anjo do Senhor. Todos os planos e defesas dos inimigos e dos perseguidores de Jesus foram vãos. Caíram todos os selos. A imagem do

anjo sentado sobre a pedra do sepulcro é a manifestação concreta e visível da vitória de Deus sobre o mal, a manifestação da vitória de Cristo sobre o príncipe deste mundo, a demonstração da vitória da luz sobre as trevas. O túmulo de Jesus não foi aberto por um fenómeno físico, mas pela intervenção do Senhor. O aspeto do anjo, acrescenta Mateus, «resplandecia como relâmpago, e as suas vestes eram brancas como a neve» (v. 3). Estes detalhes são símbolos que afirmam a intervenção do próprio Deus, portador de uma nova era, dos últimos tempos da história, pois com a ressurreição de Jesus começa o último tempo da história, que poderá durar mil anos mas é o último tempo. Diante desta intervenção de Deus, verifica-se uma dupla reação. A dos guardas, que não conseguem enfrentar a força esmagadora de Deus e são abalados por um tremor interior: sentiram-se atordoados (cf. v. 4). O poder da Ressurreição derrubou aqueles que tinham sido utilizados para garantir a aparente vitória da morte. E o que deviam fazer aqueles guardas? Ir ao encontro daqueles que lhes tinham dado ordens para vigiar e dizer a verdade. Estavam diante de uma opção: ou dizer a verdade ou deixar-se convencer por aqueles que lhes tinham dado o mandato de vigiar. E o único modo de os convencer era o dinheiro, e aquelas pobres pessoas, pobres, venderam a verdade e, com o dinheiro no bolso, foram e disseram: “Não, os discípulos vieram e roubaram o corpo”. Até aqui, na ressurreição de Cristo, o “senhor” dinheiro é capaz de ter poder, para a negar. A reação das mulheres é muito diferente, pois elas são expressamente convidadas pelo anjo do Senhor a não ter medo: «Não temais!» (v. 5) e a não procurar Jesus no túmulo. E, no final, não temem!

Das palavras do anjo podemos tirar um ensinamento precioso: nunca nos cansemos de procurar Cristo ressuscitado, que dá vida em abundância a quantos o encontram. Encontrar Cristo significa descobrir a paz do coração. Depois da apreensão inicial, é compreensível, as próprias mulheres do Evangelho experimentam uma grande alegria ao encontrar o Mestre vivo (cf. vv. 8-9). Neste tempo pascal, desejo que todos vivam a mesma experiência espiritual, acolhendo no coração, nos lares e nas famílias o jubiloso anúncio da Páscoa: «Cristo Ressuscitado já não morre, a morte não tem mais poder sobre Ele» (Antífona da Comunhão). Eis o anúncio da Páscoa: “Cristo está vivo, Cristo acompanha a minha vida, Cristo está ao meu lado”. Cristo bate à porta do meu coração para que eu o deixe entrar,

Cristo está vivo. Nestes dias pascais, far-nos-á bem repetir isto: “O Senhor vive!”.

Esta certeza leva-nos a rezar, hoje e durante toda o período pascal: «*Regina Caeli, laetare* - ou seja, Rainha dos Céus, regozija-te». O anjo Gabriel saudou-a assim pela primeira vez: «Ave, cheia de graça!» (Lc 1, 28). Agora a alegria de Maria é completa: Jesus vive, o Amor venceu. Que possa ser também a nossa alegria!

Domingo, 18 de abril de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste terceiro domingo de Páscoa, voltamos a Jerusalém, ao Cenáculo, como que guiados pelos dois discípulos de Emaús, que tinham ouvido com grande emoção as palavras de Jesus ao longo do caminho e depois o reconheceram «ao partir o pão» (Lc 24, 35). Agora, no Cenáculo, Cristo ressuscitado apresenta-se no meio do grupo de discípulos, saudando-os: «A paz esteja convosco!» (v. 36). Mas eles, assustados e perturbados, pensaram que «viam um espírito», assim diz o Evangelho (v. 37). Então Jesus mostra-lhes as feridas do seu corpo e diz: «Vede as minhas mãos e os meus pés – as chagas – sou eu mesmo; palpai-Me e vede» (v. 39). E para os convencer, pede comida e come-a sob os seus olhares atónitos (cf. vv. 41-42).

Há aqui um detalhe nesta descrição. O Evangelho diz que os Apóstolos, «vacilando eles ainda e estando transportados de alegria», não acreditavam. Tal era a alegria que sentiam, que não podiam acreditar que o que viam era verdadeiro. E um segundo detalhe: ficaram estupefactos, surpreendidos; admirados pois o encontro com Deus leva sempre à admiração: vai além do entusiasmo, além da alegria, é outra experiência. E eles rejubilaram, mas um júbilo que os fez pensar: não, isto não pode ser verdade!... É o espanto da presença de Deus. Não vos esqueçais deste estado de espírito, que é tão bom.

Esta página do Evangelho é caracterizada por três verbos muito concretos, que num certo sentido refletem a nossa vida pessoal e comunitária: *ver*, *tocar* e *comer*. Três ações que podem proporcionar a alegria de um verdadeiro encontro com Jesus vivo.

Ver. «Vede as minhas mãos e os meus pés» – diz Jesus. Ver não é apenas olhar, é mais, requer também a intenção, a vontade. É por isso que é um dos verbos do amor. A mãe e o pai veem o filho, os amantes veem-se um ao outro; o bom médico vê o paciente com atenção... Ver é um primeiro passo contra a indiferença, contra a tentação de virar o rosto para o outro lado face às dificuldades e sofrimentos dos outros. Ver. *Vejo* ou *olho* para Jesus?

O segundo verbo é *palpar*. Convidando os discípulos a palpá-lo, a ver que ele não é um fantasma – palpai-me! – Jesus indica a eles e a nós que a relação com Ele e com os nossos irmãos não pode permanecer “à distância”, não existe um cristianismo à distância, não existe um cristianismo apenas ao nível do ver. O amor pede que se veja mas também a proximidade, pede contacto, a partilha da vida. O Bom Samaritano não se limitou a olhar para o homem que encontrou meio morto ao longo do caminho: parou, inclinou-se, ligou as suas feridas, tocou-o, carregou-o no seu cavalo e levou-o para a estalagem. O mesmo seja feito com o próprio Jesus: amá-lo significa entrar numa comunhão de vida, uma comunhão com Ele.

E chegamos ao terceiro verbo, *comer*, que exprime bem a nossa humanidade na sua natural indigência, ou seja, a necessidade de nos alimentarmos para viver. Mas comer, quando o fazemos juntos, em família ou entre amigos, torna-se também uma expressão de amor, uma expressão de comunhão, de festa... Quantas vezes os Evangelhos nos mostram Jesus a viver esta dimensão de convívio! Também como Ressuscitado, com os seus discípulos. Ao ponto que o Banquete eucarístico se tornou o sinal emblemático da comunidade cristã. Comer juntos o Corpo de Cristo: este é o centro da vida cristã.

Irmãos e irmãs, esta página do Evangelho diz-nos que Jesus não é um “fantasma”, mas uma Pessoa viva; que quando Jesus se aproxima de nós

enche-nos de alegria, a ponto de não acreditar, e deixa-nos estupefactos, com aquele espanto que só a presença de Deus dá, porque Jesus é uma Pessoa viva. Antes de tudo, ser cristão não é uma doutrina ou um ideal moral, é a relação viva com Ele, com o Senhor Ressuscitado: vemo-Lo, palmamo-Lo, alimentamo-nos d'Ele e, transformados pelo seu Amor, vemos, palpamos e alimentamos os outros como irmãos e irmãs. A Virgem Maria nos ajude a viver esta experiência de graça.

Domingo, 25 de abril de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste IV domingo de Páscoa, chamado Domingo do Bom Pastor, o Evangelho (Jo 10, 11-18) apresenta Jesus como o verdadeiro pastor, que *defende, conhece e ama* as suas ovelhas

A Ele, Bom Pastor, contrapõe-se o “mercenário”, que não se preocupa com as ovelhas, porque elas não lhe pertencem. Faz este trabalho apenas pelo salário, e não se preocupa em defendê-las: quando o lobo vem, foge e abandona-as (cf. vv. 12-13). Jesus, ao contrário, verdadeiro pastor, *defende-nos* sempre, e salva-nos em muitas situações difíceis, situações perigosas, através da luz da sua palavra e da força da sua presença, que sempre experimentamos, se quisermos ouvir, todos os dias.

O segundo aspeto é que Jesus, bom pastor, *conhece* – o primeiro aspeto: *defende*, o segundo: *conhece* – as suas ovelhas e as ovelhas conhecem-no (v. 14). Como é bom e consolador saber que Jesus nos conhece um por um, que não somos anónimos para Ele, que o nosso nome é conhecido por Ele! Para Ele, não somos “massa”, “multidão”, não. Somos pessoas únicas, cada uma com a própria história, [e Ele] conhece-nos a cada um com a nossa história, cada um com o próprio valor, tanto como criatura como redimidos por Cristo. Cada um de nós pode dizer: Jesus conhece-me! É verdade, é assim: Ele conhece-nos como mais ninguém. Só Ele sabe o que está nos nossos corações, as intenções, os sentimentos mais escondidos. Jesus conhece os nossos méritos e os nossos defeitos, e está sempre pronto para cuidar de nós, para curar as feridas dos nossos erros com a abundância da sua misericórdia. Nele a imagem do pastor do povo de Deus, que os profetas delinearam, realiza-se plenamente: Jesus preocupa-se com as suas ovelhas, reúne-as, enfaixa a que está ferida, cura a doente. Assim podemos ler no Livro do Profeta Ezequiel (cf. 34, 11-16).

Portanto, Jesus Bom Pastor, *defende, conhece e acima de tudo ama* as suas ovelhas. E por esta razão *dá a vida* por elas (cf. Jo 10, 15). O amor pelas ovelhas, ou seja, por cada um de nós, leva-o a morrer na Cruz, porque

a vontade do Pai é que ninguém se perca. O amor de Cristo não é seletivo; abraça todos. Ele próprio nos lembra isto no Evangelho de hoje, quando diz: «Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor» (Jo 10, 16). Estas palavras atestam o seu anseio universal: Ele é pastor de todos. Jesus quer que todos possam receber o amor do Pai e encontrar Deus.

E a Igreja é chamada a levar a cabo esta missão de Cristo. Para além daqueles que frequentam as nossas comunidades, há muitas pessoas, a maioria, que o fazem apenas em casos particulares ou nunca. Mas isto não significa que não são filhos de Deus: o Pai confia todos a Jesus Bom Pastor, que deu a vida por todos.

Irmãos e irmãs, Jesus *defende, conhece e ama* todos nós. Maria Santíssima nos ajude a sermos os primeiros a acolher e a seguir o Bom Pastor, a fim de cooperar com alegria na sua missão.

Domingo, 2 de maio de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho deste 5º Domingo de Páscoa (Jo 15, 1-8), o Senhor apresenta-se como a verdadeira videira e fala de nós como os ramos que não podem viver sem permanecerem unidos a Ele. Diz assim: «Eu sou a videira; vós, os ramos» (v. 5). Não há videira sem ramos, nem vice-versa. Os ramos não são autossuficientes, mas dependem totalmente da videira, que é a fonte da sua existência.

Jesus insiste no verbo “*permanecer*”. Repete-o sete vezes no trecho do Evangelho de hoje. Antes de deixar este mundo e ir para o Pai, Jesus quer assegurar aos seus discípulos que podem continuar a estar unidos a Ele. Diz: «Permanecei em mim e Eu em vós». (v. 4). Este permanecer não é *um permanecer passivo*, um “adormecer” no Senhor, deixando-se embalar pela

vida. Não, não é isto! O permanecer n'Ele, o permanecer em Jesus que Ele nos propõe, é um *permanecer ativo*, e também recíproco. Porquê? Porque sem a videira os ramos não podem fazer nada, precisam da seiva para crescer e dar fruto; mas a videira também precisa dos ramos, porque o fruto não brota do tronco da árvore. Trata-se de uma necessidade recíproca, de um permanecer mútuo para dar fruto. Nós permanecemos em Jesus e Jesus permanece em nós.

Antes de mais, precisamos d'Ele. O Senhor quer dizer-nos que antes de observarmos os seus mandamentos, antes das bem-aventuranças, antes das obras de misericórdia, é necessário estarmos unidos a Ele, permanecer n'Ele. Não podemos ser bons cristãos se não permanecermos em Jesus. Ao contrário, com Ele podemos tudo (cf. *Fl* 4, 13). Com Ele, podemos tudo.

Mas também Jesus, como a videira dos ramos, precisa de nós. Talvez pareça ousado dizer isto, e então perguntemo-nos: *em que sentido Jesus precisa de nós?* Ele precisa do nosso testemunho. O fruto que, como ramos, devemos dar é o testemunho da nossa vida cristã. Depois de Jesus ter subido ao Pai, é tarefa dos discípulos — é a nossa tarefa — continuar a anunciar o Evangelho, com palavras e obras. E os discípulos — nós, discípulos de Jesus — fazemo-lo, dando testemunho do seu amor: o fruto a dar é o amor. Unidos a Cristo, recebemos os dons do Espírito Santo, e assim podemos fazer o bem ao próximo, fazer o bem à sociedade, à Igreja. A partir do fruto, reconhecemos a árvore. Uma vida verdadeiramente cristã dá testemunho de Cristo.

E *como podemos conseguir isto?* Jesus diz-nos: «Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e ser-vos-á feito» (v. 7). Também isto é ousado: a garantia de que o que pedirmos nos será dado. A fecundidade da nossa vida depende da oração. Podemos pedir para pensar como Ele, agir como Ele, ver o mundo e as coisas com o olhar de Jesus. E assim, amarmos os nossos irmãos e irmãs, começando pelos mais pobres e sofredores, como Ele fez, amando-os com o seu coração e trazendo ao mundo frutos de bondade, frutos de caridade, frutos de paz.

Confiemo-nos à intercessão da Virgem Maria. Ela permaneceu sempre totalmente unida a Jesus e deu muito fruto. Que Ela nos ajude a permanecer em Cristo, no seu amor, na sua palavra, para testemunhar no mundo o Senhor Ressuscitado.

Domingo, 9 de maio de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho deste domingo (*Jo 15, 9-17*) Jesus, depois de se ter comparado a si mesmo com a videira e a nós com os ramos, explica qual *fruto* dão aqueles que permanecem unidos a Ele: este fruto é o *amor*. Retoma de novo o verbo-chave: *permanecer*. Convida-nos a permanecer no seu amor, para que a sua alegria esteja em nós e a nossa alegria seja plena (vv. 9-11). Permanecer no amor de Jesus.

Perguntemo-nos: qual é este amor no qual Jesus nos diz para permanecer a fim de ter a sua alegria? Qual é este amor? É o amor que tem origem *no Pai*, pois «Deus é amor» (*1 Jo 4, 8*). Este amor de Deus, do Pai, corre como um rio no Filho Jesus e através d'Ele chega até nós, suas criaturas. De facto, Ele diz: «Como o Pai me amou, também eu vos amei» (*Jo 15, 9*). O amor que Jesus nos dá é o mesmo amor com que o Pai O ama: amor puro, incondicional, amor gratuito. Não pode ser comprado; é gratuito. Doando-o a nós, Jesus trata-nos como amigos – com este amor – fazendo-nos conhecer o Pai, incluindo-nos na sua missão para a vida do mundo.

E depois, podemos formular a pergunta, como permanecemos neste amor? Jesus diz: «Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor» (v. 10). Jesus resumiu os seus mandamentos num só, este: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (v. 12). Amar *como* Jesus ama significa pôr-se ao serviço, ao serviço dos irmãos, tal como Ele o fez ao lavar os pés dos discípulos. Significa também sair de si mesmo, desapegar-se das próprias seguranças humanas, das comodidades mundanas, para se abrir aos outros, especialmente aos mais necessitados. Significa pôr-se à disposição, com o que somos e o que temos. Isto significa amar não com palavras, mas com gestos.

Amar como Cristo significa dizer não a outros “amores” que o mundo nos propõe: amor ao dinheiro – quem ama o dinheiro não ama como Jesus ama – amor ao sucesso, à vaidade, ao poder... Estas formas enganadoras de “amor” afastam-nos do amor do Senhor e levam-nos a tornar-nos cada vez mais egoístas, narcisistas, prepotentes. E a prepotência leva a uma degeneração do amor, a abusar dos outros, a fazer sofrer a pessoa amada. Penso no amor doentio que se transforma em violência – e quantas mulheres são hoje vítimas de violências. Isto não é amor. Amar como o Senhor nos ama significa apreciar a pessoa ao nosso lado, e respeitar a sua liberdade, amá-la como é, não como queremos que seja; como é, gratuitamente. Em última análise, Jesus pede-nos que permaneçamos no seu amor, que habitemos no seu amor, não nas nossas ideias, não no culto de nós mesmos. Quem habita no culto de si mesmo, habita no espelho: sempre a olhar para si. Ele pede-nos para sairmos da pretensão de controlar e gerir os outros. Não controlar, servi-los. Abrir o coração aos outros, isto é amor, e entregar-nos aos outros.

Amados irmãos e irmãs, onde leva este permanecer no amor do Senhor? Onde nos leva? Jesus disse-nos: «Para que a minha alegria esteja em vós e que a vossa alegria seja plena» (v. 11). E a alegria que o Senhor possui, porque Ele está em total comunhão com o Pai, também quer que esteja em nós, pois estamos unidos a Ele. A alegria de saber que somos amados por Deus apesar da nossa infidelidade faz-nos enfrentar as provações da vida com fé, faz-nos atravessar as crises para delas sairmos melhores. É no viver esta alegria que consiste o nosso ser verdadeiras testemunhas, porque a alegria é o sinal distintivo do verdadeiro cristão. O verdadeiro cristão não é triste, tem sempre a alegria dentro dele, até nos maus momentos.

Que a Virgem Maria nos ajude a permanecer no amor de Jesus e a crescer no amor a todos, testemunhando a alegria do Senhor Ressuscitado.

Domingo, 16 de maio de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, na Itália e noutros países, celebra-se a solenidade da Ascensão do Senhor. A página evangélica (Mc 16, 15-20) - a conclusão do Evangelho de Marcos - apresenta-nos o último encontro do Ressuscitado com os discípulos antes de ascender à direita do Pai. Normalmente, como sabemos, as cenas de despedida são tristes, causando a quantos permanecem um sentimento de perda, de abandono; mas nada disto acontece com os discípulos. Apesar da separação do Senhor, eles não se mostram desolados, mas, pelo contrário, alegres e prontos a partir como missionários pelo mundo.

Por que não ficam tristes os discípulos? Por que devemos também nós regozijar-nos ao ver Jesus subir ao céu?

A Ascensão completa a missão de Jesus entre nós. Com efeito, se foi por nós que Jesus desceu do céu, é sempre por nós que Ele sobe. Depois de ter descido à nossa humanidade e de a ter redimido - Deus, o Filho de Deus, desce e faz-se homem, assume a nossa humanidade e redime-a - agora Ele sobe ao céu, levando consigo a nossa carne. É o primeiro homem que entra no céu, pois Jesus é homem, verdadeiro homem, é Deus, verdadeiro Deus; a nossa carne está no céu e isto dá-nos alegria. À direita do Pai encontra-se agora um corpo humano, pela primeira vez, o corpo de Jesus, e neste mistério cada um de nós contempla o seu destino futuro. Não se trata de forma alguma de abandono, Jesus permanece para sempre com os discípulos, connosco. Permanece na oração, pois como homem reza ao Pai, e como Deus, homem e Deus, mostra-lhe as feridas, as chagas com as quais nos redimiu. A oração de Jesus está ali, com a nossa carne: é um de nós, Deus homem, e reza por nós. E isto deve dar-nos segurança, aliás alegria, uma grande alegria! E o segundo motivo de alegria é a promessa de Jesus. Ele disse-nos: «Enviar-vos-ei o Espírito Santo». E ali, com o Espírito Santo, dá-se aquele mandamento que Ele faz precisamente na despedida: «Ide pelo mundo, anunciai o Evangelho!». E é a força do Espírito Santo que nos leva pelo mundo para anunciar o Evangelho. É o Espírito Santo daquele dia, que Jesus prometeu, e nove dias depois veio na festa de Pentecostes. Foi precisamente o Espírito Santo que tornou possível que todos nós sejamos assim hoje. Uma grande alegria! Jesus foi para o céu: o primeiro homem diante do Pai. Partiu com as feridas, que foram o preço da nossa salvação, e

reza por nós. E depois envia-nos o Espírito Santo, promete-nos o Espírito Santo, para irmos e evangelizarmos. Eis o motivo da alegria de hoje, da alegria deste dia da Ascensão.

Irmãos e irmãs, nesta festa da Ascensão, enquanto contemplamos o Céu, para onde Cristo ascendeu e está sentado à direita do Pai, peçamos a Maria, Rainha do Céu, que nos ajude a ser testemunhas corajosas do Ressuscitado no mundo, nas situações concretas da vida.

SOLENIIDADE DE PENTECOSTES

Domingo, 23 de maio de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

O livro dos *Atos dos Apóstolos* (cf. 2, 1-11) narra o que aconteceu em Jerusalém cinquenta dias depois da Páscoa de Jesus. Os discípulos estavam reunidos no cenáculo e com eles estava a Virgem Maria. O Senhor ressuscitado disse-lhes para permanecer na cidade até receber do alto o dom do Espírito. E isto manifestou-se com um «fragor» que, repentinamente, se ouviu vindo do céu, como um «vento impetuoso» que encheu a casa onde eles estavam (cf. v. 2). Portanto, trata-se de uma experiência real mas também simbólica. Algo que aconteceu, mas que também nos transmite uma mensagem simbólica para toda a vida.

Esta experiência revela que o Espírito Santo é como um vento forte e livre, ou seja, dá-nos força e liberdade: um vento forte e livre. Não pode ser controlado, impedido, nem medido; nem sequer se pode prever a sua direção. Não se deixa enquadrar nas nossas exigências humanas - procuramos sempre enquadrar as coisas - não se deixa enquadrar nos nossos esquemas e preconceitos. O Espírito procede de Deus Pai e do seu Filho Jesus Cristo, e irrompe na Igreja, irrompe em cada um de nós, dando vida à nossa mente e ao nosso coração. Como diz o Credo: «É Senhor e dá a vida». Tem o senhorio porque é Deus, e dá vida.

No dia de Pentecostes, os discípulos de Jesus ainda estavam desorientados e apavorados. Ainda não tinham a coragem de sair em público. E também nós, às vezes acontece, preferimos permanecer entre as paredes de proteção dos nossos ambientes. Mas o Senhor sabe chegar até nós e abrir as portas do nosso coração. Ele envia sobre nós o Espírito Santo que nos envolve e vence todas as nossas hesitações, abate as nossas defesas, desmantela as nossas falsas seguranças. O Espírito faz de nós novas criaturas, tal como fez naquele dia com os Apóstolos: renova-nos, faz de nós criaturas novas.

Depois de ter recebido o Espírito Santo, eles deixaram de ser como antes - Ele transformou-os - mas saíram, saíram sem medo e começaram a anunciar Jesus, a pregar que Jesus ressuscitou, que o Senhor está connosco, de tal modo que cada um os compreendia na própria língua. Pois o Espírito é universal, não nos priva das diferenças culturais, diferenças de pensamento, não, é para todos, mas todos o compreendem na própria cultura, na própria língua. O Espírito muda o coração, dilata o olhar dos discípulos. Torna-os capazes de comunicar a todos as grandes obras de Deus, sem limites, indo além das fronteiras culturais e religiosas com as quais estavam habituados a pensar e a viver. Torna os Apóstolos capazes de alcançar os outros, respeitando as suas possibilidades de escuta e de compreensão, na cultura e linguagem de cada um (vv. 5-11). Em síntese, o Espírito Santo coloca em comunicação pessoas diferentes, realizando a unidade e a universalidade da Igreja.

E hoje diz-nos muito esta verdade, esta realidade do Espírito Santo, onde na Igreja existem pequenos grupos que procuram sempre a divisão, separar-se dos outros. Este não é o Espírito de Deus. O Espírito de Deus é harmonia, unidade, une as diferenças. Um bom Cardeal, que foi Arcebispo de Génova, dizia que a Igreja é como um rio: o importante é permanecer dentro; não interessa se estás um pouco deste lado e um pouco do outro, o Espírito Santo faz a unidade. Ele usava a figura do rio. O importante é permanecer na unidade do Espírito e não olhar para as pequenas coisas, se estás um pouco deste lado e um pouco do outro, se rezas desta maneira ou daquela... Isto não vem de Deus. A Igreja é para todos, para todos, como mostrou o Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Hoje peçamos à Virgem Maria, Mãe da Igreja, que interceda para que o Espírito Santo desça em abundância, encha o coração dos fiéis e acenda em todos o fogo do seu amor.

SOLENIIDADE DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Domingo, 30 de maio de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nesta festa celebramos Deus: o mistério de um único Deus. E este Deus é o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Três Pessoas, mas Deus é um só! O Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito é Deus. Mas não são três deuses: é um Deus em três Pessoas. Trata-se de um mistério que nos foi revelado por Jesus Cristo: a Santíssima Trindade. Hoje paramos para celebrar este mistério, pois as Pessoas não são adjetivação de Deus, não. São Pessoas reais, diversas, diferentes; não são - como disse aquele filósofo - “emanações de Deus”, não, não! São pessoas. Há o Pai, a quem rezo com o Pai-Nosso; há o Filho, que me concedeu a redenção, a justificação; há o Espírito Santo, que habita em nós e na Igreja. E isto fala ao nosso coração, porque o encontramos encerrado naquela expressão de São João, que resume toda a Revelação: «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16). O Pai é amor, o Filho é amor, o Espírito Santo é amor. E na medida em que é amor, Deus, não obstante seja um e único, não é solidão, mas comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Pois o amor é essencialmente dom de si, e na sua realidade original e infinita é Pai que se entrega, gerando o Filho que, por sua vez, se entrega ao Pai, e o seu amor recíproco é o Espírito Santo, vínculo da sua unidade. Não é fácil compreender, mas pode-se viver este mistério, todos nós podemos, pode-se vivê-lo em grande medida!

Este mistério da Trindade foi-nos revelado pelo próprio Jesus. Ele fez-nos conhecer o rosto de Deus como Pai misericordioso; apresentou-se a Si mesmo, verdadeiro homem, como Filho de Deus e Verbo do Pai, Salvador que dá a sua vida por nós; e falou do Espírito Santo que procede do Pai e do Filho, Espírito da Verdade, Espírito Paráclito - no domingo passado falámos

sobre esta palavra “Paráclito” - ou seja, Consolador e Advogado. E quando Jesus apareceu aos Apóstolos, depois da ressurreição, Jesus enviou-os para evangelizar «todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19)

Portanto, a festa de hoje faz-nos contemplar este maravilhoso mistério de amor e de luz, do qual derivamos e para o qual se orienta o nosso caminho terrestre.

No anúncio do Evangelho e em todas as formas da missão cristã, não se pode prescindir desta unidade à qual Jesus chama, entre nós, seguindo a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo: não se pode prescindir desta unidade. A beleza do Evangelho deve ser vivida – a unidade - e testemunhada na concórdia entre nós, que somos tão diferentes! E ousar dizer que esta unidade é essencial para o cristão: não se trata de uma atitude, de um modo de dizer, não, é essencial, pois é a unidade que nasce do amor, da misericórdia de Deus, da justificação de Jesus Cristo e da presença do Espírito Santo no nosso coração.

Na sua simplicidade e humildade, Maria Santíssima reflete a Beleza de Deus, Uno e Trino, pois aceitou plenamente Jesus na sua vida. Que Ela sustente a nossa fé e nos torne adoradores de Deus e servidores dos irmãos.

Domingo, 6 de junho de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, na Itália e noutros países, celebra-se a Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo. O Evangelho apresenta-nos a narração da Última Ceia (Mc 14, 12-16, 22-26). As palavras e os gestos do Senhor tocam o nosso coração: Ele toma o pão nas suas mãos, pronuncia a bênção, parte-o e dá-o aos discípulos, dizendo: «Tomai, isto é o meu corpo» (v. 22).

É assim, com simplicidade, que Jesus nos concede o maior sacramento. O seu é um gesto humilde de doação, um gesto de partilha. No ápice da sua

vida, não distribui pão em abundância para alimentar as multidões, mas parte-se a si mesmo na ceia pascal com os discípulos. Deste modo, Jesus mostra-nos que a meta da vida consiste em doar-se, que o mais importante é servir. E hoje encontramos a grandeza de Deus num pedacinho de Pão, numa fragilidade que transborda de amor e de partilha. *Fragilidade* é precisamente a palavra que eu gostaria de frisar. Jesus torna-se frágil como o pão que se parte e se esmigalha. Mas é precisamente na sua fragilidade que está a sua força. *Na Eucaristia, a fragilidade é força*: força do amor que se faz pequeno para ser acolhido e não temido; força do amor que se parte e se divide para alimentar e dar vida; força do amor que se fragmenta para reunir todos nós em unidade.

E há outra força que sobressai na fragilidade da Eucaristia: a força de amar quem erra. Na noite *em que é traído* Jesus dá-nos o Pão da vida. Concede-nos o maior dom enquanto sente no coração o abismo mais profundo: o discípulo que come com Ele, que se serve do mesmo prato, traiçoa-o. E a traição é a maior dor para quem ama. E o que faz Jesus? Reage ao mal com um bem maior. Responde ao “não” de Judas com o “sim” da misericórdia. Não castiga o pecador, mas dá a vida por ele, paga por ele. Quando recebemos a Eucaristia, Jesus faz o mesmo em relação a nós: conhece-nos, sabe que somos pecadores e sabe que cometemos muitos erros, mas não renuncia a unir a sua vida à nossa. Sabe que precisamos disto, pois a Eucaristia não é a recompensa dos santos, não, é o *Pão dos pecadores*. É por isso que nos exorta: “Não tenhais medo! *Tomai e comei!*”

Cada vez que recebemos o Pão de vida, Jesus dá um novo sentido às nossas fragilidades. Recorda-nos que aos seus olhos somos mais preciosos do que pensamos. Diz-nos que se sente feliz quando partilhamos com Ele as nossas fragilidades. Repete-nos que a sua misericórdia não teme as nossas misérias. A misericórdia de Jesus não tem medo das nossas misérias. E acima de tudo, cura-nos amorosamente daquelas fragilidades que não podemos curar sozinhos. Quais fragilidades? Pensemos. A de nutrir ressentimento para com aqueles que nos fizeram mal, não a podemos curar sozinhos; a de nos distanciarmos dos outros e nos isolarmos em nós mesmos, não a podemos curar sozinhos; a de nos comiserarmos e de nos queixarmos sem encontrar a paz, também não a podemos curar sozinhos. É

Ele que nos cura com a sua presença, com o seu Pão, com a Eucaristia. A Eucaristia é remédio eficaz contra estes fechamentos. Com efeito, o Pão da vida cura a rigidez, transformando-a em docilidade. A Eucaristia cura porque une a Jesus: faz-nos assimilar o seu modo de viver, a sua capacidade de se partir a si mesmo e de se entregar aos irmãos, de responder ao mal com o bem. Dá-nos a coragem de sair de nós próprios e de nos debruçarmos com amor sobre as fragilidades dos outros. Como Deus faz em relação a nós. Esta é a lógica da Eucaristia: recebemos Jesus que nos ama e cura as nossas fragilidades para amar os outros e para os ajudar nas suas fragilidades. E isto, durante a vida inteira. Hoje, na Liturgia das Horas, recitamos um hino: quatro versos que são o resumo de toda a vida de Jesus. Dizem-nos que, ao nascer, Jesus se fez companheiro de viagem na vida; depois, na ceia, entregou-se como alimento; em seguida, na cruz, na sua morte, fez-se “preço”, pagou por nós; e agora, reinando nos Céus, é a nossa recompensa que vamos buscar, aquela que nos espera.

Que a Santa Virgem, em quem Deus se fez carne, nos ajude a receber com coração grato o dom da Eucaristia e a fazer também da nossa vida uma dádiva. Que a Eucaristia faça de nós um dom para os outros.

Domingo, 13 de junho de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

As parábolas que a Liturgia de hoje nos apresenta - duas parábolas - inspiram-se precisamente na vida de todos os dias e revelam o olhar atento de Jesus, que observa a realidade e, mediante pequenas imagens quotidianas, abre janelas sobre o mistério de Deus e as vicissitudes humanas. Jesus falava de modo que todos compreendiam, falava com imagens da realidade, da vida diária. Assim, ensina-nos que até as situações de todos os dias, aquelas que às vezes parecem todas iguais e que levamos em frente com distração ou cansaço, são habitadas pela presença oculta de Deus, ou seja, têm um significado. Então, também nós precisamos de um olhar atento, para saber “procurar e encontrar Deus em todas as coisas”.

Hoje Jesus compara o Reino de Deus, isto é, a sua presença que habita o coração das coisas e do mundo, com a semente de mostarda, ou seja, com a semente mais pequenina que existe: é muito pequena! Contudo, lançada na terra, ela cresce até se tornar a maior árvore (cf. *Mc* 4, 31-32). Assim faz Deus. Às vezes a confusão do mundo, com as numerosas atividades que preenchem os nossos dias, impedem-nos de parar para ver como o Senhor guia a história. No entanto - assegura o Evangelho - Deus está em ação, como uma pequena semente boa, que brota silenciosa e lentamente. E, pouco a pouco, torna-se uma árvore frondosa, que dá vida e abrigo a todos. Inclusive a semente das nossas boas obras pode parecer pequena; no entanto, tudo o que é bom, pertence a Deus e, portanto, de modo humilde, lentamente dá fruto. O bem - recordemo-lo - cresce sempre de maneira humilde, de forma oculta, muitas vezes invisível.

Estimados irmãos e irmãs, com esta parábola Jesus quer infundir-nos confiança. Com efeito, em muitas situações da vida pode acontecer que desanimemos, porque vemos a fraqueza do bem em relação à força aparente do mal. E podemos deixar-nos paralisar pela desconfiança, quando constatamos que fizemos esforços, mas não se veem resultados e a parece que a situação nunca muda. O Evangelho pede-nos um olhar novo sobre nós próprios e sobre a realidade; pede-nos um olhar mais amplo, que saibamos ver além, especialmente além das aparências, para descobrir a presença de Deus que, como amor humilde, está sempre em ação no campo da nossa vida e da história. Esta é a nossa confiança, ou seja, é isto que nos dá força para progredir todos os dias com paciência, semeando o bem que há de dar fruto. Como é importante esta atitude, inclusive para sair bem da pandemia! Cultivar a confiança de estar nas mãos de Deus e, ao mesmo tempo, comprometer-nos todos para reconstruir e recomeçar, com paciência e constância.

Até na Igreja a erva daninha da desconfiança pode ganhar raízes, especialmente quando assistimos à crise da fé e ao fracasso de vários projetos e iniciativas. Mas nunca esqueçamos que os resultados da sementeira não dependem das nossas capacidades: dependem da ação de Deus. Compete a nós semear, e semear com amor, com esforço e paciência. Mas a força da semente é divina. Jesus explica-o na outra parábola de hoje:

o agricultor lança a semente e depois não se dá conta do modo como ela frutifica, pois é a própria semente que cresce espontaneamente, de dia, de noite, quando ele menos espera (cf. vv. 26-29). Com Deus, até nos solos mais secos, há sempre esperança de novos rebentos.

Maria Santíssima, a humilde serva do Senhor, nos ensine a ver a grandeza de Deus em ação nas pequenas coisas e a vencer a tentação do desânimo. Confiemos n'Ele todos os dias!

Domingo, 20 de junho de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Na liturgia de hoje narra-se o episódio da tempestade acalmada por Jesus (Mc 4, 35-41). O barco em que os discípulos atravessam o lago é acometido pelo vento e pelas ondas e eles têm medo de afundar. Jesus encontra-se com eles no barco, mas está na popa, deitado na almofada, e dorme. Cheios de medo, os discípulos gritam com Ele: «Mestre, não te importas que pereçamos?» (v. 38).

E muitas vezes também nós, assaltados pelas provações da vida, gritamos ao Senhor: “Por que permaneces em silêncio e não fazes nada por mim?”. Sobretudo quando temos a impressão de afundar, porque esvaece o amor ou o projeto em que tínhamos colocado grandes esperanças; ou quando estamos à mercê das ondas insistentes da ansiedade; ou quando nos sentimos esmagados pelos problemas ou desorientados no meio do mar da vida, sem rota e sem porto. Ou ainda, nos momentos em que falta a força para ir em frente, porque não há trabalho ou um diagnóstico inesperado nos faz temer pela saúde, nossa ou de um ente querido. Há muitos momentos em que nos sentimos numa tempestade, em que nos sentimos quase perdidos.

Nestas situações e em muitas outras, também nós nos sentimos sufocados pelo medo e, como os discípulos, corremos o risco de perder de

vista o que é mais importante. Com efeito, no barco, embora durma, Jesus está presente, e partilha com os seus tudo o que acontece. O seu sono, se por um lado nos surpreende, por outro, põe-nos à prova. O Senhor está ali, está presente; efetivamente, espera - por assim dizer - que o interpelemos, que o invoquemos, que o coloquemos no centro do que vivemos. O seu sono estimula-nos a despertar. Pois para ser discípulo de Jesus, não basta acreditar que Deus está presente, que existe, mas é preciso pôr-se em jogo com Ele, é necessário levantar a voz com Ele. Escutai isto: é preciso *gritar com Ele*. Muitas vezes a oração é um grito: “Senhor, salva-me!”. Hoje, Dia do Refugiado, vi no programa “À sua imagem” muitos que vêm em embarcações e no momento do naufrágio gritam: “Salva-nos!”. A mesma coisa acontece na nossa vida: “Senhor, salva-nos!”, e a oração torna-se um clamor!

Hoje podemos perguntar-nos: quais são os ventos que se abatem sobre a minha vida, quais são as ondas que impedem a minha navegação e colocam em perigo a minha vida espiritual, a minha vida familiar, inclusive a minha vida psíquica? Digamos tudo isto a Jesus, contemos-lhe tudo. Ele deseja isto, quer que nos apeguemos a Ele para encontrar abrigo contra as ondas anómalas da vida. O Evangelho narra que os discípulos se aproximam de Jesus, que o acordam e falam com Ele (cf. v. 38). Eis o início da nossa fé: reconhecer que sozinhos não somos capazes de permanecer à tona, que precisamos de Jesus, como os marinheiros das estrelas para encontrar a rota. A fé começa quando acreditamos que não somos autossuficientes, quando nos sentimos *necessitados de Deus*. Quando vencemos a tentação de nos fecharmos em nós próprios, quando superamos a falsa religiosidade que não quer incomodar Deus, quando clamamos a Ele, Ele pode fazer maravilhas em nós. É a força suave e extraordinária da oração, que faz milagres.

Suplicado pelos discípulos, Jesus acalma o vento e as ondas. E faz-lhes uma pergunta, uma interrogação que também nos diz respeito: «Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?» (v. 40). Os discípulos deixaram-se surpreender pelo medo, pois tinham fixado mais as ondas do que Jesus. E o medo leva-nos a olhar para as dificuldades, para os problemas graves e não para o Senhor, que muitas vezes dorme. Acontece o mesmo connosco: quantas vezes olhamos para os problemas, em vez de ir ter com o Senhor

para depor nele as nossas preocupações! Quantas vezes deixamos o Senhor num canto, no fundo do barco da vida, para o acordar apenas no momento da necessidade! Hoje peçamos a graça de uma fé que não se canse de procurar o Senhor, de bater à porta do seu Coração. A Virgem Maria, que na sua vida nunca deixou de confiar em Deus, volte a despertar em nós a necessidade vital de nos confiarmos a Ele todos os dias.

Domingo, 27 de junho de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho de hoje (cf. *Mc* 5, 21-43) Jesus depara-se com as nossas duas situações mais dramáticas, a morte e a doença. Delas liberta duas pessoas: uma menina, que morre precisamente quando o pai foi pedir ajuda a Jesus; e uma mulher, que tinha fluxo de sangue há muitos anos. Jesus deixa-se tocar pela nossa dor e pela nossa morte, e faz dois sinais de cura para nos dizer que nem a dor nem a morte têm a última palavra. Diz-nos que a morte não é o fim. Ele derrota este inimigo, do qual não nos podemos libertar sozinhos.

Contudo, neste momento em que a doença ainda está no centro das notícias, concentremo-nos no outro sinal, a cura da mulher. Mais do que a sua saúde, eram os seus afetos que estavam comprometidos. Porquê? Tinha fluxo de sangue e por isso, segundo a mentalidade daquela época, era considerada impura. Era uma mulher marginalizada, não podia ter relações estáveis, não podia ter um marido, não podia ter uma família e não podia ter relacionamentos sociais normais, pois era “impura”, sofria de uma doença que a tornava “impura”. Vivia sozinha, com o coração ferido. Qual é a maior doença da vida? O tumor? A tuberculose? A pandemia? Não! A maior doença da vida é a falta de amor, é não conseguir amar. Aquela pobre mulher estava doente, sim, tinha fluxo de sangue, mas, por conseguinte, sofria de carência de amor, pois não podia estar socialmente com os outros. E a cura mais importante é a dos afetos. Mas como encontrá-la? Podemos

pensar nos nossos afetos: estão doentes ou são saudáveis? Estão doentes? Jesus é capaz de os curar!

A história desta mulher sem nome - chamemos-lhe assim, “a mulher sem nome” - na qual todos nos podemos ver, é exemplar. O texto diz que ela tinha feito muitos tratamentos, «gastando tudo o que possuía, sem achar alívio algum; pelo contrário, piorava cada vez mais» (v. 26). Também nós, quantas vezes procuramos remédios errados para saciar a nossa carência de amor? Pensamos que é o sucesso e o dinheiro que nos fazem felizes, mas o amor não se compra, é gratuito. Refugiamo-nos no virtual, mas o amor é concreto. Não nos aceitamos como somos e escondemo-nos por detrás dos truques da exterioridade, mas o amor não é aparência. Procuramos soluções de magos, curandeiros, para depois nos encontrarmos sem dinheiro e sem paz, como aquela mulher. No final ela escolhe Jesus e mistura-se com a multidão para tocar o manto, o manto de Jesus. Ou seja, aquela mulher procura o contacto direto, o contacto físico com Jesus. Especialmente nesta época, compreendemos como são importantes o contacto, as relações. O mesmo é válido para Jesus: às vezes contentamo-nos com a observação de alguns preceitos e com a repetição de orações - muitas vezes como os papagaios - mas o Senhor espera que o encontremos, que lhe abramos o coração, que toquemos o seu manto, como a mulher, para sermos curados. Pois, entrando em intimidade com Jesus, somos curados nos nossos afetos.

É isto que Jesus quer. Com efeito, lemos que, apesar de ser comprimido pela multidão, olhou ao seu redor para procurar quem o tinha tocado. Os discípulos disseram: “Mas olha para a multidão que te comprime...”. Não: “Quem me tocou?”. É o olhar de Jesus: há muitas pessoas, mas Ele vai em busca de um rosto e de um coração cheio de fé. Jesus não olha para o conjunto, como nós, mas olha para a pessoa. Não se detém diante das feridas e dos erros do passado, mas vai além dos pecados e dos preconceitos. Todos nós temos uma história, e cada um de nós, secretamente, conhece bem as coisas más da própria história. Mas Jesus olha para elas a fim de as curar. Ao contrário, gostamos de olhar para as coisas más dos outros. Quantas vezes, quando falamos, caímos em tagarelices, o que significa falar mal dos outros, “esfolar” os outros. Mas olha: que horizonte de vida é este? Não como Jesus, que olha sempre para o

modo de nos salvar, olha para o hoje, para a boa vontade e não para a nossa má história. Jesus vai além dos pecados. Jesus vai além dos preconceitos, não se detém nas aparências, Jesus chega ao coração. E cura precisamente ela, que era rejeitada por todos, uma impura. Chama-lhe com ternura «filha» (v. 34) - o estilo de Jesus era a proximidade, a compaixão e a ternura: “Filha...” - e elogia a sua fé, restituindo-lhe a sua autoconfiança.

Irmã, irmão, estás aqui, deixa que Jesus olhe para ti e cure o teu coração. Também eu o devo fazer: deixar que Jesus olhe para o meu coração e que o cure. E se já experimentaste o seu olhar de ternura sobre ti, imita-o, e faz como Ele. Olha à tua volta: verás que muitas pessoas que vivem perto de ti se sentem feridas e sozinhas, precisam de se sentir amadas: dá o passo. Jesus pede-te que não olhes só para a exterioridade, mas que vás ao coração; um olhar que não julgue - deixemos de julgar os outros - Jesus pede-nos um olhar que não julgue, mas que acolha. Abramos o nosso coração para acolher os outros. Pois só o amor cura a vida, só o amor cura a vida! Que Nossa Senhora, Consoladora dos aflitos, nos ajude a levar uma carícia aos feridos no coração que encontramos no nosso caminho. E não julguemos, não julguemos a realidade pessoal, social, dos outros. Deus ama a todos! Não julgueis, deixai que os outros vivam e procurai aproximar-vos deles com amor.

SOLENIDADE DOS SANTOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

Domingo, 29 de junho de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No centro do Evangelho da liturgia de hoje (Mt 16, 13-19) o Senhor dirige aos discípulos uma pergunta decisiva: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (v. 15). É a interrogação crucial que Jesus nos repete hoje: “Quem sou Eu para ti?”. *Quem sou Eu para ti*, que acolheste a fé mas ainda tens medo de te fazeres ao largo na minha Palavra? *Quem sou Eu para ti*, que és cristão há tanto tempo mas que, desgastado pelo hábito, perdeste o primeiro amor? *Quem sou Eu para ti*, que vives um momento difícil e tens

necessidade de despertar para recomeçar? Jesus pergunta: *Quem sou Eu para ti?* Hoje demos-lhe uma resposta, mas uma resposta que brote do coração. Todos nós, demos-lhe uma resposta que brote do coração!

Antes desta pergunta, Jesus dirigiu aos discípulos outra: «Quem dizem as pessoas que Eu sou?» (cf. v. 13). Tratava-se de uma sondagem para descobrir quais eram as opiniões sobre Ele e a fama de que gozava, mas a notoriedade não interessa a Jesus, não era uma sondagem deste tipo. Então, por que fez Ele esta pergunta? Para frisar uma diferença, que é *a diferença fundamental da vida cristã*. Alguns limitam-se à primeira pergunta, às opiniões, e falam de Jesus; e outros, ao contrário, falam com Jesus, entregando-lhe a vida, entrando em relação com Ele, fazendo a passagem decisiva. É isto que interessa ao Senhor: estar no centro dos nossos pensamentos, tornar-se o ponto de referência dos nossos afetos; ser, em síntese, o amor da nossa vida. Não as opiniões que temos sobre Ele: isto não lhe interessa. A Ele interessa-lhe o nosso amor, se está no nosso coração.

Os Santos que hoje celebramos fizeram esta passagem, tornando-se *testemunhas*. Passar da opinião a ter Jesus no coração: *testemunhas*. Não eram *admiradores*, mas *imitadores* de Jesus. Não eram espetadores, mas protagonistas do Evangelho. Não acreditavam em palavras, mas nos atos. Pedro não falou de missão, viveu a missão. era pescador de homens; Paulo não escreveu livros eruditos, mas cartas vivas, enquanto viajava e testemunhava. Ambos gastaram a vida pelo Senhor e pelos irmãos. E provocam-nos. Pois corremos o risco de permanecer na primeira questão: dar pareceres e opiniões, ter grandes ideias e dizer belas palavras, mas nunca nos colocarmos em jogo. E Jesus quer que nos coloquemos em jogo. Quantas vezes, por exemplo, dizemos que gostaríamos de uma Igreja mais fiel ao Evangelho, mais próxima do povo, mais profética e missionária, mas depois, na prática, nada fazemos! É triste ver que muitos falam, comentam e debatem, mas poucos testemunham. As testemunhas não se perdem em palavras, mas dão fruto. As testemunhas não se queixam dos outros e do mundo, mas começam por si próprias. Lembrem-nos que *Deus não deve ser demonstrado, mas mostrado* com o próprio testemunho; não anunciado com

proclamações, mas testemunhado com o exemplo. A isto chama-se “pôr a vida em jogo”.

Contudo, olhando para a vida de Pedro e Paulo, pode surgir uma objeção: ambos foram testemunhas, mas nem sempre exemplares: foram pecadores! Pedro negou a Jesus e Paulo perseguiu os cristãos. Mas - eis a questão - eles testemunharam também as suas quedas. São Pedro, por exemplo, poderia ter dito aos Evangelistas: “Não escrevais os erros que eu cometi”, fizeti um Evangelho *for sport*. Ao contrário, a sua história sai nua, sai crua dos Evangelhos, com todas as suas misérias. São Paulo faz o mesmo, e nas suas cartas narra erros e fraquezas. É por aqui que a testemunha começa: pela verdade sobre si própria, pela luta contra as próprias duplicidades e falsidades. O Senhor pode fazer grandes coisas através de nós, quando não nos preocupamos em cuidar de defender a nossa imagem, mas quando somos transparentes com Ele e com o próximo. Caros irmãos e irmãs, hoje o Senhor interpela-nos. E a sua pergunta é a mesma: *Quem sou Eu para ti?* Escava dentro de nós. Através das suas testemunhas Pedro e Paulo, exorta-nos a abandonar as nossas máscaras, a renunciar às meias-medidas, às desculpas que nos tornam mornos e medíocres. Nossa Senhora, Rainha dos Apóstolos, nos ajude nisto. Acenda em nós o desejo de dar testemunho de Jesus!

Domingo, 4 de julho de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho que lemos na liturgia deste domingo (*Mc 6, 1-6*) fala-nos da incredulidade dos concidadãos de Jesus. Depois de ter pregado noutras aldeias da Galileia, Ele regressa a Nazaré, onde tinha crescido com Maria e José, e num sábado começa a ensinar na sinagoga. Muitos que o ouviam perguntam: «De onde vem toda esta sabedoria? Mas, não é ele o filho do carpinteiro e de Maria, isto é, dos nossos vizinhos que conhecemos bem?» (cf. vv. 1-3). Perante esta reação, Jesus afirma uma verdade que também se tornou parte da sabedoria popular: «Um profeta só é desprezado na sua

pátria, entre os seus parentes e em sua própria casa» (v. 4). Dizemos isto muitas vezes...

Detenhamo-nos na atitude dos concidadãos de Jesus. Poderíamos dizer que eles *conhecem Jesus, mas não o reconhecem*. Há uma diferença entre conhecer e reconhecer: com efeito, esta diferença faz-nos compreender que podemos conhecer várias coisas sobre uma pessoa, ter uma ideia, confiar no que os outros dizem sobre ela, talvez até encontrá-la de tempos a tempos na vizinhança, mas tudo isto não é suficiente. Eu diria que se trata de um conhecimento comum e superficial, que não reconhece a singularidade dessa pessoa. É um risco que todos corremos: pensamos que sabemos muito sobre uma pessoa, e o pior é que a rotulamos e fechamos nos nossos preconceitos. Do mesmo modo, os compatriotas de Jesus conhecem-no há trinta anos e pensam que sabem tudo! «Mas não é este o rapaz que vimos crescer, o filho do carpinteiro e de Maria? Mas de onde lhe vêm, estas coisas». A desconfiança... na verdade, nunca repararam quem é realmente Jesus. Limitam-se à exterioridade e rejeitam a novidade de Jesus.

E aqui entramos diretamente no cerne do problema: quando deixamos prevalecer o conforto do hábito e a ditadura dos preconceitos, é difícil abrimo-nos à novidade e deixarmo-nos surpreender. Controlamos: com o hábito, com os preconceitos... Muitas vezes acabamos por procurar a confirmação das nossas ideias e esquemas de vida, das experiências e até das pessoas, para nunca termos de fazer o esforço de mudar. E isto também pode acontecer com Deus, precisamente para nós crentes, para nós que pensamos conhecer Jesus, que já sabemos tanto sobre Ele e que é suficiente repetirmos as mesmas coisas de sempre. E isto não é suficiente, com Deus. Mas sem abertura à novidade e acima de tudo - escutai bem - abertura às surpresas de Deus, sem espanto, a fé torna-se uma ladainha cansada que morre lentamente e se torna um hábito, um hábito social. Eu disse uma palavra: espanto. O que é o espanto? O espanto é precisamente quando o encontro com Deus acontece: «Encontrei o Senhor». Mas leiamos o Evangelho: muitas vezes, as pessoas que encontram Jesus e o reconhecem, sentem-se maravilhadas. E nós, mediante o encontro com Deus, devemos seguir por este caminho: sentir maravilha. É como o certificado de garantia de que esse encontro é verdadeiro, não é habitual.

No final, porque é que os concidadãos de Jesus não O reconhecem e não acreditam n'Ele? Mas porquê? Qual é a razão? Podemos dizer, em poucas palavras, que não aceitam o escândalo da Encarnação. Não o conhecem, este mistério da Encarnação, não aceitam o mistério: não o sabem [conhecem?] Mas a razão é inconsciente e sentem que é escandaloso que a imensidão de Deus se revele na pequenez da nossa carne, que o Filho de Deus é o filho do carpinteiro, que a divindade está escondida na humanidade, que Deus habita no rosto, nas palavras, nos gestos de um homem simples. Eis o escândalo: a encarnação de Deus, a sua veracidade, o seu “dia a dia”. E Deus tornou-se concreto num homem, Jesus de Nazaré, tornou-se companheiro de caminho, tornou-se um de nós. “Tu és um de nós”, digamos a Jesus: uma bela oração! É porque um de nós nos compreende, nos acompanha, nos perdoa, nos ama muito. Na realidade, é mais cómodo um Deus abstrato e distante que não se intromete em situações e que aceita uma fé distante da vida, dos problemas, da sociedade. Ou gostamos de acreditar num deus “com efeitos especiais”, que só faz coisas excepcionais e proporciona sempre grandes emoções. Pelo contrário, caros irmãos e irmãs, Deus encarnou-se: Deus é humilde, Deus é terno, Deus está escondido, faz-se próximo de nós, habitando a normalidade da nossa vida diária. E assim, acontece a nós como aos concidadãos de Jesus, corremos o risco de, quando ele passa, não o reconhecer. Volto a proferir aquela bonita frase de Santo Agostinho: “Tenho medo de Deus, do Senhor, quando Ele passa”. Mas, Agostinho, porque tens medo? “Tenho medo de não O reconhecer. Tenho medo do Senhor quando Ele passa. *Timeo Dominum transeuntem*”. Não O reconhecemos, escandalizamo-nos com Ele, pensamos como é o nosso coração em relação a esta realidade.

Agora, em oração, peçamos a Nossa Senhora, que acolheu o mistério de Deus na vida quotidiana de Nazaré, que tenhamos olhos e coração livres dos preconceitos e que olhos abertos ao espanto: “Senhor, que eu te encontre”, e quando encontramos com o Senhor há este espanto. Encontramo-nos com Ele na normalidade: olhos abertos às surpresas de Deus, à Sua humilde e oculta presença na vida quotidiana.

Domingo, 18 de julho de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A atitude de Jesus, que observamos no Evangelho da Liturgia de hoje (Mc 6, 30-34), ajuda-nos a compreender dois aspetos importantes da vida. O primeiro é o descanso. Aos Apóstolos, que regressam cansados da missão e narram com entusiasmo tudo o que fizeram, Jesus dirige com ternura um convite: «Vinde à parte, para um lugar deserto, e descansai um pouco» (v. 31). Convida ao descanso

Agindo assim, Jesus oferece-nos um ensinamento precioso. Embora se regozije ao ver os seus discípulos felizes por causa dos prodígios da pregação, não se detém em elogios e perguntas, mas preocupa-se com o seu cansaço físico e interior. E por que faz isto? Porque quer alertá-los para um perigo, que está sempre à espreita também para nós: o perigo de nos deixarmos enredar pelo frenesi do fazer, de cairmos na armadilha do ativismo, onde o mais importante são os resultados que alcançamos, e de nos sentirmos protagonistas absolutos. Quantas vezes acontece até na Igreja: estamos atarefados, corremos, pensamos que tudo depende de nós e, no final, corremos o risco de negligenciar Jesus e no centro voltamos a pôr-nos sempre nós. É por isso que convida os seus discípulos a descansar um pouco à parte, com Ele. Não se trata apenas de descanso físico, mas é também repouso do coração. Dado que não é suficiente “desligar a tomada”, é preciso descansar verdadeiramente. E como se faz isto? Para o fazer, é necessário *voltar à essência das coisas*: parar, ficar em silêncio, rezar, para não passar da correria do trabalho à correria das férias. Jesus não evitava as necessidades da multidão, mas todos os dias, antes de mais nada, retirava-se em oração, em silêncio, na intimidade com o Pai. O seu terno convite - *descansai um pouco* - deveria acompanhar-nos: irmãos e irmãs, tenhamos cuidado com o eficientismo, acabemos com a corrida frenética que dita as nossas agendas. Aprendamos a parar, a desligar o telemóvel, a contemplar a natureza, a regenerar-nos no diálogo com Deus.

No entanto, o Evangelho narra que Jesus e os discípulos não conseguem descansar como gostariam. As pessoas encontram-nos e afluem de todas as

partes. Nessa altura, o Senhor compadece-se. Eis o segundo aspeto: *a compaixão*, que é o estilo de Deus. O estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Quantas vezes no Evangelho, na Bíblia, encontramos esta frase: “Teve compaixão”. Comovido, Jesus dedica-se às pessoas e recomeça a ensinar (cf. vv. 33-34). Parece uma contradição, mas na realidade não é. Na verdade, só o coração que não se deixa levar pela pressa é capaz de se comover, ou seja, de não se deixar arrebatar por si mesmo e pelas coisas a fazer, e de se dar conta dos outros, das suas feridas, das suas necessidades. *A compaixão nasce da contemplação*. Se aprendermos a descansar verdadeiramente, seremos capazes de autêntica compaixão; se cultivarmos um olhar contemplativo, levaremos a cabo as nossas atividades sem a atitude voraz de quem quer possuir e consumir tudo; se permanecermos em contacto com o Senhor e não anestesiarmos a parte mais profunda de nós mesmos, as coisas a fazer não terão o poder de nos tirar o fôlego nem de nos devorar. Necessitamos – prestai atenção a isto – necessitamos de uma “ecologia do coração”, que se compõe de descanso, contemplação e compaixão. Aproveitemos a temporada de verão para isto!

E agora, rezemos a Nossa Senhora, que cultivou o silêncio, a oração e a contemplação, e que se compadece sempre ternamente de nós, seus filhos.

Domingo, 25 de julho de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia deste domingo narra o célebre episódio da multiplicação dos pães e dos peixes, com o qual Jesus dá de comer a cerca de cinco mil pessoas que o vieram ouvir (cf. *Jo* 6, 1-15). É interessante ver como este prodígio acontece: Jesus não cria os pães e os peixes a partir do nada, não, mas opera a partir do que os discípulos lhe trazem. Um deles diz: «Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes: mas que é isso para tanta gente?» (v. 9). É pouco, é nada, mas a Jesus é suficiente.

Procuremos agora colocar-nos no lugar desse rapazito. Os discípulos pedem-lhe que partilhe tudo o que tem para comer. Parece uma proposta sem sentido, aliás, injusta. Por que privar uma pessoa, sobretudo um menino, do que trouxe de casa e tem o direito de reservar para si? Por que tirar a uma pessoa o que não é suficiente para alimentar toda a gente? Humanamente, é ilógico. Mas para Deus não. Pelo contrário, graças a esse pequeno dom gratuito e, portanto, heroico, Jesus pode dar de comer a todos. Para nós é um grande ensinamento. Diz-nos que o Senhor pode fazer muito com o pouco que pomos à sua disposição. Seria bom perguntarmo-nos todos os dias: “O que levo hoje a Jesus?”. Ele pode fazer muito com uma nossa oração, com um nosso gesto de caridade para com os outros, até com uma das nossas misérias entregues à sua misericórdia. A nossa pequenez a Jesus, e Ele faz milagres. É assim que Deus gosta de agir: Ele faz grandes coisas a partir das pequenas, a partir das gratuitas.

Todos os grandes protagonistas da Bíblia – Abraão, Maria e o menino de hoje – mostram *esta lógica da pequenez e do dom*. A lógica do dom é muito diferente da nossa. Procuramos acumular e aumentar o que temos, mas Jesus pede-nos para dar, para diminuir. Gostamos de acrescentar, gostamos das adições; Jesus gosta das subtrações, de tirar algo para o dar a outros. Queremos multiplicar para nós; Jesus aprecia quando dividimos com os outros, quando partilhamos. É curioso que nos relatos da multiplicação dos pães nos Evangelhos, o verbo “multiplicar” nunca aparece. Pelo contrário, os verbos utilizados são de sinal oposto: “partir”, “dar”, “distribuir” (cf. v. 11; *Mt* 14, 19; *Mc* 6, 41; *Lc* 9, 16). Mas o verbo “multiplicar” não é usado. O verdadeiro milagre, diz Jesus, não é a multiplicação que produz ostentação e poder, mas a divisão, a partilha, que aumenta o amor e permite que Deus realize maravilhas. Procuremos partilhar mais, tentemos este caminho que Jesus nos ensina.

Ainda hoje, a multiplicação de bens não resolve os problemas sem uma partilha justa. Vem-me à mente a tragédia da fome, que atinge particularmente os mais pequeninos. Foi calculado – oficialmente – que todos os dias no mundo cerca de sete mil crianças com menos de cinco anos morrem devido à desnutrição, pois não têm o suficiente para viver. Face a escândalos como estes, Jesus dirige-nos um convite, um convite semelhante

ao que provavelmente recebeu o rapaz do Evangelho, que não tem nome e no qual todos nós nos podemos ver: “Coragem, dá o pouco que tens, os teus talentos, os teus bens, torna-os disponíveis para Jesus e para os teus irmãos. Não tenhas medo, nada se perderá, porque se partilhares, Deus multiplica. Expulsa a falsa modéstia de te sentires inadequado, confia. Acredita no amor, acredita no poder do serviço, acredita na força da gratuidade”.

Que a Virgem Maria, que respondeu “sim” à proposta sem precedentes de Deus, nos ajude a abrir o coração aos convites do Senhor e às necessidades dos outros.

Domingo, 1 de agosto de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A cena inicial do Evangelho na Liturgia de hoje (cf. *Jo* 6, 24-35) mostra-nos algumas barcas que se dirigem para Cafarnaum: a multidão vai à procura de Jesus. Poderíamos pensar que isto é uma coisa muito boa, mas o Evangelho ensina-nos que não basta procurar Deus, devemos também perguntar porque O procuramos. De facto, Jesus diz: «buscais-me, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados» (v. 26). Com efeito, as pessoas tinham testemunhado o milagre da multiplicação dos pães, mas não compreenderam o significado do gesto: pararam no milagre exterior e no pão material: unicamente, sem ir mais longe, ao significado disso.

Eis então uma primeira pergunta que todos podemos fazer a nós mesmos: por que procuramos o Senhor? Por que procuro o Senhor? Quais são as motivações da minha fé, da nossa fé? Precisamos de discernir isto, porque entre as muitas tentações que temos na vida, há uma que poderíamos definir *tentação idólatra*. É o que nos leva a procurar Deus para o nosso próprio uso, para resolver problemas, para obter d’Ele o que não podemos obter por nós mesmos, por interesse. Mas desta forma a fé permanece superficial e até – se me é permitido dizê-lo – a fé permanece milagreira:

procuramos Deus para nos alimentarmos e depois esquecemo-nos d'Ele quando estamos satisfeitos. No centro desta fé imatura não há Deus, há as nossas necessidades. Penso nos nossos interesses, em tantas coisas... É correto apresentar as nossas necessidades ao coração de Deus, mas o Senhor, que age muito para além das nossas expectativas, deseja viver connosco, antes de mais, numa relação de amor. E o verdadeiro amor é abnegado, é gratuito: não amamos para depois receber um favor em troca! Isto é interesse, e muitas vezes na vida somos interesseiros.

Uma segunda pergunta pode ajudar-nos, aquela que a multidão faz a Jesus: «Que devemos fazer para executar as obras de Deus?» (v. 28). É como se o povo, provocado por Jesus, dissesse: “Como podemos purificar a nossa busca de Deus? Como passamos de uma fé mágica, que pensa apenas nas próprias necessidades, para uma fé que agrada a Deus?”. E Jesus indica o caminho: responde que a obra de Deus é acolher Aquele que o Pai enviou, ou seja, acolher a Ele, Jesus. Não significa acrescentar práticas religiosas nem observar preceitos especiais; mas acolher Jesus, acolhê-lo na vida, viver uma *história de amor com Jesus*. Ele purificará a nossa fé. Sozinhos, não somos capazes. Mas o Senhor deseja uma relação de amor connosco: antes das coisas que recebemos e fazemos, existe Ele para ser amado. Há uma relação com Ele que vai para além das lógicas do interesse e do cálculo.

Isto é válido em relação a Deus, mas também nas nossas relações humanas e sociais: quando procuramos sobretudo a satisfação das nossas necessidades, corremos o risco de usar pessoas e de instrumentalizar as situações para as nossas finalidades. Quantas vezes já ouvimos de uma pessoa: “Mas esta usa as pessoas e depois esquece-as”. Usar as pessoas para o próprio benefício: é vergonhoso. E uma sociedade que se concentra nos interesses e não nas pessoas é uma sociedade que não gera vida. O convite do Evangelho é este: em vez de nos preocuparmos apenas com o pão material que nos alimenta, aceitemos Jesus como o pão da vida e, a partir da nossa amizade com ele, aprendamos a amar-nos uns aos outros. Com gratuidade e sem cálculos. Amor gratuito e sem cálculos, sem usar pessoas, com abnegação, generosidade e magnanimidade.

Peçamos agora à Santíssima Virgem, Ela que viveu a mais bela história de amor com Deus, que nos conceda a graça de nos abirmos ao encontro com o seu Filho.

Domingo, 8 de agosto de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho da Liturgia de hoje, Jesus continua a pregar ao povo que viu o prodígio da multiplicação dos pães. E convida aquelas pessoas a dar um salto de qualidade: depois de evocar o maná, com que Deus tinha alimentado os pais no longo caminho através do deserto, agora aplica o símbolo do pão a si próprio. Diz claramente: «Eu sou o pão da vida» (Jo 6, 48).

O que significa *pão da vida*? Para viver, há necessidade de pão. Quem tem fome não pede alimentos requintados e caros, pede pão. Quem está desempregado não pede salários enormes, mas o “pão” de um emprego. Jesus revela-se como o pão, ou seja, o essencial, o necessário para a vida de todos os dias; sem Ele as coisas não funcionam. Não *um* pão entre muitos outros, mas o pão da vida. Em síntese, sem Ele, mais do que viver, vai-se vivendo: pois só Ele nutre a nossa alma, só Ele nos perdoa daquele mal que sozinhos não conseguimos superar, só Ele nos faz sentir amados, até quando todos nos desiludem, só Ele nos dá a força de amar, só Ele nos dá a força de perdoar nas dificuldades, só Ele infunde no coração a paz que procuramos, só Ele dá a vida para sempre, quando a vida aqui na terra acaba. É o pão essencial da vida.

«*Eu sou o pão da vida*», diz. Detenhamo-nos nesta bonita imagem de Jesus. Ele poderia ter feito um raciocínio, uma demonstração, mas - como sabemos - Jesus fala por parábolas, e nesta expressão: «Eu sou o pão da vida», resume verdadeiramente todo o seu ser e toda a sua missão. Isto ver-se-á na sua totalidade no final, na Última Ceia. Jesus sabe que o Pai lhe pede não apenas que dê de comer às pessoas, mas que se ofereça a si

mesmo, que se parta a si próprio, a sua vida, a sua carne, o seu coração, para que nós possamos ter vida. Estas palavras do Senhor despertam em nós *a maravilha pelo dom da Eucaristia*. Ninguém neste mundo, por mais que ame outra pessoa, pode tornar-se alimento para ela. Deus fê-lo, e fá-lo, por nós. Renovemos esta maravilha. Façamo-lo adorando o Pão de vida, pois a adoração enche a vida de assombro.

Mas no Evangelho, em vez de se admirar, as pessoas escandalizam-se, rasgam as suas vestes. Pensam: «Conhecemos este Jesus, conhecemos a sua família; como, pois, pode dizer: Eu sou o pão que desceu do céu?» (cf. vv. 41-42). Talvez também nós nos escandalizemos: ficaríamos mais à vontade com um Deus que está no Céu, sem se intrometer na nossa vida, enquanto podemos gerir os nossos assuntos aqui na terra. No entanto, Deus tornou-se homem para entrar na realidade do mundo, para entrar na nossa realidade; Deus tornou-se homem para mim, para ti, para todos nós, a fim de entrar na nossa vida. E interessa-lhe tudo da nossa vida. Podemos falar-lhe dos afetos, do trabalho, do dia a dia, das dores, das angústias, de muitas coisas. Podemos contar-lhe tudo, pois Jesus deseja ter esta intimidade connosco. O que não deseja? Ser relegado para um segundo plano – Ele que é o pão - ser negligenciado e posto de lado, ou ser chamado em causa somente quando precisamos dele.

Eu sou o pão da vida. Comemos juntos pelo menos uma vez por dia; talvez à noite, em família, depois de um dia de trabalho ou de estudo. Seria bom, antes de partir o pão, convidar Jesus, pão de vida, pedir-lhe com simplicidade que abençoe o que fizemos e o que não conseguimos fazer. Convidemo-lo para a nossa casa, oremos em estilo “doméstico”. Jesus estará à mesa connosco e nós seremos alimentados por um amor maior.

A Virgem Maria, em quem a Palavra se fez carne, nos ajude a crescer dia após dia na amizade com Jesus, pão de vida.

SOLENIIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Domingo, 15 de agosto de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia, boa Festa!

Hoje, Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria ao Céu, na liturgia destaca-se o *Magnificat*. Este cântico de louvor é como uma “fotografia” da Mãe de Deus. Maria “exulta de alegria em Deus, porque olhou para a *humilde condição* da Sua serva” (cf. *Lc 1, 47-48*).

O segredo de Maria é a humildade. Foi a humildade que atraiu o olhar de Deus sobre ela. O olhar humano procura sempre a grandeza e fica deslumbrado com o que é ostensivo. Deus, ao contrário, não olha para as aparências, Deus olha para o coração (cf. *1 Sm 16, 7*) e encanta-se com a humildade: a humildade do coração encanta Deus. Hoje, olhando para a assunção de Maria, podemos dizer que a humildade é o caminho para o Céu. A palavra “humildade” deriva do termo latim *humus*, que significa “terra”. É paradoxal: para chegar ao alto, ao Céu, é preciso permanecer baixo, como a terra! Jesus ensina: «Aquele que se humilha será exaltado» (*Lc 14, 11*). Deus não nos exalta pelos nossos dons, pelas riquezas, pela capacidade, mas pela humildade; Deus é apaixonado pela humildade. Deus eleva aqueles que se abaixam, que servem. De facto, Maria nada mais atribui a si mesma do que o “título” de serva: é «a serva do Senhor» (*Lc 1, 38*). Nada mais diz sobre si, nada busca para si.

Hoje, então, podemos perguntar-nos, cada um de nós, no nosso coração: como estou em humildade? Procuo ser reconhecido pelos outros, afirmar-me e ser elogiado, ou penso em servir? Será que sei ouvir, como Maria, ou só quero falar e receber atenções? Será que sei ficar em silêncio, como Maria, ou estou sempre a tagarelar? Sei retroceder, desanuviar contendas e argumentos, ou procuro apenas sobressair sempre? Pensemos nestas questões: Como estou em humildade?

Maria, na sua pequenez, é a primeira a conquistar os céus. O segredo do seu sucesso reside precisamente em reconhecer-se pequena, em reconhecer-se necessitada. Com Deus, apenas quantos se reconhecem como nada são capazes de receber tudo. Apenas aqueles que se esvaziam de si são preenchidos por Ele. E Maria é a «cheia de graça» (v. 28) precisamente por causa da sua humildade. Para nós também, a humildade é sempre o ponto

de partida, o início do nosso ter fé. É essencial ser pobre de espírito, ou seja, *necessitado* de Deus. Aquele que está cheio de si não dá espaço a Deus – e nós frequentemente estamos cheios de nós mesmos – mas quem permanece humilde permite que o Senhor realize grandes coisas (cf. v. 49).

O poeta Dante define a Virgem Maria «humilde e elevada mais que criatura» (*Paraíso XXXIII, 2*). É belo pensar que a criatura mais humilde e mais elevada da história, a primeira a conquistar o céu com todo o seu ser, de corpo e alma, passou a vida principalmente dentro das paredes domésticas, na normalidade, na humildade. Os dias da *Cheia de graça* não foram muito marcantes. Prosseguiram da mesma maneira, no silêncio: no exterior, nada de extraordinário. Mas o olhar de Deus permaneceu sempre sobre ela, admirando a sua humildade, a sua disponibilidade, a beleza do seu coração, nunca manchado pelo pecado.

É uma grande mensagem de esperança para cada um de nós; para ti, que vives dias iguais, cansativos e muitas vezes difíceis. Maria lembra-te hoje que Deus também te chama a este destino de glória. Estas não são palavras bonitas, é a verdade. Não se trata de um final feliz, criado de propósito, de uma ilusão piedosa ou de uma falsa consolação. Não, é pura realidade, viva e verdadeira como Nossa Senhora elevada ao Céu. Celebremo-la hoje com o amor de filhos, celebremo-la, jubilosos, mas humildes, animados pela esperança de um dia estar com ela no Céu!

E oremos agora a ela, para que nos acompanhe no caminho da Terra para o Céu. A fim de que nos recorde que o segredo do percurso está contido na palavra humildade, não nos esqueçamos desta palavra. E que a pequenez e o serviço são os segredos para alcançar a meta, para alcançar o Céu.

Domingo, 22 de agosto de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje (*Jo* 6, 60-69) mostra-nos a reação da multidão e dos discípulos ao discurso de Jesus após o milagre dos pães. Jesus convidou a interpretar esse sinal e a acreditarem nele, que é o verdadeiro pão que desce do céu, o pão da vida; e revelou que o pão que ele dará é a sua carne e o seu sangue. Estas palavras soaram duras e incompreensíveis aos ouvidos do povo, a ponto que, a partir daquele momento – diz o Evangelho – muitos dos seus discípulos voltaram atrás, ou seja, deixaram de seguir o Mestre (vv. 60.66). Então Jesus interpela os Doze: «Também vós quereis retirar-vos?» (v. 67), e Pedro, em nome de todo o grupo, confirma a decisão de permanecer com Ele: «Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna, e nós acreditamos e sabemos que és o Santo de Deus» (*Jo* 6, 68-69). E é uma bonita confissão de fé.

Detenhamo-nos brevemente na atitude daqueles que se retiram, decidindo não seguir mais Jesus. Onde tem origem esta incredulidade? Qual é o motivo desta recusa?

As palavras de Jesus suscitam grande escândalo: Ele está a dizer que Deus escolheu manifestar-se e trazer a salvação na fraqueza da carne humana. É o mistério da encarnação. E a encarnação de Deus é o que dá origem ao escândalo e representa para aquelas pessoas – mas muitas vezes também para nós – um obstáculo. De facto, Jesus afirma que o verdadeiro pão da salvação, que transmite a vida eterna, é a sua própria carne; que para entrar em comunhão com Deus, antes de observar as leis ou cumprir os preceitos religiosos, é preciso viver uma relação real e concreta com Ele. Pois a salvação veio d'Ele, na sua encarnação. Isto significa que não devemos perseguir Deus em sonhos e imagens de grandeza e poder, mas devemos reconhecê-lo na humanidade de Jesus e, conseqüentemente, na dos irmãos e irmãs que encontramos no caminho da vida. Deus fez-se carne. E quando dizemos isto, no Credo, no dia de Natal, no dia da Anunciação, ajoelhamo-nos para adorar este mistério da encarnação. Deus fez-se carne e sangue: humilhou-se para se tornar homem como nós, humilhou-se ao ponto de assumir o nosso sofrimento e o nosso pecado, e por conseguinte, pede-nos que o procuremos não fora da vida e da história, mas na relação com Cristo e com os irmãos. Procurá-lo na vida, na história, na nossa vida

quotidiana. E este, irmãos e irmãs, é o caminho para o encontro com Deus: a relação com Cristo e os irmãos.

Também hoje, a revelação de Deus na humanidade de Jesus pode causar escândalo e não é fácil de aceitar. É aquilo a que São Paulo chama “loucura” do Evangelho perante quantos procuram milagres ou sabedoria mundana (cf. *1 Cor* 1, 18-25). E esta “escandalosidade” é bem representada pelo sacramento da Eucaristia: que sentido pode ter, aos olhos do mundo, ajoelhar-se diante de um pedaço de pão? Por que alimentar-se assiduamente deste pão? O mundo escandaliza-se.

Face ao gesto prodigioso de Jesus que com cinco pães e dois peixes alimenta milhares de pessoas, todos o aclamam e querem levá-lo em triunfo, para o fazer rei. Mas quando Ele próprio explica que aquele gesto é um sinal do seu sacrifício, ou seja, do dom da sua vida, da sua carne e do seu sangue, e que aqueles que O quiserem seguir devem assemelhar-se a Ele, à sua humanidade doada a Deus e aos outros, então isto não agrada, este Jesus põe-nos em crise. Aliás, preocupemo-nos se ele não nos põe em crise, porque talvez tenhamos adulterado a sua mensagem! E peçamos a graça de nos deixarmos provocar e converter pelas suas “palavras de vida eterna”. E Maria Santíssima, que trouxe na carne o Filho Jesus e se uniu ao seu sacrifício, nos ajude sempre a testemunhar a nossa fé com a vida concreta.

Domingo, 29 de agosto de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje mostra alguns escribas e fariseus surpreendidos com a atitude de Jesus. Ficam escandalizados porque os seus discípulos comem sem executarem as abluções rituais tradicionais. Pensam consigo mesmos: “Este modo de fazer é contrário à prática religiosa” (cf. *Mc 7, 2-5*).

Também nós poderíamos perguntar: por que Jesus e os seus discípulos negligenciam estas tradições? Afinal de contas, não são más, são bons hábitos rituais, simples lavagens antes de comer. Por que Jesus não presta atenção a isso? Porque para ele é importante *reconduzir a fé ao seu centro*. No Evangelho vemos isto continuamente: este reconduzir a fé ao centro. E evitar um risco, que se aplica tanto àqueles escribas como a nós: observar formalidades externas, colocando o coração da fé em segundo plano. Com demasiada frequência, também nós “maquilhamos” a alma. A formalidade externa e não o coração da fé: isto é um risco. É o risco de *uma religiosidade da aparência*: parecer bons por fora, negligenciando a purificação do coração. Há sempre a tentação de “agradar a Deus” com alguma devoção externa, mas Jesus não se contenta com este culto. Jesus não quer exterioridade, ele quer uma fé que chegue ao coração.

De facto, imediatamente a seguir, chama de novo a multidão para lhe dizer uma grande verdade: «Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro» (v. 15). Ao contrário, é «*do interior do coração*» (v. 21) que nascem as coisas más. Estas palavras são revolucionárias, pois na mentalidade daquela época pensava-se que certos alimentos ou contactos exteriores tornassem impuros. Jesus inverte a perspectiva: não faz mal o que vem de fora, mas o que nasce dentro.

Amados irmãos e irmãs, isto também nos diz respeito. Muitas vezes pensamos que o mal vem sobretudo de fora: do comportamento dos outros, daqueles que pensam mal de nós, da sociedade. Quantas vezes culpamos os outros, a sociedade, o mundo, por tudo o que nos acontece! É sempre culpa

dos “outros”: é culpa das pessoas, dos que governam, da má sorte, e assim por diante. Parece que os problemas vêm sempre de fora. E passamos o tempo a distribuir culpas; mas *passar o tempo a culpar os outros é perder tempo*. Fica-se zangado, azedo, e mantém-se Deus longe do coração. Como aquelas pessoas do Evangelho, que se queixam, se escandalizam, fazem polémicas e não acolhem Jesus. Não se pode ser verdadeiramente religioso na lamentação: ela envenena, leva à raiva, ao ressentimento e à tristeza, a tristeza do coração, que fecha as portas a Deus.

Peçamos hoje ao Senhor que nos liberte de culpar os outros – como fazem as crianças: “Não fui eu! Foi ele, aquele...”. Peçamos na oração a graça de não perder tempo poluindo o mundo com queixas, porque isto não é cristão. Pelo contrário, Jesus convida-nos a olhar para a vida e para o mundo a partir do nosso coração. Se olharmos para dentro, encontraremos quase tudo o que odiamos fora. E se pedirmos sinceramente a Deus para purificar os nossos corações, então começaremos a tornar o mundo mais limpo. Pois há uma forma infalível de vencer o mal: começar por vencê-lo dentro de si mesmo. Os primeiros Padres da Igreja, os monges, quando lhes perguntavam: “Qual é o caminho para a santidade? Como devo começar?”, diziam, o primeiro passo é acusar-se a si mesmo: acusa-te a ti mesmo. A acusação a nós mesmos. Quantos de nós, em algum momento do dia ou durante a semana, somos capazes de nos acusarmos a nós mesmos? “Sim, aquele fez-me isto, aquilo... aquele uma barbaridade...”. Mas eu? Faço o mesmo, ou faço-o doutro modo... É sabedoria: aprender a acusar-se a si mesmo. Experimentai a fazê-lo, far-vos-á bem. A mim faz bem, quando o consigo fazer, mas faz bem, a todos fará bem.

A Virgem Maria, que mudou a história através da pureza do seu coração, nos ajude a purificar o nosso, superando sobretudo o vício de culpar os outros e de nos queixarmos de tudo.

Domingo, 5 de setembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje apresenta Jesus que cura uma pessoa surda-muda. O que impressiona na narração é o modo como o Senhor realiza este sinal prodigioso. E fá-lo desta forma: chama à parte o surdo-mudo, põe os dedos nos ouvidos e com a saliva toca-lhe a língua, depois olha para o céu, suspira e diz: “*Effatà*”, ou seja, «Abre-te!» (cf. *Mc* 7, 33-34). Noutras curas de doenças igualmente graves, tais como a paralisia ou a lepra, Jesus não realiza tantos gestos. Por que faz tudo isto agora, apesar de só lhe ter sido pedido que pusesse a mão sobre a pessoa doente (cf. v. 32)? Por que faz estes gestos? Talvez porque a condição daquela pessoa tem um valor simbólico particular. Ser surdo-mudo é uma doença, mas também um símbolo. E este símbolo – tem algo a dizer a todos nós. Do que se trata? Trata-se da surdez. Aquele homem não conseguia falar porque não podia ouvir. Com efeito, Jesus para curar a causa da sua doença, coloca primeiro os dedos nos ouvidos, depois na boca, mas primeiro nos ouvidos.

Todos nós temos ouvidos, mas muitas vezes não conseguimos ouvir. Porquê? Irmãos e irmãs, existe de facto uma surdez interior, e hoje podemos pedir a Jesus para lhe tocar e curar. E essa surdez interior é pior do que a física, pois é *a surdez do coração*. Na nossa pressa, com mil coisas para dizer e fazer, não encontramos tempo para parar e ouvir aqueles que falam connosco. Corremos o risco de nos tornarmos impermeáveis a tudo e a não dar lugar àqueles que precisam de ser ouvidos: penso nas crianças, nos jovens, nos idosos, muitos que não precisam tanto de palavras e sermões, mas de ser ouvidos. Perguntemo-nos: como vai a minha escuta? Será que me sensibilizo com a vida das pessoas, que sei como ter tempo para ouvir os que me rodeiam? Isto é para todos nós, mas de uma forma especial para os padres, os sacerdotes. O sacerdote deve ouvir as pessoas, não ter pressa, ouvir..., e ver como pode ajudar, mas depois de ter ouvido. E todos nós: primeiro ouvir, depois responder. Pensemos na vida em família: quantas vezes falamos sem ouvir primeiro, repetindo as próprias ladainhas, sempre as mesmas! Incapazes de ouvir, dizemos as mesmas coisas vezes sem conta, ou não deixamos que a outra pessoa acabe de falar, de se expressar, e interrompemo-la. O renascimento de um diálogo muitas vezes não vem das palavras, mas do silêncio, sem insistências, do recomeçar pacientemente a ouvir a outra pessoa, de ouvir as suas lutas, o que tem dentro. A cura do coração começa com a escuta. Ouvir. E isto cura o coração. “Mas padre, há

peças chatas que dizem sempre as mesmas coisas...”. Escuta-as. E depois, quando acabarem de falar, diz a tua palavra, mas ouve tudo.

E o mesmo é válido com o Senhor. Fazemos bem em inundá-lo com pedidos, mas faríamos bem antes de tudo ouvi-lo. Jesus pede isso. No Evangelho, quando lhe perguntam qual é o primeiro mandamento, ele responde: «*Ouve, Israel*». Depois acrescenta o primeiro mandamento: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração [...] e o teu próximo como a ti mesmo» (Mc 12, 28-31). Mas antes de mais diz: «*Ouve, Israel*». Ouve. Será que nos lembramos de ouvir o Senhor? Somos cristãos, mas talvez, entre os milhares de palavras que ouvimos todos os dias, não encontremos alguns segundos para deixar ressoar em nós algumas palavras do Evangelho. Jesus é a Palavra: se não pararmos para o ouvir, ele passa além. Se não pararmos para ouvir Jesus, ele passa adiante. Santo Agostinho dizia: «Tenho medo do Senhor quando passa». E o medo era de o deixar passar sem o ouvir. Mas se dedicarmos tempo ao Evangelho, encontraremos um segredo para a nossa saúde espiritual. Eis o remédio: todos os dias um pouco de silêncio e de escuta, menos palavras inúteis e mais Palavra de Deus. Sempre com o Evangelho no bolso, que ajuda muito. Hoje, como no dia do nosso Batismo, ouçamos as palavras de Jesus dirigidas a nós: “*Effatà, abre-te*”! Abri os ouvidos. Jesus, desejo abrir-me à tua Palavra; Jesus, abre-me à tua escuta; Jesus, cura o meu coração do fechamento, cura o meu coração da pressa, cura o meu coração da impaciência.

Que a Virgem Maria, aberta à escuta da Palavra, que se fez carne nela, nos ajude todos os dias a escutar o seu Filho no Evangelho e os nossos irmãos e irmãs com coração dócil, com coração paciente e com coração atento.

Domingo, 19 de setembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da liturgia de hoje (Mc 9, 30-37) narra que, a caminho de Jerusalém, os discípulos de Jesus estavam a discutir sobre quem «era o maior entre eles» (v. 34). Jesus dirigiu-lhes então uma frase vigorosa, que se aplica também a nós hoje: «Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos» (v. 35). Se quiseres ser o primeiro, deves pôr-te no final da fila, ser o último, e servir a todos. Com esta frase lapidária, o Senhor inaugura uma inversão: ele derruba os critérios que marcam o que realmente conta. O valor de uma pessoa já não depende do papel que desempenha, do sucesso que tem, do trabalho que faz, do dinheiro no banco; não, não; não depende disso; a grandeza e o sucesso, aos olhos de Deus, têm uma medida diferente: são calculados pelo *serviço*. Não pelo que *se tem*, mas pelo que *se dá*. Queres ser o primeiro? Serve. Este é o caminho.

Hoje a palavra “*serviço*” parece um pouco desbotada, desgastada pelo uso. Mas no Evangelho tem um significado exato e concreto. Servir não é uma expressão de cortesia: *é fazer como Jesus fez*, o qual, resumindo a sua vida em poucas palavras, disse que veio «não para ser servido, mas para servir» (Mc 10, 45). Assim disse o Senhor. Portanto, se quisermos seguir Jesus, devemos percorrer o caminho que ele mesmo traçou, a via do *serviço*. A nossa fidelidade ao Senhor depende da nossa disponibilidade para servir. E isto, sabemos, custa, pois “sabe a cruz”. Mas à medida que os nossos cuidados e disponibilidade para com os outros crescem, tornamo-nos mais livres por dentro, mais semelhantes a Jesus. Quanto mais servimos, mais sentimos a presença de Deus. Sobretudo quando servimos aqueles que nada têm para nos devolver, os pobres, abraçando as suas dificuldades e necessidades com terna compaixão: e assim descobrimos que somos, por nossa vez, amados e abraçados por Deus.

Jesus, precisamente para ilustrar isto, depois de ter falado da *primazia do serviço*, faz um gesto. Vimos que os gestos de Jesus são mais fortes do que as palavras que usa. E qual foi o gesto? Ele pega num menino e coloca-o no meio dos discípulos, no centro, no lugar mais importante (cf. v. 36). O menino, no Evangelho, não simboliza a inocência, mas a pequenez. Porque os mais pequeninos, como as crianças, dependem dos outros, dos adultos, precisam de receber. Jesus abraça aquele menino e diz que quem acolhe um

pequenino, uma criança, é a Ele que acolhe (cf. v. 37). Eis, antes de mais, quem servir: quantos precisam de receber e não têm como restituir. Servir aqueles que precisam de receber e não têm como restituir. Ao acolher aqueles que estão à margem, negligenciados, acolhemos Jesus, porque *Ele está ali*. E num pequenino, num pobre a quem servimos, também nós recebemos o terno abraço de Deus.

Amados irmãos e irmãs, interpelados pelo Evangelho, perguntemo-nos: será que eu, que sigo Jesus, me interesso por aqueles que são mais negligenciados? Ou, como os discípulos daquele dia, procuro gratificação pessoal? Será que entendo a vida como uma competição para criar espaço para mim mesmo à custa dos outros, ou será que acredito que sobressair é servir? E, concretamente: dedico tempo a algum “pequenino”, a uma pessoa que não tem os meios para restituir? Ocupo-me de alguém que não me pode restituir, ou apenas dos meus parentes e amigos? São perguntas que podemos formular a nós mesmos.

Que a Virgem Maria, humilde serva do Senhor, nos ajude a compreender que servir não nos diminui, mas faz-nos crescer. E que há mais alegria em dar do que em receber (cf. At 20, 35).

Domingo, 26 de setembro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da liturgia de hoje narra um breve diálogo entre Jesus e o apóstolo João, que fala em nome de todo o grupo de discípulos. Eles viram um homem que expulsava demónios em nome do Senhor, mas impediram-no de o fazer porque não pertencia ao seu grupo. Jesus, neste momento, convida-os a não impedirem aqueles que praticam o bem, pois concorrem para realizar o projeto de Deus (cf. Mc 9, 38-41). Depois admoesta-os: em vez de dividir as pessoas em boas e más, somos todos chamados a vigiar o nosso coração, para não sucumbirmos ao mal e dar escândalo aos outros (cf. vv. 42-45, 47-48).

As palavras de Jesus revelam *uma tentação* e oferecem *uma exortação*. A tentação é o *fechamento*. Os discípulos desejavam impedir uma obra de bem só porque a pessoa que a realizava não pertencia ao seu grupo. Eles pensam que têm “direitos exclusivos sobre Jesus” e que são os únicos autorizados a trabalhar pelo Reino de Deus. Mas deste modo acabam por se sentir prediletos e consideram os outros como estranhos, a ponto de se tornarem hostis para com eles. Com efeito, irmãos e irmãs, cada fechamento afasta quantos não pensam como nós. E isto – como sabemos – é a raiz de tantos males da história: a partir do absolutismo que muitas vezes gerou ditaduras e de tantas violências para com aqueles que são diferentes.

Mas também devemos vigiar sobre o fechamento na Igreja. Porque o diabo, que é o divisor – é isso que a palavra “diabo” significa, ele faz divisão – insinua sempre suspeitas para dividir e excluir pessoas. Ele tenta com astúcia, e pode acontecer como com aqueles discípulos, que chegam ao ponto de excluir até quantos tinham expulsado o próprio diabo! Por vezes também nós, em vez de sermos comunidades humildes e abertas, podemos dar a impressão de sermos “os melhores da classe” e manter os outros à distância; em vez de procurarmos caminhar com todos, podemos exhibir a nossa “carta de condução de crentes”: “sou crente”, “sou católico”, “sou católica”, “pertencço a esta associação, àquela outra...”; e os outros, pobrezinhos, não. Isto é um pecado. Exibir a “carta de condução de crentes” para julgar e excluir. Peçamos a graça de superar a tentação de julgar e de catalogar, e que Deus nos preserve da mentalidade do “ninho”, a de nos preservarmos ciosamente no pequeno grupo daqueles que se consideram bons: o sacerdote com os seus fidelíssimos, os agentes pastorais fechados entre si para que ninguém se infiltre, os movimentos e as associações no próprio carisma particular, e assim por diante. Fechados. Tudo isto corre o risco de tornar as comunidades cristãs lugares de separação e não de comunhão. O Espírito Santo não quer fechamentos; quer abertura, comunidades acolhedoras onde haja lugar para todos.

E depois, no Evangelho, há a exortação de Jesus: em vez de julgarmos tudo e todos, prestemos atenção a nós mesmos! Na verdade, o risco é sermos inflexíveis para com os outros e indulgentes com nós próprios. E

Jesus exorta-nos a não fazer acordos com o mal, com imagens que impressionam: “Se algo em ti é motivo de escândalo, corta-o”! (cf. vv. 43-48). Se algo te faz mal, corta-o! Ele não diz: “Se algo é motivo de escândalo, pára, reflete, melhora um pouco...”. Não: “Corta-o! Imediatamente!”. Nisto Jesus é radical, exigente, mas para o nosso bem, como um bom médico. Cada corte, cada poda, é para crescer melhor e dar frutos no amor. Então perguntemo-nos: o que há em mim que contrasta com o Evangelho? O que quer Jesus que eu corte concretamente na minha vida?

Rezemos à Imaculada Virgem Maria para que nos ajude a sermos acolhedores para com os outros e vigilantes em relação a nós mesmos.

Domingo, 3 de outubro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho da Liturgia de hoje, vemos uma reação bastante insólita de Jesus: indigna-se. E o mais surpreendente é que a sua indignação não é causada pelos fariseus que o põem à prova com perguntas sobre a liceidade do divórcio, mas pelos seus discípulos que, para o protegerem da multidão, repreendem algumas crianças que são levadas a Jesus. Por outras palavras, o Senhor não se indigna com quantos discutem com ele, mas com aqueles que, a fim de o aliviar do cansaço, afastam as crianças. Porquê? É uma boa pergunta: por que faz isto o Senhor?

Recordemos – era o Evangelho de há dois domingos – que Jesus, ao fazer o gesto de abraçar uma criança, identificou-se com os pequeninos: ensinou que são precisamente os pequeninos, ou seja, aqueles que dependem dos outros, que estão em necessidade e não podem retribuir, que devem ser servidos em primeiro lugar (cf. *Mc 9, 35-37*). Quem procura Deus, encontra-o neles, nos pequeninos, nos necessitados: necessitados não só de bens, mas de cuidados e conforto, como os doentes, os humilhados, os prisioneiros, os imigrantes e os encarcerados. Ele está ali: nos mais

pequeninos. Eis porque Jesus se indigna: cada afronta feita a um pequenino, a um pobre, a uma criança, a um indefeso, é feita a Ele.

Hoje o Senhor retoma este ensinamento e completa-o. De facto, acrescenta: «Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele» (Mc 10, 15). Eis a novidade: o discípulo deve não só servir os mais pequeninos, mas também *reconhecer-se como pequeno*. E cada um de nós, reconhecemo-nos a nós mesmos pequenos perante Deus? Pensemos nisto, ajudar-nos-á. Reconhecemo-nos pequenos, necessitados de salvação, é indispensável para acolher o Senhor. É o primeiro passo para nos abirmos a Ele. No entanto, esquecemo-nos frequentemente disto. Na prosperidade, no bem-estar, temos a ilusão de sermos autossuficientes, de bastarmos a nós próprios, de não precisarmos de Deus. Irmãos e irmãs, isto é um engano, pois cada um de nós é um ser necessitado, um pequenino. Devemos procurar a nossa própria pequenez e reconhecê-la. E nisto encontraremos Jesus.

Na vida, reconhecer-se pequeno é um ponto de partida para se tornar grande. Se pensarmos nisto, crescemos não tanto com base nos sucessos e nas coisas que temos, mas sobretudo nos momentos de luta e fragilidade. Na necessidade, amadurecemos; abrimos o coração a Deus, aos outros, ao sentido da vida. Abrimos os olhos aos outros. Abrimos os olhos, quando somos pequenos, para o verdadeiro sentido da vida. Quando nos sentimos pequenos face a um problema, pequenos diante de uma cruz, de uma doença, quando sentimos fadiga e solidão, não desanimemos. A máscara da superficialidade está a cair e a nossa fragilidade radical está a reemergir: é a nossa base comum, o nosso tesouro, porque *com Deus as fragilidades não são obstáculos, mas oportunidades*. Uma boa oração seria esta: “Senhor, olha para as minhas fragilidades...” e enumerá-las perante Ele. Esta é uma boa atitude diante de Deus.

Na verdade, é precisamente na fragilidade que descobrimos quanto Deus se preocupa connosco. O Evangelho de hoje diz que Jesus é muito terno com os pequeninos: «Depois, tomou-as nos braços, abençoou-as, impondo-lhes as mãos» (v. 16). As contrariedades, as situações que revelam a nossa fragilidade são ocasiões privilegiadas para experimentar o seu amor.

Sabem bem isto quantos rezam com perseverança: em momentos de escuridão ou solidão, a ternura de Deus para conosco torna-se – por assim dizer – ainda mais presente. Quando somos pequeninos, sentimos ainda mais a ternura de Deus. Esta ternura dá-nos paz, esta ternura faz-nos crescer, porque Deus se aproxima de nós à sua maneira, que é proximidade, compaixão e ternura. E quando nos sentimos sem importância, isto é, pequenos, por qualquer razão, o Senhor aproxima-se, sentimo-lo mais próximo. Ele dá-nos paz, faz-nos crescer. Na oração, o Senhor abraça-nos, como um pai com o seu filho. Assim, tornamo-nos grandes: não na ilusória pretensão da nossa autossuficiência – isto não faz grande ninguém – mas na força de recolocar toda a esperança no Pai. Precisamente como fazem os pequeninos, eles fazem assim.

Peçamos hoje à Virgem Maria uma grande graça, a da pequenez: sermos crianças que confiam no Pai, certos de que Ele não deixa de cuidar de nós.

Domingo, 10 de outubro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A liturgia de hoje oferece-nos um encontro entre Jesus e um homem que «possuía muita riqueza» (Mc 10, 22) e que passou à história como «o jovem rico» (cf. Mt 19, 20-22). Não sabemos o seu nome. Na realidade, o Evangelho de Marcos fala dele como «um homem», sem mencionar a idade nem o nome, sugerindo que naquele homem nos podemos ver a nós mesmos, como num espelho. Com efeito, o seu encontro com Jesus permite-nos testar a nossa fé. Quando leio isto, faço um teste sobre a minha fé.

O homem começa por formular *uma pergunta*: «O que devo fazer para alcançar a vida eterna?» (v. 17). Notemos os verbos que utiliza: *dever fazer* – *para ter*. Eis a sua religiosidade: um dever, um fazer para obter; “faço algo para adquirir o que me serve”. Mas esta é uma relação comercial com Deus, um *do ut des*. A fé, ao contrário, não é um rito frio e mecânico, um

“devo-faço-obtenho”. É questão de liberdade e de amor. A fé é questão de liberdade, é questão de amor. Eis um primeiro teste: para mim, o que é a fé? Se for principalmente um dever ou uma moeda de troca, estamos fora do caminho, pois a salvação é um *dom* e não um dever, é gratuita e não se pode comprar. A primeira coisa a fazer é livrar-nos de uma fé comercial e mecânica, que insinua a falsa imagem de um Deus contabilista, um Deus controlador, não pai. E muitas vezes na vida podemos viver esta relação de fé “comercial”: faço isto porque Deus me dá aquilo.

Jesus – segunda passagem – ajuda aquele homem oferecendo-lhe a verdadeira face de Deus. De facto – diz o texto – «fitando nele o olhar», «sentiu afeição por ele» (v. 21): Deus é assim! Eis de onde nasce e renasce a fé: não de um dever, não de algo a ser feito ou pago, mas de *um olhar* de amor a ser acolhido. Assim a vida cristã torna-se bela, se não se basear nas nossas capacidades e projetos, mas sim no olhar de Deus. A tua fé, a minha fé, está cansada? Queres revigorá-la? Procura o olhar de Deus: coloca-te em adoração, deixa-te perdoar na Confissão, apresenta-te perante o Crucificado. Em suma, deixa-te amar por Ele. Este é o início da fé: deixar-se amar por Ele, que é Pai.

Após a pergunta e o olhar – terceira e última passagem – há um convite de Jesus, que diz: «Falta-te apenas uma coisa». O que faltava ao homem rico? O dom, a gratuidade: «Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres» (v. 21). Talvez seja isto que falta também a nós. Muitas vezes fazemos o mínimo indispensável, enquanto Jesus nos convida a fazer o máximo possível. Quantas vezes nos contentamos com os deveres – os preceitos, algumas orações, e muitas coisas deste género – enquanto Deus, que nos dá a vida, nos pede impulsos de vida! No Evangelho de hoje vemos muito bem esta passagem do dever ao dom; Jesus começa por nos recordar os mandamentos: «Não matarás, não adulterarás, não roubarás...» e assim por diante (v. 19), e chega à proposta positiva: “Vai, vende, doa, segue-me!” (cf. v. 21). A fé não pode limitar-se aos não, pois a vida cristã é um sim, um sim de amor.

Caros irmãos e irmãs, uma fé sem dom, uma fé sem gratuidade é uma fé incompleta, é uma fé débil, uma fé doente. Poderíamos compará-la com um

alimento rico e nutritivo sem sabor, ou com um jogo mais ou menos bem jogado, mas sem golo: não, não funciona, falta o “sal”. Uma fé sem dom, sem gratuidade, sem obras de caridade, acaba por nos entristecer: como o homem que, mesmo se Jesus olhou para ele com amor, voltou para casa «entristecido» e «pesaroso» (v. 22). Hoje podemos perguntar-nos: “Como está a minha fé? Vivo-a como algo mecânico, como uma relação de dever ou de interesse com Deus? Lembro-me de a alimentar deixando-me olhar e amar por Jesus?”. Deixarmo-nos olhar e amar por Jesus; deixar que Jesus olhe para nós e nos ame. “E, atraído por Ele, correspondo com gratuidade, com generosidade, com todo o coração?”.

Que a Virgem Maria, que disse um sim total, um sim sem mas – não é fácil dizer sim sem mas: a Virgem Maria fez isto, um sim sem mas – nos faça saborear a beleza de fazer da vida um dom.

Domingo, 17 de outubro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da liturgia de hoje (Mc 10, 35-45) narra-nos que dois discípulos, Tiago e João, pedem ao Senhor que um dia se possam sentar com Ele na glória, como se fossem “primeiros-ministros”, algo do género. Mas os outros discípulos ouvem-nos e ficam indignados. Neste ponto, Jesus oferece-lhes pacientemente um grande ensinamento: a verdadeira glória não se obtém elevando-se acima dos outros, mas vivendo o mesmo batismo que Ele receberá pouco depois em Jerusalém, ou seja, a cruz. O que significa isto? A palavra “batismo” significa “imersão”: com a sua Paixão, Jesus imergiu-se na morte, oferecendo a sua vida para nos salvar. Portanto, a sua glória, a glória de Deus, é amor que se torna serviço, não poder com ambições de domínio. Não poder com ambições de domínio, não! É o amor que se faz serviço. Por isso Jesus conclui dizendo aos seus e também a nós: «Quem quiser ser grande entre vós faça-se vosso servo» (Mc 10, 43). Para vos tornar grandes, deveis percorrer o caminho do serviço, servir os outros.

Estamos diante de duas lógicas diferentes: os discípulos querem *emergir* e Jesus quer *imersão-se*. Reflitamos sobre estes dois verbos. O primeiro é *emergir*. Exprime aquela mentalidade mundana a que somos sempre tentados: viver todas as coisas, até as relações, para alimentar a nossa ambição, escalar os degraus do sucesso, para alcançar posições importantes. A busca do prestígio pessoal pode tornar-se uma *doença do espírito*, também disfarçada de boas intenções; por exemplo, quando por detrás do bem que fazemos e pregamos, na verdade procuramos apenas nós mesmos e a nossa afirmação, ou seja, chegar à frente, subir... E vemos isto também na Igreja. Quantas vezes nós cristãos, que deveríamos ser os servos, procuramos subir, para chegar à frente. Portanto, precisamos sempre de verificar as verdadeiras intenções do coração, de nos perguntarmos: “Por que realizo este trabalho, esta responsabilidade? Para oferecer um serviço ou para ser notado, elogiado e receber e enaltecido?”. A esta lógica mundana, Jesus contrapõe a sua: em vez de se elevar acima dos outros, desce do pedestal para os servir; em vez de se destacar acima dos outros, imerge-se na vida dos demais. Vi no programa “À Sua Imagem” [programa televisivo da Rai, ndr] aquela reportagem da Cáritas para que não falte comida a ninguém: preocupar-se com a fome dos outros, preocupar-se com as necessidades dos outros. Há hoje muitas, muitas pessoas carenciadas, e depois da pandemia ainda mais. Olhar e abaixar-se no serviço, e não procurar escalar para a própria glória.

Eis então o segundo verbo: *imersão-se*. Jesus pede-nos para nos imergirmos. E de que modo? Com compaixão, na vida de quantos encontramos. Ali [naquela reportagem da Cáritas] víamos a fome: e nós, pensamos com compaixão na fome de tantas pessoas? Quando estamos diante da refeição, que é uma graça de Deus e que podemos comer, há muitas pessoas que trabalham e não conseguem ter uma refeição suficiente durante todo o mês. Será que pensamos nisto? Imergir-se com compaixão, ter compaixão. Não é um dado de enciclopédia: há tantos famintos... Não! São pessoas. E eu tenho compaixão pelas pessoas? Compaixão da vida daqueles que encontramos, como fez Jesus comigo, contigo, com todos nós, Ele aproximou-se de nós com compaixão.

Olhemos para o Senhor Crucificado, completamente imerso na nossa história ferida, e descubramos a maneira como Deus faz as coisas. Vejamos que Ele não ficou lá em cima no céu, a olhar para nós, mas baixou-se para lavar os nossos pés. Deus é amor e o amor é humilde, não se eleva, mas desce, como a chuva que cai sobre a terra e traz vida. Mas como fazer para nos pôr no mesmo rumo de Jesus, a passar do emergir para o imergir-nos, da mentalidade do prestígio, mundana, àquela do serviço, cristã? O compromisso é necessário, mas não é suficiente. Por nós mesmos é difícil, para não dizer impossível, mas temos uma força dentro de nós que nos ajuda. É a do Batismo, daquela imersão em Jesus que todos nós recebemos por graça e que nos dirige, impele-nos a segui-lo, a não procurar os nossos interesses, mas a colocar-nos ao serviço. É uma graça, é um fogo que o Espírito acendeu em nós e que deve ser alimentado. Hoje peçamos ao Espírito Santo que renove em nós a graça do Batismo, a imersão em Jesus, na sua maneira de ser, para sermos mais servos, para sermos servos como Ele foi conosco.

Oremos a Nossa Senhora: ela, embora sendo a maior, não procurou emergir, mas foi humilde serva do Senhor, e está totalmente imersa no nosso serviço, para nos ajudar a encontrar Jesus.

Domingo, 24 de outubro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje narra sobre Jesus que, saindo de Jericó, restitui a vista a Bartimeu, um cego que mendiga à beira da estrada (cf. *Mc* 10, 46-52). É um encontro importante, o último antes da entrada do Senhor em Jerusalém para a Páscoa. Bartimeu tinha perdido a vista, mas não a voz! De facto, quando soube que Jesus estava prestes a passar, começou a gritar: «Filho de David, Jesus, tem piedade de mim!» (v. 47). E grita, grita mesmo. Os discípulos e a multidão irritaram-se com os seus gritos e repreenderam-no para que se calasse. Mas ele grita ainda mais alto: «Filho de David, tem piedade de mim!» (v. 48). Jesus ouve, e pára imediatamente. Deus ouve

sempre o grito dos pobres, e não ficou absolutamente perturbado pela voz de Bartimeu, aliás, dá-se conta de que está cheio de fé, uma fé que não tem medo de insistir, de bater à porta do coração de Deus, apesar da incompreensão e das repreensões. E aqui reside a raiz do milagre. Com efeito, Jesus diz-lhe: «A tua fé te salvou» (v. 52).

A fé de Bartimeu transparece da sua oração. Não se trata de uma oração tímida, convencional. Antes de tudo, chama ao Senhor “Filho de David”: ou seja, reconhece-o como Messias, Rei que vem ao mundo. Depois chama-o pelo nome, com confiança: “Jesus”. Não tem medo d’Ele, não se distancia. E assim, do coração, grita ao Deus amigo todo o seu drama: “Tem piedade de mim”. Apenas aquela oração: “Tem piedade de mim”. Não lhe pede algumas moedas, como faz com os transeuntes. Não. *Àquele que tudo pode, pede tudo.* Às pessoas pede moedas, a Jesus que pode fazer tudo, pede tudo: “Tem piedade de *mim*, tem piedade de tudo o que eu sou”. Não pede uma graça, mas apresenta-se: pede misericórdia para a sua pessoa, para a sua vida. Não é um pedido insignificante, mas é muito bonito, pois invoca a piedade, isto é, a compaixão, a misericórdia de Deus, a sua ternura.

Bartimeu não usa muitas palavras. Diz o essencial e confia-se ao amor de Deus, que pode fazer a sua vida florescer novamente, realizando o que é impossível aos homens. Por isso ele não pede esmola ao Senhor, mas manifesta tudo, a sua cegueira e o seu sofrimento, que superava o facto de não poder ver. A cegueira era a ponta do *iceberg*, mas no seu coração deve ter havido feridas, humilhações, sonhos despedaçados, erros, remorsos. Ele rezava com o coração. E nós? Quando pedimos uma graça a Deus, será que colocamos na oração a nossa história, feridas, humilhações, sonhos desfeitos, erros, remorsos?

“*Filho de David, Jesus, tem piedade de mim!*”. Façamos hoje esta oração. E perguntemo-nos: “Como está a minha oração?”. Cada um de nós se pergunte: “Como vai a minha oração?”. É corajosa, tem a boa insistência de Bartimeu, sabe “*alcançar*” o Senhor que passa, ou contenta-se em dar-lhe uma saudação formal de vez em quando, quando me lembro? Essas orações túbias não ajudam minimamente. Ou então: a minha oração é “substancial”, expõe o meu coração diante do Senhor? Apresento-lhe a

história e os rostos da minha vida? Ou é anêmica, superficial, constituída por rituais sem afeto nem coração? Quando a fé está viva, a oração é sentida: não mendiga tostões, não se reduz às necessidades do momento. A Jesus, que tudo pode, deve ser pedido tudo. Não vos esqueçais disto. A Jesus que tudo pode, deve-se pedir tudo, com a minha insistência perante Ele. Ele não vê a hora de derramar a sua graça e alegria nos nossos corações, mas infelizmente somos nós que mantemos a distância, talvez por timidez, ou preguiça ou incredulidade.

Muitos de nós, quando rezamos, não acreditamos que o Senhor possa fazer um milagre. Lembro-me da história – que constatei – daquele pai a quem os médicos disseram que a sua filha de nove anos não superaria aquela noite; estava no hospital. Ele, de autocarro, percorreu setenta quilómetros até ao santuário de Nossa Senhora. Estava fechado e ele, agarrado ao portão, passou a noite inteira a rezar: “Senhor, salva-a! Senhor, dá-lhe a vida!”. Rezava a Nossa Senhora, toda a noite, gritando a Deus, gritando do coração. Depois, de manhã, quando regressou ao hospital, encontrou a sua esposa a chorar. E pensou: “Morreu”. E a esposa disse: “Não se entende, não se entende, os médicos dizem que é uma coisa estranha, parece que sarou”. O grito daquele homem que pedia tudo foi ouvido pelo Senhor que lhe deu tudo. Isto não é uma história: eu mesmo presenciei isto, na outra diocese. Temos esta coragem na oração? Àquele que nos pode dar tudo, peçamos tudo, como Bartimeu, que foi um grande mestre, um grande mestre de oração. Ele, Bartimeu, seja para nós um exemplo com a sua fé concreta, insistente e corajosa. E que Nossa Senhora, Virgem orante, nos ensine a dirigirmo-nos a Deus de todo o coração, na confiança de que Ele ouve atentamente cada oração.

Domingo, 31 de outubro de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Na liturgia de hoje, o Evangelho fala de um escriba que se aproxima de Jesus e lhe pergunta: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» (Mc

12, 28). Jesus responde citando a Escritura e afirma que o primeiro mandamento é amar a Deus; deste, depois, por consequência natural, deriva o segundo: amar o próximo como a si mesmo (cf. vv. 29-31). Ao ouvir esta resposta, o escriba não só a reconhece como certa, mas ao fazê-lo, ao reconhecê-la como certa, repete quase as mesmas palavras ditas por Jesus: «Mestre, disseste bem e segundo a verdade, que amá-lo com todo o coração, com toda a compreensão e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios» (vv. 32-33)

Podemos perguntar-nos: por que, ao dar o seu consentimento, o escriba sente a necessidade de repetir as mesmas palavras de Jesus? Esta repetição parece ainda mais surpreendente, se pensarmos que se trata do Evangelho de Marcos, que tem um estilo muito conciso. Então, que sentido tem esta repetição? Esta repetição é um ensinamento para todos nós que ouvimos. Pois a Palavra do Senhor não pode ser recebida como qualquer outra notícia de atualidade. A Palavra do Senhor deve ser repetida, assimilada, preservada. A tradição monástica, dos monges, usa um termo audaz, mas muito concreto. Diz: a Palavra de Deus deve ser “ruminada”. “Ruminar” a Palavra de Deus. Podemos dizer que é tão nutritiva que deve chegar a todos os âmbitos da vida: abranger, como diz Jesus hoje, todo o coração, toda a alma, toda a mente, toda a força (cf. v. 30). A Palavra de Deus deve ressoar, ecoar, reverberar dentro de nós. Quando há este eco interior que se repete, significa que o Senhor habita o coração. E diz-nos, como àquele bom escriba do Evangelho: «Não estás longe do Reino de Deus» (v. 34).

Amados irmãos e irmãs, o Senhor não procura comentadores habilidosos das Escrituras, mas corações dóceis que, aceitando a sua Palavra, se deixam mudar interiormente. Por isso é tão importante familiarizar com o Evangelho, tê-lo sempre à mão – até um pequeno Evangelho no bolso, na bolsa – para o ler e reler, para nos apaixonarmos por ele. Quando o fazemos, Jesus, Palavra do Pai, entra no nosso coração, torna-se próximo de nós e n’Ele damos fruto. Tomemos o Evangelho de hoje como exemplo: não basta lê-lo e compreender que devemos amar Deus e o próximo. É necessário que este mandamento, que é o “grande mandamento”, ressoe dentro de nós, seja assimilado, se torne a voz da nossa

consciência. Então não permanece letra morta, na gaveta do coração, pois o Espírito Santo faz germinar em nós a semente dessa Palavra. E a Palavra de Deus age, está sempre em movimento, está viva e é eficaz (cf. *Hb* 4, 12). Assim, cada um de nós pode tornar-se uma “tradução” viva, diferente e original. Não uma repetição, mas uma “tradução” viva, diferente e original, da única Palavra de amor que Deus nos dá. Vemos isto na vida dos santos, por exemplo: nenhum é igual a outro, são todos diferentes, mas todos com a mesma Palavra de Deus.

Hoje, então, sigamos o exemplo deste escriba. Repitamos as palavras de Jesus, façamo-las ressoar em nós: “Amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças, e ao próximo como a mim mesmo”. E perguntemo-nos: será que este mandamento guia realmente a minha vida? Reflete-se este mandamento no meu dia a dia? Esta noite far-nos-á bem, antes de irmos dormir, examinar a nossa consciência sobre esta Palavra, para ver se hoje amamos o Senhor e se praticamos um pouco de bem àqueles que encontramos. Que cada encontro seja para dar um pouco de bem, um pouco de amor, que provém desta Palavra. Que a Virgem Maria, em quem a Palavra de Deus se fez carne, nos ensine a acolher no coração as palavras vivas do Evangelho.

SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS

Segunda-feira, 1º de novembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos Todos os Santos e na Liturgia ressoa a mensagem “programática” de Jesus, nomeadamente as Bem-aventuranças (cf. *Mt* 5, 1-12a). Mostram-nos o caminho que conduz ao Reino de Deus e à felicidade: o caminho da humildade, da compaixão, da mansidão, da justiça e da paz. Ser santo significa caminhar por esta estrada. Concentremo-nos agora em dois aspetos deste estilo de vida. Dois aspetos que são próprios deste estilo de vida de santidade: *alegria* e *profecia*.

A alegria. Jesus começa com a palavra «bem-aventurados» (Mt 5, 3). É o anúncio principal, o anúncio de uma felicidade sem precedentes. A bem-aventurança, a santidade não é um programa de vida feito apenas de esforços e renúncias, mas é sobretudo a alegre descoberta de ser filhos amadas por Deus. E isto enche-nos de alegria. Não é uma conquista humana, é um dom que recebemos: somos santos porque Deus, que é o Santo, vem habitar na nossa vida. É Ele quem nos dá a santidade. Por isto somos bem-aventurados! A alegria do cristão, portanto, não é a emoção de um instante ou um simples otimismo humano, mas a certeza de poder enfrentar todas as situações sob o olhar amoroso de Deus, com a coragem e a força que vem d'Ele. Os santos, mesmo no meio de muitas tribulações, experimentaram esta alegria e deram testemunho dela. Sem alegria, a fé torna-se um exercício rigoroso e opressivo, e corre o risco de adoecer de tristeza. Consideremos estas palavras: adoecer de tristeza. Um Padre do deserto disse que a tristeza é um «verme do coração», que corrói a vida (cf. Evagrio Pontico, *Os oito espíritos da maldade*, XI). Questionemo-nos sobre isto: somos cristãos alegres? Sou ou não um cristão alegre? Difundimos alegria ou somos pessoas sombrias, tristes e com cara de funeral? Lembremo-nos que *não há santidade sem alegria!*

O segundo aspeto: *a profecia.* As bem-aventuranças são dirigidas aos pobres, aos aflitos, a quantos têm fome de justiça. É uma mensagem contracorrente. Na verdade, o mundo diz que para ser feliz é preciso ser rico, poderoso, sempre jovem e forte, gozar de fama e sucesso. Jesus inverte estes critérios e faz um anúncio profético - e esta é a dimensão profética da santidade -: a verdadeira plenitude de vida é alcançada seguindo Jesus, praticando a sua Palavra. E isto significa outra pobreza, ou seja, ser pobre dentro, esvaziar-se a si próprio para dar lugar a Deus. Quem se considera rico, bem-sucedido e seguro, baseia tudo em si próprio e fecha-se a Deus e aos irmãos, enquanto aqueles que sabem que são pobres e não são auto-suficientes permanecem abertos a Deus e ao próximo. E encontram a alegria. As bem-aventuranças, então, são a profecia de uma nova humanidade, de uma nova forma de viver: fazer-se pequeno e confiar-se a Deus, em vez de emergir sobre os outros; ser manso, em vez de procurar impor-se; praticar a misericórdia, em vez de pensar apenas em si próprio; comprometer-se com a justiça e a paz, em vez de alimentar, até com

conivência, injustiça e desigualdade. A santidade é acolher e pôr em prática, com a ajuda de Deus, esta profecia que revoluciona o mundo. Então podemos perguntar-nos: testemunho a profecia de Jesus? Expresso o espírito profético que recebi no Batismo? Ou será que me conformo com o conforto da vida e com a minha preguiça, pensando que tudo corre bem se estiver bem para mim? Levo ao mundo a novidade jubilosa da profecia de Jesus ou as queixas habituais por aquilo que não me agrada? Perguntas que nos fará bem fazer a nós próprios.

Que a Santa Virgem nos dê algo da sua alma, aquela alma abençoada que alegremente engrandeceu o Senhor, que “derruba os poderosos dos tronos e eleva os humildes” (cf. *Lc* 1, 52).

Domingo, 7 de novembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A cena descrita no Evangelho da Liturgia de hoje tem lugar no interior do Templo de Jerusalém. Jesus observa, olha para o que está a acontecer nesse lugar, o mais santo de todos, e vê como os escribas gostam de andar por ali para serem notados, saudados e reverenciados, e para terem lugares de honra. E Jesus diz que eles «devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações» (*Mc* 12, 40). Ao mesmo tempo, os seus olhos vislumbram outra cena: uma pobre viúva, precisamente uma daquelas exploradas pelos poderosos, lança ao tesouro do Templo «tudo o que possuía, todo o seu sustento» (v. 44). Assim diz o Evangelho, ela deitou no tesouro todo o seu sustento. O Evangelho apresenta-nos este forte contraste: os ricos, que dão o que é supérfluo para se mostrarem, e uma mulher pobre que, sem aparecer, oferece todo o pouco que possui. Dois símbolos de atitudes humanas.

Jesus olha para as duas cenas. E é precisamente este verbo – “olhar” – que resume o seu ensinamento: daqueles que vivem a fé com duplicidade, como os escribas, e devemos “ter cuidado” para não nos tornarmos como

eles; enquanto para a viúva devemos “olhar” a fim de a tomar como modelo. Detenhamo-nos nisto: *cuidado com os hipócritas e olhar para a pobre viúva.*

Antes de mais, *cuidado com os hipócritas*, ou seja, prestar atenção para não basear a vida no culto da aparência, da exterioridade, no cuidado exagerado da própria imagem. E, sobretudo, cuidado para não submeter a fé aos nossos interesses. Aqueles escribas cobriam, com o nome de Deus, a própria vanglória e, pior ainda, usavam a religião para tratar dos seus negócios, abusando da sua autoridade e explorando os pobres. Aqui vemos essa atitude muito negativa que ainda hoje há em tantos lugares, o clericalismo, este estar acima dos humildes, explorando-os, “espancando-os”, sentindo-se perfeitos. Este é o mal do clericalismo. É uma advertência para qualquer tempo e para todos, para a Igreja e para a sociedade: nunca se aproveitar do próprio papel para esmagar os outros, nunca ganhar dinheiro à custa dos mais fracos! E vigiemos, para que não caiamos na vaidade, para que não nos fixemos nas aparências, perdendo a substância e vivendo na superficialidade. Perguntemo-nos, isso ajudar-nos-á?: no que dizemos e fazemos, queremos ser apreciados e gratificados, ou queremos estar ao serviço de Deus e do próximo, especialmente dos mais fracos? Vigie sobre as falsidades do coração, a hipocrisia, que é uma doença perigosa da alma! É um pensamento duplo, um duplo julgamento, como a própria palavra diz: “julgar sob”, parecer de uma forma e “hipo”, sob, ter outro pensamento. Duplos, pessoas com alma dupla, duplicidade da alma.

E para curar esta doença, Jesus convida-nos *a olhar para a pobre viúva*. O Senhor denuncia a exploração desta mulher que, para fazer a oferta, deve regressar a casa até sem o pouco que tem para viver. Como é importante libertar o sagrado dos vínculos com o dinheiro! Jesus já o tinha dito noutra ocasião: não se pode servir a dois senhores. Ou serves a Deus – e pensamos que Ele está a dizer “ou o diabo”, não – ou Deus ou dinheiro. Ele é um senhor, e Jesus diz que não o devemos servir. Mas, ao mesmo tempo, Jesus elogia o facto que aquela viúva deita tudo o que possui no tesouro. Não lhe sobra nada, mas encontra tudo em Deus. *Ela não tem receio de perder o pouco que tem, porque confia na abundância de Deus*, e esta abundância de Deus multiplica a alegria do doador. Isto também nos faz pensar naquela

outra viúva, a do profeta Elias, que estava prestes a fazer um pão com a última farinha e o último óleo que tinha; Elias diz-lhe: “Dá-me de comer” e ela dá; e a farinha nunca diminuirá, um milagre (cf. *1 Rs 17, 9-16*). O Senhor, diante da generosidade das pessoas, vai sempre além, é mais generoso. Mas é Ele, não a nossa avareza. Eis então que Jesus propõe aquela senhora como mestra de fé: ela não frequenta o Templo para limpar a própria consciência, não reza para se mostrar, não ostenta a fé, mas doa com o coração, com generosidade e gratuidade. As suas moedinhas têm um som mais bonito do que as grandes ofertas dos ricos, porque exprimem uma vida dedicada a Deus com sinceridade, uma fé que não vive das aparências, mas da confiança incondicional. Aprendamos com ela: uma fé sem enfeites exteriores, mas sincera interiormente; uma fé feita de amor humilde a Deus e aos irmãos.

E agora dirijamo-nos à Virgem Maria, que com coração humilde e transparente fez de toda a sua vida um dom para Deus e para o seu povo.

Domingo, 14 de novembro de 2021

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O excerto evangélico da liturgia de hoje inicia com uma frase de Jesus que nos deixa estupefactos: «O sol escurecer-se-á e a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu» (*Mc 13, 24-25*). Mas como, até o Senhor começa a fazer catastrofismos? Não, esta não é certamente a sua intenção. Ele quer que compreendamos que tudo neste mundo, mais cedo ou mais tarde, passa. Até o sol, a lua e as estrelas que formam o “firmamento” – palavra que indica “firmeza”, “estabilidade” – estão destinados a passar.

No final, porém, Jesus diz o que não passará: «O céu e a terra passarão – diz – mas *as minhas palavras não passarão*» (v. 31). As palavras do Senhor não passam. Ele estabelece uma distinção entre as coisas *penúltimas*, que passam, e as coisas *últimas*, que permanecem. É uma

mensagem para nós, para nos guiar nas nossas escolhas importantes da vida, para nos orientar naquilo em que vale a pena investir a vida. No que é transitório ou nas palavras do Senhor, que permanecem para sempre? Obviamente nestas. Mas não é fácil. De facto, as coisas que caem sob os nossos sentidos e nos dão satisfação imediata atraem-nos, enquanto as palavras do Senhor, embora bonitas, vão além do imediato e requerem paciência. Somos tentados a agarrar-nos ao que vemos e tocamos e ao que nos parece mais seguro. É humano, a tentação é esta. Mas é um engano, pois «o céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão». Portanto, eis o convite: não construir a vida na areia. Quando se constrói uma casa, escava-se em profundidade e lançam-se sólidos fundamentos. Só um estulto diria que é dinheiro desperdiçado em algo que não pode ser visto. O discípulo fiel, para Jesus, é aquele que funda a sua vida na rocha, que é a sua Palavra que não passa (cf. *Mt 7, 24-27*), sobre a firmeza da palavra de Jesus: este é o fundamento da vida que Jesus quer de nós, e que não passará.

E agora a pergunta – sempre, quando se lê a Palavra de Deus, formulam-se perguntas – perguntemo-nos: qual é o centro, qual é o coração pulsante da Palavra de Deus? O que, em suma, dá solidez à vida e nunca acabará? Diz-nos São Paulo. O centro, precisamente, o coração palpitante, o que dá solidez, é a caridade: «*A caridade nunca acabará*» (*1 Cor 13, 8*), diz São Paulo, isto é, o amor. Quem faz o bem, investe para a eternidade. Quando vemos uma pessoa generosa e prestável, mansa, paciente, que não sente inveja, não tagarela, não se vangloria, não se encha de orgulho, não falta de respeito (cf. *1 Cor 13, 4-7*), esta é uma pessoa que constrói o Céu na terra. Pode não ter visibilidade, não ter uma carreira, não ser manchete, mas o que faz não se perderá. Porque o bem nunca se perde, o bem permanece para sempre.

E nós, irmãos e irmãs, perguntemo-nos: no que estamos a investir a nossa vida? Em coisas que passam, como dinheiro, sucesso, aparência, bem-estar físico? Disto, nada levaremos. Estamos apegados às coisas terrenas, como se vivêssemos aqui para sempre? Enquanto somos jovens, saudáveis, tudo está bem, mas quando chega o momento da despedida devemos deixar tudo. A Palavra de Deus hoje adverte-nos: a cena deste

mundo passa. E só o amor permanecerá. Basear a própria vida na Palavra de Deus, portanto, não é fugir da história, é imergir-se nas realidades terrenas para as tornar sólidas, para as transformar com amor, imprimindo-lhes o sinal da eternidade, o sinal de Deus. Eis, então, um conselho para fazer as escolhas importantes. Quando não sei o que fazer, como fazer uma escolha definitiva, uma escolha importante, uma escolha que envolve o amor de Jesus, o que devo fazer? Antes de decidirmos, imaginemos que estamos perante Jesus, como no final da vida, perante Aquele que é amor. E pensando em nós mesmos ali, na sua presença, no limiar da eternidade, tomamos a decisão para o hoje. É assim que devemos decidir: olhando sempre para a eternidade, olhando para Jesus. Pode não ser o mais fácil, o mais imediato, mas será aquela boa, sem dúvida (cf. Santo Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, 187).

Que Nossa Senhora nos ajude a fazer as escolhas importantes na vida como ela fez: segundo o amor, segundo Deus.

Domingo, 21 de novembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje, último Domingo do Ano Litúrgico, culmina numa afirmação de Jesus, que diz: «Eu sou Rei» (Jo 18, 37). Ele pronuncia estas palavras perante Pilatos, enquanto a multidão clama para o condenar à morte. Ele diz: “Eu sou rei”, e a multidão grita para o condenar à morte: que contraste! A hora crucial chegou. Anteriormente, parecia que Jesus não queria que o povo o aclamasse como rei: lembremo-nos daquela vez depois da multiplicação dos pães e dos peixes, quando se retirou sozinho para rezar (cf. Jo 6, 14-15).

O facto é que a realeza de Jesus é bastante diferente daquela mundana. «O meu reino – diz a Pilatos – não é deste mundo» (Jo 18, 36). Ele não vem para dominar, mas para servir. Não chega com sinais de poder, mas com o poder dos sinais. Não está vestido com insígnias preciosas, mas está nu na

cruz. E é precisamente na inscrição colocada na cruz que Jesus é definido “rei” (cf. Jo 19, 19). A sua realeza está deveras além dos parâmetros humanos! Poderíamos dizer que ele não é rei como os outros, mas é Rei para os outros. Pensemos nisto: Cristo, diante de Pilatos, diz que é rei no momento em que a multidão está contra Ele, ao passo que quando o seguia e o aclamava, ele distanciou-se daquela aclamação. Por outras palavras, Jesus mostra-se *soberanamente livre* do desejo de fama e glória terrena. E nós – perguntemo-nos – sabemos imitá-lo nisto? Sabemos governar a nossa tendência a sermos continuamente procurados e aprovados, ou fazemos tudo para sermos estimados pelos outros? No que fazemos, particularmente no nosso compromisso cristão, pergunto-me: o que conta? Contam os aplausos ou conta o serviço?

Jesus não só evita qualquer procura de grandeza terrena, como também torna livre e soberano o coração de quem o segue. Ele, queridos irmãos e irmãs, liberta-nos da submissão ao mal. O seu Reino é *libertador*, não há nada de opressivo. Ele trata cada discípulo como um amigo, não como súdito. Cristo, embora esteja acima de todos os soberanos, não traça linhas de separação entre si e os outros; em vez disso, deseja irmãos com quem partilhar a sua alegria (cf. Jo 15, 11). Ao segui-lo, não se perde, nada se perde, mas ganha-se dignidade. Porque Cristo não quer servilismo à sua volta, mas pessoas livres. E – perguntemo-nos agora – de onde vem a liberdade de Jesus? Descobrimo-lo ao voltar à sua declaração perante Pilatos: «Eu sou Rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo, *a fim de dar testemunho da verdade*» (Jo 18, 37).

A liberdade de Jesus vem da verdade. *É a sua verdade que nos liberta* (cf. Jo 8, 32). Mas a verdade de Jesus não é uma ideia, algo abstrato: a verdade de Jesus é uma realidade, é Ele próprio que faz a verdade dentro de nós, liberta-nos das ficções, das falsidades que temos dentro, da linguagem dupla. Ao estarmos com Jesus, tornamo-nos verdadeiros. A vida do cristão não é uma recitação na qual se possa usar a máscara mais conveniente. Porque quando Jesus reina no coração, liberta-o da hipocrisia, do subterfúgio, da duplicidade. A melhor prova de que Cristo é o nosso rei é o desprendimento do que polui a vida, tornando-a ambígua, opaca, triste. Quando a vida é ambígua, um pouco aqui, um pouco ali, é triste, é muito

triste. Certamente, temos sempre de fazer as contas com limitações e falhas: somos todos pecadores. Mas, quando se vive sob o senhorio de Jesus, não nos tornamos corruptos, não nos tornamos falsos, propensos a encobrir a verdade. Não se leva uma vida dupla. Recordai bem: pecadores sim, todos somos, corruptos nunca! Pecadores sim, corruptos jamais. Que Nossa Senhora nos ajude a procurar todos os dias a verdade de Jesus, Rei do Universo, que nos liberta da escravidão terrena e nos ensina a dominar os nossos vícios.

Domingo, 28 de novembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje, primeiro domingo do Advento, ou seja, o primeiro domingo de preparação para o Natal, fala-nos da vinda do Senhor no final dos tempos. Jesus anuncia eventos desoladores e tribulações, mas precisamente neste momento convida-nos a não ter medo. Porquê? Porque tudo vai correr bem? Não, mas porque Ele virá. Jesus voltará, Jesus virá, Ele prometeu-o. E diz: «Quando estas coisas começarem a acontecer, cobrai ânimo e levantai as vossas cabeças, porque a vossa libertação está próxima» (Lc 21, 28). É bom ouvir esta Palavra de encorajamento: erguemo-nos e levantemos a cabeça porque precisamente nos momentos em que tudo parece ter acabado o Senhor vem salvar-nos; esperar por Ele com alegria também no centro das tribulações, nas crises da vida e nos dramas da história. Esperar o Senhor. Mas como podemos levantar a cabeça, não nos deixamos absorver pelas dificuldades, pelos sofrimentos e pelas derrotas? Jesus indica-nos o caminho com um forte apelo: «Tende cuidado convosco: que os vossos corações não se tornem pesados [...]. Velai, orando continuamente» (vv. 34.36).

“Velai”, a *vigilância*. Façamos uma pausa sobre este aspeto importante da vida cristã. Das palavras de Cristo vemos que a vigilância está ligada à atenção: estai atentos, vigiai, não vos distraiais, isto é, permaneçei acordados! Vigiar significa isto: não permitir que o coração se torne

preguiçoso e que a vida espiritual se amoleça na mediocridade. Prestai atenção porque se pode ser “cristãos adormecidos” – e nós sabemos: há muitos cristãos adormecidos, cristãos anestesiados pela mundanidade espiritual – cristãos sem ímpeto espiritual, sem ardor na oração – rezam como papagaios – sem entusiasmo pela missão, sem paixão pelo Evangelho. Cristãos que olham sempre para dentro, incapazes de olhar para o horizonte. E isto leva a “adormecer”: continuar em frente por inércia, caindo na apatia, indiferentes a tudo exceto ao que convém. Esta é uma vida triste, continuar assim... não há felicidade nisto.

Precisamos de estar vigilantes para não arrastar os dias no hábito, para não nos sobrecarregarmos – diz Jesus – com as preocupações da vida (cf. v. 34). As preocupações da vida sobrecarregam-nos. Por conseguinte, hoje é uma boa ocasião para nos perguntarmos: o que torna o meu coração pesado? O que torna o meu espírito pesado? O que me faz sentar na poltrona da preguiça? É triste ver cristãos “na poltrona”! Quais são as mediocridades que me paralisam, os vícios, quais são os vícios que me esmagam e me impedem de levantar a cabeça? E em relação aos fardos que pesam sobre os ombros dos irmãos, estou atento ou indiferente? Estas perguntas fazem-nos bem, pois *ajudam a proteger o coração da acídia*. Mas, padre, diga-nos: o que é a acídia? É um grande inimigo da vida espiritual, também da vida cristã. A acídia é aquela preguiça que faz precipitar, deslizar na tristeza, que cancela o gosto pela vida e a vontade de fazer. É um espírito negativo, um espírito mau que prende a alma no torpor, roubando-lhe a alegria. Começa-se com aquela tristeza, escorrega-se, escorrega-se, e nenhuma alegria. O Livro dos Provérbios diz: «Vela com todo o cuidado sobre o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida» (*Pr* 4, 23). Vela sobre o teu coração: isto significa vigiar, despertar! Estai despertos, protegei o vosso coração.

E acrescentemos um ingrediente essencial: o segredo para estar vigilante é a oração. Com efeito, Jesus diz: «Velai, orando continuamente» (*Lc* 21, 36). É a oração que mantém acesa a lâmpada do coração. Especialmente quando sentimos que o entusiasmo se arrefece, a oração reacende-o, porque nos reconduz para Deus, para o centro das coisas. A oração desperta a alma do sono e concentra-a no que é importante, na

finalidade da existência. Até nos dias mais movimentados, não negligenciemos a oração. Estava a assistir ao programa “À Sua Imagem” uma bela reflexão sobre a oração: ajudar-nos-á, vê-lo far-nos-á bem. Pode servir-nos de ajuda a oração do coração, repetir frequentemente pequenas invocações. No Advento, habituai-vos a dizer, por exemplo: “Vinde, Senhor Jesus”. Apenas isto, dizer: “Vinde, Senhor Jesus”. Este tempo de preparação para o Natal é bonito: pensemos no presépio, no Natal, e digamos de coração: “Vinde, Senhor Jesus, vem”. Repitamos esta oração ao longo do dia, e o espírito permanecerá vigilante! “Vinde, Senhor Jesus”: é uma oração que podemos recitar três vezes, todos juntos. “Vinde, Senhor Jesus”, “Vinde, Senhor Jesus”, “Vinde, Senhor Jesus”.

E agora oremos a Nossa Senhora: ela, que esperou pelo Senhor com coração vigilante, nos acompanhe no caminho do Advento.

SOLENIIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Quarta-feira, 8 de dezembro de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria, faz-nos entrar na sua casa de Nazaré, onde recebe o anúncio do anjo (cf. *Lc* 1, 26-38). Na própria casa, uma pessoa revela-se melhor do que em qualquer outro lugar. É precisamente naquela intimidade doméstica que o Evangelho nos dá um detalhe que revela a beleza do coração de Maria.

O anjo chama-lhe «cheia de graça». Se está cheia de graça, quer dizer que Nossa Senhora está vazia do mal, está sem pecado, Imaculada. Pois bem, ao ouvir esta saudação, Maria - diz o texto - «perturbou-se» (*Lc* 1, 29). Não só se surpreende, mas perturba-se. Receber grandes saudações, honras e elogios às vezes corre o risco de suscitar orgulho e presunção. Recordemos que Jesus não é terno com quem vai à procura das saudações nas praças, da adulação, da visibilidade (cf. *Lc* 20, 46). Maria, ao contrário,

não se exalta, mas perturba-se; em vez de sentir prazer, fica estupefacta. A saudação do anjo parece-lhe maior do que Ela. Porquê? Porque se sente pequena dentro, e esta pequenez, esta humildade, atrai o olhar de Deus.

Assim, dentro das paredes da casa de Nazaré vemos um traço maravilhoso. Como é o coração de Maria? Tendo recebido o maior elogio, perturba-se porque sente dirigido a Ela o que não atribuía a si mesma. Com efeito, Maria não se atribui prerrogativas, não reivindica algo, não atribui nada ao seu mérito. Não se envaidece, não se exalta. Pois na sua humildade sabe que recebe tudo de Deus. Ela está, portanto, *livre de si mesma*, totalmente voltada para Deus e para os outros. Maria Imaculada *não tem olhos para si*. Eis a verdadeira humildade: não ter olhos para si, mas para Deus e para os outros.

Recordemos que esta perfeição de Maria, cheia de graça, é declarada pelo anjo dentro das paredes da sua casa: não na praça principal de Nazaré, mas ali, no escondimento, na maior humildade. Naquela casinha em Nazaré palpitava o maior coração que qualquer criatura já teve. Caros irmãos e irmãs, é uma notícia extraordinária para nós! Pois nos diz que o Senhor, para fazer maravilhas, não precisa de grandes meios nem das nossas excelsas capacidades, mas da nossa humildade, do nosso olhar aberto para Ele e aberto também para os outros. Com esse anúncio, dentro das pobres paredes de uma pequena casa, Deus mudou a história. Também hoje, quer fazer grandes coisas connosco, na nossa vida diária: na família, no trabalho, nos nossos ambientes quotidianos. É ali, mais do que nos grandes acontecimentos da história, que apraz à graça de Deus agir. Mas, pergunto-me, acreditamos nisto? Ou pensamos que a santidade é uma utopia, algo para os especialistas, uma ilusão piedosa, incompatível com a vida comum?

Peçamos a Nossa Senhora uma graça: que nos liberte da ideia enganadora de que o Evangelho é uma coisa e a vida é outra; que acenda em nós o entusiasmo para o ideal de santidade, que não é uma questão de santos nem de santinhos, mas de viver cada dia o que nos acontece, *humildes e jubilosos*, como Nossa Senhora, livres de nós mesmos, com os olhos voltados para Deus e para o próximo que encontrarmos. Por favor, não desanimemos: o Senhor deu a todos nós um bom pano para tecer a

santidade na nossa vida quotidiana! E quando somos assaltados pela dúvida de não sermos bem-sucedidos, ou pela tristeza de sermos inadequados, deixemo-nos fitar pelos “olhos misericordiosos” de Nossa Senhora, pois ninguém que tenha pedido a sua ajuda jamais foi abandonado!

Domingo, 12 de dezembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje, terceiro Domingo de Advento, apresenta-nos vários grupos de pessoas – as multidões, os publicanos e os soldados – que são tocados pela pregação de João Baptista e depois perguntam-lhe: «O que devemos fazer?» (*Lc 3, 10*). *O que devemos fazer?* Esta é a pergunta que fazem. Reflitamos um momento sobre esta questão.

Essa pergunta não vem de um sentido de dever. Pelo contrário, é o coração tocado pelo Senhor, é o entusiasmo pela sua vinda que leva a dizer: *o que devemos fazer?* João afirma: “O Senhor está próximo” – “O que fazer?”. Demos um exemplo: pensemos que um ente querido nos vem visitar. Aguardamo-lo com alegria e impaciência. A fim de o receber adequadamente, limparemos a casa, prepararemos a melhor refeição possível, talvez um presente... Em suma, daremos o melhor de nós. Assim acontece com o Senhor, a alegria pela sua vinda faz-nos dizer: *o que devemos fazer?* Mas Deus formula esta questão a um nível mais elevado: o que devo fazer da minha vida? A que sou chamado? O que me realiza?

Ao colocar esta questão, o Evangelho recorda-nos algo importante: a vida apresenta-nos uma tarefa. A vida não é inútil, não é deixada ao acaso. Não! É um dom que o Senhor nos dá, dizendo-nos: descobre quem és, e trabalha para realizar o sonho que é a tua vida! Cada um de nós – não nos esqueçamos – *é uma missão a realizar*. Portanto, não tenhamos medo de perguntar ao Senhor: o que devo fazer? Repitamos-Lhe frequentemente esta pergunta. Ela aparece também na Bíblia: nos Atos dos Apóstolos algumas pessoas, ouvindo Pedro que anunciava a ressurreição de Jesus,

«emocionaram-se até ao fundo do coração com essas palavras. E perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: “*Que havemos de fazer?*”» (cf. 2, 37). Perguntemo-nos também nós: o que é bom fazer por mim e pelos irmãos? Como posso contribuir para o bem da Igreja, para o bem da sociedade? O Tempo de Advento serve para isto: parar e perguntar-nos como preparar o Natal. Estamos ocupados com tantos preparativos, com dons e coisas que passam, mas perguntemo-nos o que devemos fazer por Jesus e pelos outros! O que devemos fazer?

A esta pergunta “o que devemos fazer?” responde João Batista no Evangelho, *diferentemente para cada grupo*. Com efeito, João recomenda a quantos têm duas túnicas para partilhar com aqueles que não têm nenhuma; aos publicanos, que cobram impostos, diz: «Nada exigais além do que vos foi estabelecido» (Lc 3, 13); e aos soldados: «Não exerçais violência sobre ninguém» (v. 14). A cada um foi dirigida uma palavra específica, relativa à situação real da sua vida. Isto oferece-nos um precioso ensinamento: *a fé encarna-se na vida concreta*. Não se trata de uma teoria abstrata. A fé não é uma teoria abstrata, uma teoria generalizada, não, a fé toca a carne e transforma a vida de cada um. Pensemos sobre a concretismo da nossa fé. Eu, a minha fé: é algo abstrato ou concreto? Levo-a adiante ao serviço dos outros, na ajuda?

E assim, concluindo, perguntemo-nos: o que posso fazer concretamente? Nestes dias, à medida que nos aproximamos do Natal. Como posso fazer a minha parte? Assumamos um compromisso concreto, mesmo que pequeno, que se ajuste à nossa situação de vida, e levemo-lo a cabo para nos prepararmos para este Natal. Por exemplo: posso telefonar àquela pessoa sozinha, visitar aquele idoso ou doente, fazer algo para servir um pobre, um necessitado. Ou ainda: talvez eu tenha um perdão a pedir ou a conceder, uma situação a esclarecer, uma dívida a saldar. Talvez tenha negligenciado a oração, e depois de tanto tempo é hora de me aproximar do perdão do Senhor. Irmãos e irmãs, encontremos algo concreto e realizemo-lo! Que nos ajude Nossa Senhora, em cujo ventre Deus se fez carne.

Domingo, 19 de dezembro de 2021

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da Liturgia de hoje, quarto Domingo do Advento, narra a visita de Maria a Isabel (cf. *Lc* 1, 39-45). Tendo recebido o anúncio do anjo, a Virgem não fica em casa, a pensar no que aconteceu e considerando os problemas e imprevistos, que certamente não faltavam: porque, pobrezinha, não sabia o que fazer com aquela notícia, com a cultura da época... não compreendia... Ao contrário, pensa antes de mais nos necessitados; em vez de se concentrar nos seus problemas, pensa nos necessitados, pensa em Isabel, sua prima, de idade avançada e estava grávida: uma coisa estranha, milagrosa. Maria parte com generosidade, sem se deixar intimidar pelos desconfortos da viagem, respondendo a um impulso interior que a chama a estar perto e a ajudar. Uma longa estrada, quilómetros e quilómetros, e não havia autocarro: teve que ir a pé. Ela sai para ajudar, partilhando a sua alegria. Maria doa a Isabel a alegria de Jesus, a alegria que trazia no coração e no seio. Vai ter com ela e proclama os seus sentimentos, e esta proclamação dos sentimentos depois tornou-se uma oração, o *Magnificat*, que todos nós conhecemos. E o texto diz que Nossa Senhora «se levantou e foi à pressa» (v. 39).

Levantou-se e foi. No último trecho do caminho de Advento deixemo-nos guiar por estes dois verbos. *Levantar e caminhar depressa*: são os dois movimentos que Maria fez e que nos convida a fazer tendo em vista o Natal. Antes de mais, levantar-se. Após o anúncio do anjo, para a Virgem inicia um período difícil: a sua gravidez inesperada expunha-a a incompreensões e até a severas penas, inclusive o apedrejamento, na cultura da época. Imaginemos quantos pensamentos e turbamentos tinha! No entanto, não desanimou, não se abateu, mas *levantou-se*. Não olhou para baixo, para os problemas, mas para o alto, para Deus. E não pensou em pedir ajuda a alguém, mas a quem levar ajuda. Pensou sempre nos outros: assim é Maria, sempre a pensar nas necessidades dos outros. Fará o mesmo, depois, nas bodas de Caná, quando se dá conta de que não há vinho. É um problema de outras pessoas, mas ela pensa nisto e procura encontrar uma solução. Maria pensa sempre nos outros. Pensa também em nós.

Aprendamos de Nossa Senhora este modo de reagir: *levantarmo-nos*, sobretudo quando as dificuldades ameaçam esmagar-nos. Levantarmo-nos, para não ficarmos reféns dos problemas, afundando na autopiedade ou caindo numa tristeza que nos paralisa. Mas porquê levantar-se? Porque Deus é grande e está pronto para nos reerguer se lhe estendermos a mão. Portanto, lancemos n’Ele os pensamentos negativos, os receios que bloqueiam cada impulso e que nos impedem de seguir em frente. E depois façamos como Maria: olhemos para a nossa volta e procuremos alguém a quem possamos ser úteis! Há algum idoso que eu conheço a quem posso oferecer ajuda, companhia? Todos pensem nisto. Ou fazer um serviço para uma pessoa, uma gentileza, um telefonema? Mas a quem posso dar ajuda? Levanto-me e ofereço ajuda. Ao ajudarmos os outros, ajudamo-nos a nós mesmos a reerguermo-nos das dificuldades.

O segundo movimento é *caminhar depressa*. Não significa proceder com agitação, de forma afanada, não, não significa isso. Trata-se, ao contrário, de conduzir os nossos dias com um ritmo feliz, olhando em frente com confiança, sem nos arrastarmos, escravos de lamentações – as queixas arruinam tantas vidas, pois começamos a queixar-nos, a queixar-nos, e a vida desce a pique. Reclamar leva a estar sempre à procura de alguém a quem culpar. Indo em direção da casa de Isabel, Maria prossegue com o passo rápido de alguém cujo coração e vida estão cheios de Deus, cheios da sua alegria. Então perguntemo-nos, para nosso benefício: como é o meu “passo”? Sou proativo ou permaneço melancólico, na tristeza? Avanço com esperança ou fico parado e sinto pena de mim mesmo? Se prosseguirmos com o passo cansado dos resmungos e das tagarelices, não levaremos Deus a ninguém, levaremos apenas amarguras, coisas obscuras. Ao contrário, é tão bom cultivar um humor saudável, como faziam, por exemplo, São Tomás More ou São Filipe Néri. Podemos pedir também esta graça, a graça do humor saudável: faz muito bem. Não esqueçamos que o primeiro ato de caridade que podemos fazer ao próximo é oferecer-lhe um rosto sereno e sorridente. É levar-lhe a alegria de Jesus, como fez Maria com Isabel.

Que a Mãe de Deus nos pegue pela mão, nos ajude a *levantarmo-nos* e a *caminhar depressa* rumo ao Natal!

FESTA DA SANTA FAMÍLIA DE NAZARÉ

Domingo, 26 de dezembro de 2021

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos a Sagrada Família de Nazaré. Deus escolheu uma família humilde e simples para vir entre nós. Contemplemos a beleza deste mistério, ressaltando também dois aspectos concretos para as nossas famílias

O primeiro: *a família é a história da qual provimos*. Cada um de nós tem a própria história, ninguém nasceu por magia, com a varinha mágica; cada um de nós tem uma história e a família é a história de onde provimos. O Evangelho da liturgia de hoje recorda-nos que também Jesus é filho de uma história familiar. Vemo-lo ir a Jerusalém com Maria e José para a Páscoa; depois, faz preocupar a mãe e o pai, que não o encontram; quando o encontram, volta para casa com eles (cf. *Lc 2, 41-52*). É bonito ver Jesus inserido nas vicissitudes dos afetos familiares, que nasce e cresce no abraço e nas preocupações dos seus. Isto é importante também para nós: provimos de uma história tecida com vínculos de amor e a pessoa que hoje somos não nasce tanto dos bens materiais que desfrutamos, quanto do amor que recebemos, do amor no seio da família. Talvez não nasçamos numa família extraordinária e sem problemas, mas é a nossa história – cada um deve pensar: é a minha história - são as nossas raízes: se as cortarmos, a vida torna-se árida! Deus não nos criou para ser líderes solitários, mas para caminhar juntos. Agradeçamos-lhe e rezemos pelas nossas famílias. Deus pensa em nós e quer que estejamos juntos: gratos, unidos, capazes de preservar as raízes. E devemos pensar sobre isto, sobre a nossa história.

O segundo aspecto: *aprende-se a ser família todos os dias*. No Evangelho vemos que até na Sagrada Família nem tudo corre bem: há problemas inesperados, angústias, sofrimentos. Não existe a Sagrada Família dos santinhos. Maria e José perdem Jesus, procuram-no ansiosamente, e encontram-no depois de três dias. E quando, sentado entre os mestres no Templo, responde que deve cuidar das coisas do seu Pai, não

o compreendem. Precisam de tempo para aprender a conhecer o seu filho. Assim também para nós: todos os dias, em família, é preciso aprender a ouvir-se e a compreender-se, a caminhar juntos, a enfrentar conflitos e dificuldades. É o desafio diário, que se vence com a atitude certa, com pequenas atenções, com gestos simples, cuidando dos detalhes das nossas relações. E também isto nos ajuda muito a falar em família, falar à mesa, o diálogo entre os pais e os filhos, o diálogo entre os irmãos ajuda-nos a viver esta raiz familiar que vem dos avós. O diálogo com os avós!

E como se faz isto? Olhemos para Maria, que no Evangelho de hoje diz a Jesus: «O teu pai e eu estávamos à tua procura» (v. 48). O *teu pai* e *eu*, não diz *eu* e o *teu pai*: antes do eu, há o tu! Aprendamos isto: antes do eu há o tu. Na minha língua há um adjetivo para as pessoas que primeiro dizem eu e depois tu: “eu, mim, comigo, para mim e em meu benefício”. Para certas pessoas é assim, primeiro eu, depois tu. Não, na Sagrada Família, primeiro o tu e depois o eu. Para preservar a harmonia na família, devemos combater *a ditadura do eu*, quando o eu se incha. É perigoso quando, em vez de nos ouvirmos, culpamo-nos uns aos outros pelos erros; quando, em vez de termos gestos de cuidado pelos outros, nos fixamos nas nossas necessidades; quando, em vez de dialogar, nos isolamos com o telemóvel - é triste ver uma família almoçar, cada qual com o seu telemóvel, sem falar uns com os outros, cada um a falar com o seu telemóvel; quando nos acusamos uns aos outros, repetindo sempre as mesmas frases, encenando uma comédia que já vimos, onde cada um quer ter razão e, no final, instaura-se um silêncio frio. Aquele silêncio frio e agudo, depois de uma discussão familiar, que é terrível, deveras terrível! Repito um conselho: à noite, no final de tudo, é bom fazer as pazes, sempre. Nunca ir dormir sem ter feito as pazes, caso contrário no dia seguinte haverá uma “guerra fria”! E isto é perigoso, porque começará uma história de repreensões, uma história de ressentimentos. Quantas vezes, infelizmente, dentro de casa nascem e crescem conflitos de silêncios demasiado longos e de egoísmos descuidados! Às vezes chega-se até a violências físicas e morais. Isto dilacera a harmonia e mata a família. Passemos do eu para o tu. O que deve ser mais importante na família, é o tu. E todos os dias, por favor, rezai um pouco juntos, se puderdes fazer o esforço, para pedir a Deus o dom da paz

na família. E comprometamo-nos todos - pais, filhos, Igreja, sociedade civil
- a apoiar, defender e preservar a família, que é o nosso tesouro!

Que a Virgem Maria, esposa de José e mãe de Jesus, ampare as nossas famílias.